



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES – CCHLA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH**

**HISTÓRIA E CULTURA HISTÓRICA: A ESCRITA NEGRA DE OLIVEIRA  
SILVEIRA (1962-1988)**

**ALINE CAVALCANTE E SILVA**

Orientador: Prof. Dr. Elio Chaves Flores  
Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos.

**JOÃO PESSOA – PB**

2015



**HISTÓRIA E CULTURA HISTÓRICA: A ESCRITA NEGRA DE OLIVEIRA  
SILVEIRA (1962-1988)**

**ALINE CAVALCANTE E SILVA**

Dissertação de Mestrado avaliada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ com conceito \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Elio Chaves Flores**

**Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba  
Orientador**

---

**Profa. Dr. Waldeci Ferreira Chagas**

**Programa de Graduação em História – Universidade Estadual da Paraíba  
Examinador Externo**

---

**Prof. Dra. Ana Cristina Marinho Lúcio**

**Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal da Paraíba  
Examinador Interno**

---

**Prof. Dra. Teresa Cristina Furtado Matos**

**Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Universidade Federal da Paraíba  
Suplente Externo**

---

**Profa. Dra. Telma Cristina Delgado Dias Fernandes**

**Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal da Paraíba  
Suplente Interno**

*Dedico este trabalho aos meus avós paternos (Domingos Paulino e Auta de Sousa) – (in memoriam), aos meus avós maternos (Rui Mendes <in memoriam> e Maria de Lourdes); aos meus pais (Ademir e Eliane); a minha filha (Maria Beatriz); em especial, ao escritor, poeta e militante negro (Oliveira Silveira) – (in memoriam) e a Zumbi dos Palmares (in memoriam), por um Brasil mais justo, menos desigual e sem discriminação racial!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Deus e a Nossa Senhora da Penha (Santa a qual sou devota), por guiarem meus passos... Na certeza de que estou no caminho certo!

À minha família (meus pais, irmãos, tios e tias, primos e primas, enfim, a todos) pelo incentivo aos estudos, em especial, a minha mãe, por estar sempre disposta a me ajudar e que desde o nascimento da minha filha, nos momentos de dificuldade, sempre me incentivou a não desistir e a correr na busca dos meus objetivos!!! Especialmente, nesse momento do mestrado, em meio as minhas constantes ausências, por estar sempre presente na vida da minha filha, exercendo bem seu papel de avó e o meu papel de mãe... Certamente, sem o seu apoio, eu não teria conseguido, a você, mãe, meu muito obrigada!!

Ao meu irmão Ademir, pelo auxílio no trabalho e pela tradução do meu resumo, valeu, irmãozinho!

Às minhas primas, Reghini e Amanda, e ao primo Rui Neto, pelos momentos de descontração e também por me incentivarem a seguir em frente, a vocês, meus queridos, meu fraterno abraço! Vocês moram em meu coração!

Aos meus colegas de turma Michael Douglas e Kátia Adriano, pelas várias aventuras juntos, momentos únicos, que jamais esquecerei!

Ao também grande colega de turma Hezrom Vieira e sua noiva Jéssica, por na hora da dificuldade me auxiliar na formatação e leitura do texto.

Ao colega e parceiro de graduação, Danilo Santos, pelas trocas de ideias, pela força, indicação de leituras e material emprestado, valeu, comandante!

Ao professor Waldeci Chagas (UEPB), talvez não esteja lembrado, mas ainda no processo de seleção, me auxiliou nessa caminhada com a leitura do projeto e sugestões, obrigada, professor, sua leitura foi de grande importância! Nesse sentido, agradeço também ao professor José Júnior (UEPB), pela também leitura do projeto e sugestões. E ao colega de ofício e padrinho da minha filha, Afrânio Jácome, pelas indicações e sugestões, a vocês, muito obrigada!

À Itacyara, minha verdadeira e grande amiga, de longas datas, pelos conselhos, “puxões” de orelha (rs), pelo constante incentivo e principalmente por não me deixar desistir diante das dificuldades, obrigada, Tacy, por fazer parte da minha vida de uma maneira tão especial!!

À banca examinadora, por ter se disponibilizado na avaliação deste trabalho e que certamente trarão grandes contribuições com suas sugestões, a todos vocês, meu muito obrigada!

Em especial, ao meu orientador Elio Flores, pelos vários anos de orientação desde a graduação até o mestrado, pelos seus ensinamentos, por compreender minhas ausências e, principalmente, por não ter desistido de mim, muito obrigada professor, por tudo!!

E por fim, a você, Fabiana Lima, por ter tornado meus dias mais alegres e coloridos, pelos constantes incentivos em nossa convivência quase que diária nos momentos finais, pelos também “puxões” de orelha (rs), pelos deliciosos cafés e graças a você eu finalmente aprendi a arte de fazê-lo (rs)!! Obrigada, Bia, por me fazer sonhar, sentir melhor, crescer, rir, acreditar, querer mudar, ir em frente... Às vezes pedimos coisas para a vida que ela não tem como nos oferecer... Mas às vezes ela nos dá coisas que não sabemos agradecer... Obrigada, menina linda!!!

*“Zumbi – nome gravado a lança nos  
contrafortes da serra, a sangue nos  
contrafortes da história, a fibra na alma forte  
dos negros! Séculos antes do Brasil ser livre,  
Palmares foi livre. Séculos antes do país  
considerar-se livre, Palmares foi país e estado  
livre. Palmares, um século inteiro. Libertação  
primeira do Brasil!”*

*(Oliveira Silveira, 1941-2009)*

## RESUMO

A presente dissertação caracteriza-se como uma pesquisa acerca da trajetória histórica do intelectual afro-brasileiro, Oliveira Silveira, enquanto militante negro, tomando por base uma análise historiográfica no que concerne à sua produção poética, entendida como “registros históricos” produzidos no processo de reescrita da história do negro no Brasil e na diáspora. Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo elencar as práticas de afirmação do negro na sociedade brasileira desenvolvidas pelo escritor, a partir das representações africanistas construídas por intermédio de suas poesias e escritos políticos, em que o poeta utiliza suas palavras como arma na luta contra o racismo e valorização do negro na sociedade. Além disso, analisamos também a opção política pelo dia 20 de novembro, como data africanista no Brasil. Para tanto, o recorte temporal situa-se entre os anos de 1962, momento em que ocorre a publicação da primeira obra do escritor, e 1988, cem anos da “Abolição” no Brasil e criminalização do racismo na Constituição brasileira. Em relação às fontes, a pesquisa teve como enfoque a análise documental da produção poética de Oliveira Silveira dentro do recorte temporal proposto, associada à documentação coletiva produzida no âmbito do Movimento Negro Unificado.

**Palavras-chave:** História do Brasil Contemporâneo. Cultura Histórica. Movimento Negro.



## ABSTRACT

This work is part of a research on the historical trajectory of african-Brazilian intellectual, Oliveira Silveira, while black militant, through a historiographical analysis about his poetry, described here within the perspective of "historical records" in the process of rewriting the history of black people in Brazil and in the diaspora. We also intend to analyze the political option for choosing the day of November 20 as the Africanist date in Brazil, within the time frame of 1962 (publication date of Oliveira's first work) and 1988 (the one century anniversary of the slavery abolition in Brazil and criminalization of racism in the Brazilian Constitution). Therefore, the research aims to bring light to black peoples's cultural affirmation in Brazilian society developed by the writer in his Africanists representations built through his poetry and political writings - in which the poet uses his words to fight against racism and to value the black culture in society. The research will be based on the poetry of Oliveira Silveira from 1962/1988 merged with the collective documentation produced under the Unified Black Movement (1978-1988).

**Keywords:** Contemporary history of Brazil. Historical culture. Black Movement.

## LISTA DE TABELAS

### Tabelas

<b>1:</b> Comemorações e atos do 20 de novembro no decorrer de 1970.....	94
<b>2:</b> Grupo Palmares – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.....	96
<b>3:</b> Vinte de Novembro e lutas pós-abolicionistas.....	99
<b>4:</b> Informações sobre algumas das expedições enviadas a Palmares.....	127

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: OLIVEIRA SILVEIRA: ESCRITOR, POETA E MILITANTE NEGRO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO I. MOVIMENTO NEGRO EM MOVIMENTO .....</b>	<b>28</b>
1.1. MOVIMENTO NEGRO: Onde surge o protesto? .....	28
1.2. LUTAS DO MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL NA DÉCADA DE 1970 .....	42
1.3. DE DENTRO DO MOVIMENTO: O militante negro Oliveira Silveira .....	59
<b>CAPÍTULO II. A CONSCIÊNCIA NEGRA ENTRA EM AÇÃO .....</b>	<b>68</b>
2.1. ESCRITOS POLÍTICOS DE OLIVEIRA SILVEIRA .....	68
2.2. BREVE HISTÓRIA SOBRE A CRIAÇÃO DO GRUPO PALMARES .....	81
2.3. UM OLHAR ACERCA DO “VINTE DE NOVEMBRO” .....	90
<b>CAPÍTULO III. CULTURA HISTÓRICA E REGISTRO POÉTICO: A EPOPÉIA DE PALMARES E O “20 DE NOVEMBRO” .....</b>	<b>102</b>
3.1. A INFLUÊNCIA DA LITERATURA NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO: O protagonismo negro na poesia de Oliveira Silveira .....	102
3.2. MUDANÇA DE FOCO: “Poemas sobre Palmares” .....	117
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>134</b>
<b>FONTES.....</b>	<b>137</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>138</b>

## INTRODUÇÃO

### **OLIVEIRA SILVEIRA: escritor, poeta e militante negro**

A pesquisa desenvolvida nessa dissertação configura-se como uma continuação dos trabalhos desenvolvidos por ocasião da graduação. Dessa forma, buscamos dar prosseguimento às discussões iniciadas no PIBIC, financiado pelo CNPq, em que participei na condição de bolsista, executado entre os anos de 2007 e 2010, cujo título era *Visões da África e Práticas Emancipatórias dos Intelectuais Afro-Brasileiros (1944-1988)*, o qual foi desenvolvido em três etapas<sup>1</sup>.

Nesse contexto, a presente dissertação tem objetivo geral contribuir com a nova produção historiográfica acerca da história do negro no Brasil, através de um trabalho de pesquisa que se dispõe a revisitar o passado para reinterpretar essa história, a partir de um olhar sobre a produção de Oliveira Silveira, no período de 1962 (data de publicação da primeira obra do escritor Oliveira Silveira) a 1988 (cem anos da “Abolição” no Brasil e criminalização do racismo na Constituição brasileira), demonstrando exemplos de como a história da população negra vem sendo recontada ou reconstruída sob outra perspectiva, aquela em que o negro aparece enquanto protagonista de sua própria história.

Associado a isto, investigamos como se processou a luta dos negros no Brasil na década de 1970 tecendo um contraponto com a ideia de “democracia racial<sup>2</sup>”; sistematizamos as “representações africanistas”, entendidas aqui sob a ótica de como esse continente e sua história foram representados na produção poética do escritor Oliveira Silveira (1941-2009) em suas obras: *Germinou: poemas* (1962); *Poemas Regionais* (1968); *Décima do Peão Negro* (1974); *Praça da Palavra: poemas* (1976); *Pelo Escuro: poemas afro-gaúchos* (1977); *Roteiro dos Tantãs* (1981); *Poema Sobre Palmares* (1987); *Anotações à Margem* (1994);

---

<sup>1</sup> No primeiro ano da pesquisa (2007-2008), trabalhei com *A narração negra de Guerreiro Ramos e Carolina Maria de Jesus* dentro do recorte temporal de 1944-1968; já no segundo ano da pesquisa, desenvolvido entre 2008 e 2009, trabalhei com *A Fundação da História: africanidades e cultura histórica em Oliveira Silveira* (1968-1978), e na terceira etapa da pesquisa (2009-2010), trabalhei com *A Escrita Negra: vozes da África e o Movimento Negro Unificado* (1978-1988), onde pesquisei os escritos literários dos escritores negros presentes na coleção *Cadernos Negros* (Coletânea de poemas e contos publicados alternadamente a cada ano, de vários escritores negros, desde a década de 1970 até os dias atuais). A partir daí surgiu minha vontade de trabalhar com essa temática em meu trabalho de conclusão de curso (TCC) que resultou em um trabalho intitulado *História e Poesia Africanista: perspectivas de uma leitura historiográfica acerca da obra de Oliveira Silveira (1970-2009)*. Essa experiência de pesquisa foi desenvolvida junto ao Curso de História da Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup> Ver MUNANGA, Kabenguele. *Rediscutindo a Mestiçagem: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004 e GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

*Poemas: antologia* (2009); por fim, analisamos a opção política pelo dia “20 de novembro” como a data africanista<sup>3</sup> no Brasil em oposição ao “13 de maio”.

Posto isto, procuramos inicialmente anunciar o lugar social ao qual pertence o escritor e poeta Oliveira Silveira, tendo por norte a ideia desenvolvida por Certeau (2002, p. 66). Este afirma que a prática do historiador estabelece uma relação (in)direta com o lugar social em que se desenvolve sua atividade, ou seja, encarar a história como uma operação é tentar compreendê-la por meio da combinação de três elementos: o lugar social, a prática e a escrita.

Sendo assim, o poeta, escritor e militante negro Oliveira Ferreira da Silveira, mais conhecido como Oliveira Silveira, é natural de Touro Passo, subdistrito do município de Rosário do Sul (RS), nasceu em 16 de agosto de 1941, é filho de Anair (negra rosariense) e Felisberto Silveira (branco, descendente de uruguaios) e viveu grande parte de sua infância no interior do Rio Grande do Sul, mudando-se posteriormente para Porto Alegre em busca de novos horizontes. No decorrer da década de 1960, publica suas primeiras obras *Germinou: poemas* (1962) e *Poemas Regionais* (1968). Percebemos que essa primeira fase do autor é marcada por um viés regionalista, certamente relacionada à sua vivência no interior, podendo, portanto, denominar sua produção nessa época de poemas “afro-gaúchos”.

É importante destacar as informações que constam na apresentação da obra *Germinou*, escrita por Paulo Luiz da Silva, amigo do poeta, tendo os dois se conhecido na época do curso ginásial no Colégio Estadual Júlio de Castilhos. Paulo Luiz destaca o fato de que Oliveira Silveira publica alguns de seus primeiros poemas em um jornal do Grêmio Estudantil da escola, denominado *O Julinho*. Ainda na apresentação, o digamos “prefaciador”, ratifica a ideia de que essa primeira fase da escrita de Oliveira Silveira está marcada por um “viés regionalista”, justamente em decorrência de ter vivido grande parte de sua infância no interior.

Nessa perspectiva, ressaltamos um trecho da fala do próprio escritor e poeta Oliveira Silveira presente nessa apresentação, em que o mesmo classifica essa obra e outros trabalhos de sua autoria, ainda em fase de produção, como “ensaios”, afirmando não ter ilusões sobre os mesmos. O poeta diz ainda julgar essa sua fase inicial enquanto um aprendizado literário, onde ele publica apenas por finalidade de registro e mesmo de formação.

Oliveira Silveira é formado em Letras pela UFRGS, com especialização em língua francesa. O professor, poeta e pesquisador gaúcho ficou conhecido nacionalmente pela idealização do “20 de Novembro”, proposto inicialmente em 1971 pelo extinto *Grupo*

---

<sup>3</sup> Entendemos aqui como “data africanista” a ideia de construção ou idealização de uma data que realmente representasse as aspirações do povo negro na luta contra sua discriminação e marginalização dentro da sociedade brasileira.

*Palmares*, do qual o mesmo era integrante de maior projeção. Este grupo foi porta-voz da nascente data política para o Brasil que adotava Zumbi dos Palmares como herói nacional, em busca da desconstrução do mito da liberdade concedida no “13 de maio” com a abolição da escravidão. Seria uma resposta negra que, durante todo o período da República, lutou pela denúncia da ação do racismo, do preconceito e da discriminação racial no Brasil.

O referido escritor participou também de vários outros grupos negros, sendo um dos fundadores do grupo *Razão Negra*, da revista *Tiçãõ*, do grupo *Semba Arte Negra* e da *Associação Negra da Cultura*. Foi professor de língua portuguesa na rede estadual do Rio Grande do Sul e integrou o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPIR) da SEPIIR (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial). O poeta faleceu em data recente, 01 de janeiro de 2009, deixando toda uma trajetória de constante atuação no Movimento Negro, através de sua militância política e de sua produção literária negra.

Dessa forma, procurando entender aqui o “lugar” de onde escreve Oliveira Silveira, evidenciamos ainda outra perspectiva de “lugar social”, empreendida pelo escritor e literato negro Luiz Silva<sup>4</sup> (2010, p.25), mais conhecido por “Cutí”, sobre a qual ele afirma:

O preconceito (conjunto de ideias e sentimentos genéricos a respeito de um determinado tipo de pessoa) antinegro está enraizado nos não negros e nos próprios negros. Tem sua origem na escravização e no racismo (teoria que buscou justificativas para o processo de violência e dominação dos povos de origem africana, disseminada cotidianamente nos produtos culturais, por meio do rádio, jornal, televisão, cinema, artes plásticas, literatura etc.). A discriminação (prática do preconceito que se constitui na rejeição do outro, seja por desqualificação verbal, seja por agressão física) instala-se não apenas no relacionamento entre as pessoas. A discriminação se faz presente no ato da produção cultural, inclusive na produção literária. Quando o escritor produz seu texto, manipula seu acervo de memória onde habitam seus preconceitos. É assim que se dá um círculo vicioso que alimenta os preconceitos já existentes. As rupturas desse círculo têm sido realizadas principalmente pelas suas próprias vítimas e por aqueles que não se negam a refletir profundamente acerca das relações raciais no Brasil. Uma das formas que o autor negro-brasileiro emprega em seus textos para romper com o preconceito existente na produção textual de autores brancos é fazer do próprio preconceito e da discriminação racial temas de suas obras, apontando-lhes as contradições e as consequências. Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanação do discurso, o “lugar” de onde fala.

É inserido nesse contexto de produção literária e de lugar social demonstrado por Cuti que percebemos os escritos poéticos de Oliveira Silveira, uma vez que enquanto negro ele

---

<sup>4</sup> Luiz Silva (Cutí) nasceu na cidade de Ourinhos (SP) em 31 de outubro de 1951. Quando tinha dois anos, mudou-se com a família para Santos, onde foi criado. Formado em letras, português-francês, pela Universidade de São Paulo (USP), é mestre em teoria da literatura e doutor em literatura brasileira pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Cutí, como é conhecido, é poeta, ensaísta e escritor e participou da fundação do *Jornegro*, jornal publicado a partir de 1978, dos *Cadernos Negros*, e foi um dos fundadores do Quilombhoje, um grupo paulistano de escritores surgido em 1980 e dedicado a discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura.

sofre as angústias do processo de marginalização e discriminação racial presentes em nossa sociedade e ressalta esse fato em seus poemas, fazendo da “marginalização e discriminação” temas de suas obras, como nos fala Cuti na citação acima destacada. Além disso, concordamos com Cuti quando ele nos diz que: “Ao realizar tal tarefa, demarca o ponto diferenciado de emanção do discurso, o “lugar” de onde fala” (op.cit, p.25).

Nessa perspectiva, ressaltamos o livro *Histórias do Movimento Negro no Brasil*<sup>5</sup> (2007) como sendo uma obra de fundamental relevância, pois traz à tona relatos dos principais militantes do movimento negro no Brasil, dentre eles, Oliveira Silveira. As discussões elencadas na obra relacionam-se à tomada de consciência dos militantes e ativistas negros com relação aos problemas raciais existente em nosso país; os referenciais que os militantes negros receberam; a questão da política no Brasil; a organização do movimento negro brasileiro, suas formas de ação, dentre outras questões.

Dentre os movimentos que surgiram nessa década, destacam-se: Centro de Cultura e Arte Negra (Cecan), fundado em 1972 na cidade de São Paulo; Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, fundado em 1972 na Bahia; Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA); Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba), fundada em 1974; Bloco Ilê Aiyê, também criado em 1974 na Bahia, constituindo-se como único bloco afro, onde só aceitavam negros; Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), fundado em 1975, após uma cisão no Sinba; Centro de Estudos Brasil-África (Ceba), também criado em 1975.

Nessa conjuntura começam a ressurgir também jornais e festivais ligados à causa negra, tais como: o Feconezu (Festival Comunitário Negro Zumbi), criado em 1978 e realizado até hoje no interior de São Paulo; *Cadernos Negros*<sup>6</sup>, uma coletânea de poemas e contos publicados alternadamente a cada ano, de vários escritores negros. Portanto, no Brasil, esses grupos se constituem como exemplos do grande número de organizações negras que vinham surgindo ou “ressurgindo” seja em âmbito regional, estadual ou até mesmo nacional, e se firmando no decorrer da década de 1970, sendo esse período caracterizado por uma face mais político-reivindicativo. Nesse momento é que surge, em 1978, o Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), tornando-se, no ano seguinte, Movimento Negro Unificado (MNU).

---

<sup>5</sup> Essa obra foi organizada por Verena Alberti e Amilcar Araújo Pereira, e é resultado de uma pesquisa realizada pelo (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, desenvolvida entre os anos de 2003 e 2007, com o objetivo de formar um banco de entrevistas com lideranças do movimento negro no Brasil, a partir das décadas de 1970 e 1980 em todas as regiões do país. Dentre os entrevistados, está Oliveira Silveira. Seus depoimentos estão presentes nos capítulos 2, 4, 5, 6 e 9 da seguinte obra.

<sup>6</sup> No ano de 2008, comemoraram-se 30 anos de publicação ininterrupta dessa coletânea, com a publicação de uma edição especial intitulada *Trinta Anos de Cadernos Negros*. São Paulo: FNC/MC, 2008.

É com base no exposto que pretendemos fazer a análise da produção poética do escritor Oliveira Silveira. Contudo, não na perspectiva de uma linguagem estética da literatura, mas sim os entendendo como “registros históricos”, ou seja, um “documento de cultura histórica”, na medida em que o escritor e poeta negro Oliveira Silveira se apropria do discurso histórico em seu processo de reescrita da história do negro no Brasil e na diáspora<sup>7</sup>, conceito ressignificado pelo movimento negro brasileiro.

Para tanto, utilizaremos os conceitos de “poesia insubmissa” e “poesia-resistência”, desenvolvidos por autores como Roberto Pontes (1999) e Alfredo Bosi (2004), enquanto opção teórico-metodológica, relacionando-os ao modo como estudaremos as poesias do escritor Oliveira Silveira.

Roberto Pontes (1999) cunhou o conceito de “poesia-insubmissa” em sua obra *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*, na qual ele faz uma análise da poesia insubmissa a partir dos textos de três poetas, José Gomes Ferreira, em Portugal; Carlos Drummond de Andrade, no Brasil, e Agostinho Neto, em Angola. O autor ressalta o fato de o poema ter sido objeto de estudo de muitos especialistas na contemporaneidade, que apesar de procurarem se aproximar do “ser” da poesia e do poema como forma de manifestação, não estudaram em específico o fenômeno da poesia insubmissa. Sendo assim, para uma análise teórica dessas poesias, é necessário utilizar-se das palavras dos próprios poetas em seus discursos, diários, reflexões, comentários, entre outros.

Já o escritor Alfredo Bosi (2004) fala da poesia como arma na luta contra a realidade social com a qual o poeta convive. Em sua obra *O Ser e o tempo da Poesia*, o autor concebe o conceito de “poesia-resistência”, ressaltando a importância do poema como forma de converter em palavras às experiências ligadas ao cotidiano e também como crítica a realidade em que está inserido. Bosi (2004) destaca ainda que a poesia resiste à memória viva do passado, imaginando uma nova ordem como exemplo de caminhos de resistência. Neste sentido, o importante é apropriar-se das diferentes formas poéticas, no intuito de demonstrar sua consciência, realidade e resistência, como caminho para lutar por suas ideologias.

Desse modo, gostaríamos de elencar também algumas das ideias desenvolvidas pela autora Benedita Damasceno<sup>8</sup> (2003, p.69), em sua obra *Poesia negra no modernismo brasileiro*, onde ela caracteriza a poesia negra brasileira a partir de algumas perspectivas, a saber:

---

<sup>7</sup> Entendida a partir do ponto de vista de uma “dispersão” dos negros que foram sequestrados da África e levados para outras regiões espalhadas mundo afora.

<sup>8</sup> Benedita Gouveia Damasceno Simonetti, escritora negra e funcionária do Itamaraty. Ver [cidinhadasilva.blogspot.com/.../benedita-gouveia-damasceno-e-poesia.html](http://cidinhadasilva.blogspot.com/.../benedita-gouveia-damasceno-e-poesia.html), acesso em 15/05/2015.



- a) Procura e/ou afirmação da identidade negra;
- b) Ausência de um código de cor básico e obrigatório;
- c) Uso de temas da vida e da população negra resultante de vivências próprias ou de estudos e observações conscientes;
- d) Reprodução dos ritmos negros;
- e) Introdução na poesia de termos e palavras do vocabulário afro-brasileiro;
- f) Transformação e reabilitação semântica da linguagem.

Dessas características acima descritas, destacamos em especial aquelas presentes nos itens “a”, “c” e “e” enquanto uma constante nos poemas do escritor Oliveira Silveira. Além disso, quando o assunto é a poesia negra no modernismo brasileiro, Damasceno (2003) destaca alguns autores, e caracteriza sua forma de escrever através de seus poemas, assim como a partir de uma perspectiva mais atual ela inclui o escritor Oliveira Silveira. Nesse sentido, no que diz respeito à poesia desses escritores contemporâneos, Damasceno (2003, p.116) considera que:

[...] consciente, eficaz, esteticamente funcional, comprovando que não há padrões para a poesia negra, pelo menos não os padrões tradicionalmente adotados. Ela não se rotula dentro desta ou daquela escola, mas dentro do sentimento global de uma raça.

Nessa perspectiva também incluímos a poesia de Oliveira Silveira. Importante ainda ressaltarmos da abordagem feita por Cuti (2010, p.44-45):

A literatura negro-brasileira nasce na e da produção negra que se formou fora da África, e de sua experiência no Brasil. A singularidade é negra e, ao mesmo tempo, brasileira, pois a palavra “negro” aponta para um processo de luta participativa nos destinos da nação e não se presta ao reducionismo contribucionista a uma pretensa branca que a englobaria como um todo a receber, daqui e dali, elementos negros e indígenas para se fortalecer. Por se tratar de participação na vida nacional, o realce a essa vertente literária deve estar referenciado à sua gênese social ativa. O que há de manifestação reivindicatória apoia-se na palavra “negro”.

Portanto, no olhar desse autor, denominar a literatura dos escritores brasileiros negros de “afro-brasileira” ou “afrodescendente” constitui uma incoerência. Esta incoerência consiste no fato de que ao utilizar essa denominação se pode estar remetendo à literatura produzida na África, o que não condiz com a realidade brasileira, caracterizada, segundo o autor, como uma literatura de combate ao racismo, diferentemente da literatura africana, fato este inclusive advindo de sua diversidade cultural. Assim diz Cuti (2010, p.36-40):

Atrair a literatura negro-brasileira à literatura africana teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. A literatura africana não combate ao racismo brasileiro. E não se assume como negra. Ainda, a continentalização africana da literatura é um processo desigual se compararmos com outros continentes. Países com a singularidade estético-literária são colocados sob um mesmo rótulo. A diversidade africana mais uma vez é negada. [...] Portanto, a palavra “negro” nos remete à reivindicação diante da existência do racismo, ao passo

que a expressão “afro-brasileiro” lança-nos, em sua semântica, ao continente africano, com suas mais de 54 nações, dentre as quais nem todas são de maioria de pele escura, nem tampouco estão ligadas à ascendência negro-brasileira. Remetemos, porém, ao continente pela via das manifestações culturais. Como a literatura é cultura, então a palavra estaria mais apropriada a servir como selo.

Nesse contexto, o autor ressalta o fato de que os autores chamados de “afro-brasileiros” ou “afrodescendentes” não são necessariamente um negro brasileiro. Logo, a denominação “negra” nessa literatura está atrelada a uma questão de identidade nacional, assim como na medida em que combate ao racismo brasileiro configura-se também enquanto uma bandeira de luta dessa população, uma questão política.

Frente a isso, concordamos com o autor em destaque, pois entendemos que o escritor e poeta negro Oliveira Silveira, acima de tudo, utilizou-se de sua produção literária enquanto “arma” na luta contra a discriminação racial da população negra no Brasil, portanto, enxergamos sua produção poética como uma “produção literária negra”.

Além disso, por mais que Cuti (2010) trabalhe o conceito de poesia negra com autores que remetem o final do século XIX e início do XX, entendemos que esse conceito pode ser aplicado à produção poética de Oliveira Silveira, que é mais contemporânea, atingindo o final do século XX, a partir do que o referido autor chama de “Elos de gerações”, definido como uma espécie de influência que os autores mais atuais receberam das gerações passadas, inclusive se tornando referência para esses autores, inserindo nessa configuração o poeta negro Oliveira Silveira.

Acerca deste conceito, destaca Cuti (2010, p.116):

[...] o elo de gerações liga as idades pela transmissão do conhecimento e do entusiasmo. Por intermédio dele, pela sua participação ativa, aquilo que não está nos livros é legado aos que destes se acercam. E as indicações de leitura passam a fazer parte da ativa função de guiar e sugerir veredas intelectuais aos mais novos.

Pelo fato do escritor Oliveira Silveira não ser um historiador de formação, utilizaremos no trabalho em questão o conceito de “cultura histórica” que, segundo o historiador e filósofo alemão Rüsen (2007, p. 121; 2009, p. 1-3) “abarca o campo em que os potenciais de racionalidade do pensamento histórico atuam na vida prática”, conseqüentemente, “a cultura histórica está para além do domínio do conhecimento adquirido pela ciência da história na aplicação prática do saber histórico”.

Sendo assim, a cultura histórica contempla as diferentes estratégias de investigação “científico-acadêmica, da criação artística, da luta política pelo poder, da educação escolar e extraescolar, do entretenimento e de outros procedimentos ligados à memória histórica pública”. Nesse sentido, a “cultura histórica atua no campo da interpretação do mundo e de si

mesmo, a partir das operações de sentido da experiência do tempo determinantes da consciência histórica”.

Ainda nessa perspectiva, elencamos o conceito de cultura histórica desenvolvido por Elio Chaves Flores (2007, p. 83-102), que o descreve como sendo “os enraizamentos do pensar historicamente que estão aquém e além do campo da historiografia e do cânone historiográfico”. Ou seja, o autor reconhece a cultura histórica como sendo uma produção de saberes históricos das mais diversas áreas sociais com os saberes científicos produzidos por historiadores, portanto, a cultura histórica está além do campo da cultura historiográfica.

Portanto, baseados no conceito de cultura histórica acima elencado, a partir da perspectiva de abordagem de dois autores, podemos perceber esse constructo presente na narrativa poética de Oliveira Silveira, na qual pretendemos entender a imagem que foi se formando do homem negro e de sua história através de seu discurso poético<sup>9</sup>, assim como a resposta dada pelo poeta em determinado tempo dentro da sociedade em que viveu. Como exemplo dessa abordagem da história, podemos citar um trecho do poema denominado “Tantã”, presente na obra *Roteiro dos Tantãs* de Silveira (1981, p.1):

[...]  
 voz vulcânica de chão  
 lavas de lágrimas e de emoção  
 tantã  
 lavas fundas de origem  
 tantã  
 voz do ser

Nesse trecho, observam-se em seus versos, traços ligados à cultura africana, quando o poeta demonstra a utilização desse instrumento pertencente à cultura negra como forma de divulgação dessa cultura marginalizada, instrumento este que é representado por um tambor, e foi utilizado pelos negros sequestrados da África e trazidos para o Brasil Colonial, enquanto uma arma de resistência em torno de sua própria cultura e contra a imposição da cultura europeia.

Ainda nessa perspectiva, podemos apontar a poesia “Encontrei Minhas Origens”, também presente na obra *Roteiro dos Tantãs*, que reúne poemas escritos entre 1970-1972, e que receberam revisões até 1981, ano de sua publicação. No poema, Oliveira Silveira (1981, p.3) narra de maneira simples e brilhante a forma como se constituiu sua consciência e identificação negra, com trechos que seguem abaixo:

---

<sup>9</sup> Entendido aqui a partir de uma perspectiva de como o escritor e poeta está representando, reconstruindo ou ressignificando a imagem do homem negro e de sua história dentro de seus poemas, a ideia de como ele está dando sentido a esse passado.

Encontrei minhas origens  
Em velhos arquivos  
livros

[...]

encontrei minhas origens  
no leste  
no mar em imundos tumbeiros

[...]

encontrei minhas origens  
na cor de minha pele

[...]

em minha gente escura  
em meus heróis altivos  
encontrei  
encontrei-as enfim  
me encontrei

Nesse sentido, percebemos que o contexto em que os poemas foram escritos coincide com a época em que o escritor já havia criado junto com outras pessoas o grupo Palmares. Portanto quando ele nos fala “Encontrei minhas origens em velhos arquivos, livros [...]” podemos deduzir que nesse momento o poeta já vinha pesquisando sobre a história de Palmares e provavelmente pensado na idealização do “20 de novembro” enquanto data mais representativa para história de luta da população negra, fato este perceptível nos versos: “[...] encontrei minhas origens... em minha gente escura, em meus heróis altivos [...]”, pois a proposição do vinte de novembro pesa justamente sobre a construção de quem foi o verdadeiro herói dessa batalha e resistência contra a escravização do povo negro, herói este representado na figura de Zumbi dos Palmares.

Dessa forma, nos utilizamos mais uma vez das ideias desenvolvidas pelo historiador alemão Jörn Rüsen (2007, p. 91-92) para demonstrar que a partir dos exemplos acima de análises de alguns dos poemas do escritor Oliveira Silveira, entendemos que o poeta através de suas pesquisas sobre a história do negro adquire consciência histórica ao longo do tempo diante de sua experiência, onde se utiliza de sua produção poética para produzir um saber histórico. Além disso, dentro dessa perspectiva, ressaltamos o fato do papel da “didática”, colocado por Rüsen enquanto uma função do saber histórico, na medida em que nesse sentido, seu papel se realiza para entendermos como o conhecimento histórico a cerca das análises e pesquisas estão sendo repassado. Nessa conjuntura de pensamento, nos utilizamos também das palavras do escritor e literato negro Luiz Silva (Cutí) para ressaltarmos a ideia de

intencionalidade no ato da comunicação, ou seja, Cuti (2010, p.28-29) destaca que quando estamos escrevendo:

Quando alguém se põe a escrever, não é verdade que escreve para si mesmo. Já no ato da escrita, um leitor ideal vai se formando na mente do escritor, alguém que ele gostaria, intimamente, que lesse o seu texto. As costumeiras dedicatórias são a revelação da ponta do *iceberg* deste leitor concebido no ato da própria escrita, sem que, muitas vezes, o escritor tenha consciência. Isso ocorre porque, ainda que o ato da escrita seja solitário, na maioria das vezes ele enseja o princípio de um grupo: o autor e o leitor. É um ato de comunicação. [...] No tocante à literatura, é com o surgimento de leitores negros no horizonte de expectativa do escritor, bem como de uma crítica com tal característica, que haverá um entusiasmo para que a vertente negra da literatura brasileira se descongele da omissão ou do receio de dizer a sua subjetividade. Um marco importante para isso se deu no final da década de 1970 do século XX, mais precisamente no ano de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo; surgia o Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, cuja sigla logo passou de MNCDR para tão somente MNU – Movimento Negro Unificado. Esse evento histórico dinamizou as entidades. No bojo de toda essa movimentação social que gerou, no mesmo ano, ocorre o lançamento da série *Cadernos Negros*.

Inseridos nesse contexto é que percebemos também esse “horizonte de expectativa” que vai se construindo entre o escritor Oliveira Silveira e o público em especial que ele busca atingir, no que Cuti denomina “intencionalidade no ato da comunicação”.

No que diz respeito às representações históricas, gostaríamos inicialmente de elencar o conceito de “representação” segundo a perspectiva de Roger Chartier (2002, p.17), que nos diz:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.

Dessa forma entendemos que a ideia de “representação” acima elencada busca entender o fato de como as pessoas se veem representadas na sociedade e de como os elementos pertencentes a esta sociedade estão sendo significados e representados. Ou seja, buscamos elencar de que forma Oliveira Silveira foi construindo uma imagem do negro e da África dentro de suas poesias, ressignificando e estabelecendo uma representação positiva da população negra ou de afrodescendentes. Portanto, a partir desta perspectiva, entendemos que o presente trabalho se insere dentro dos paradigmas da História Cultural, como um campo de estudos dentro da Nova História, de onde segundo Peter Burke (2005) ocorre um deslocamento do olhar dos indivíduos heroicos para os indivíduos comuns que movem a vida

social. Configurando-se como uma virada historiográfica, a partir do momento em que os intelectuais negros passam a ser protagonistas de sua própria história.

Já o conceito de “representações históricas”, pensamos aqui de acordo com a perspectiva do autor Reinhart Koselleck (2006, p. 133-134), para o qual o problema da representação na história está no fato de como ela narra e descreve no campo do conhecimento, as diferentes dimensões temporais do movimento histórico. Nesse sentido, o autor ressalta sua ideia principal de que na prática, o limite entre a narração e a descrição não pode ser mantido, dentro dessa perspectiva ele destaca o fato de que “eventos” só podem ser narrados e “estruturas” só podem ser descritas. Sendo assim, pretendemos elencar as “representações africanistas”<sup>10</sup> presentes na produção poética de Oliveira Silveira, entendidas aqui a partir da ideia das “visões” da África que o escritor construiu em seus poemas.

O trabalho recairá também sobre os Estudos Culturais de recorte identitário, que passa a desenvolver-se a partir dos movimentos anticolonialistas na África negra em suas lutas pela total libertação e emancipação do continente, influenciado também pela luta dos direitos civis dos negros afro-americanos na temporalidade 1950-1980. Nesse contexto, ressaltamos das ideias desenvolvidas por Stuart Hall (2014, p.52), em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, a primeira edição é de 1992, no que diz respeito ao conceito de identidade como sendo algo formada e transformada no interior da representação, de “tradução”, como podemos observar no trecho abaixo:

Esse conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão *unificadas* no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). As pessoas pertencentes a essas *culturas híbridas* têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico.

Portanto, segundo Hall (2014, p.52-53), esse conceito de tradução relaciona-se ao produto das *novas diásporas* criadas pelas migrações pós-coloniais, quando ele diz:

---

<sup>10</sup> A denominação “representações africanistas” está atrelada aqui ao que o autor Cuti chama de identidade cultural no sentido de que: “A identidade cultural – estabelecida quando o poeta lança-se em busca de seus valores, por meio de suas manifestações inspiradas na África que atravessou o oceano Atlântico e se instalou no Brasil, a África mítica que não é a dos africanos, mas pertence aos negros que daquele continente saíram e criaram pelo mundo afora formas de expressão de seus sentimentos – é a identidade a que mais se faz referência quando se estuda literatura”. (CUTI, 2010, p. 105).

Eles devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia.

Sendo sob essa perspectiva apontada por Hall que entendemos a construção das identidades negras, em especial, no interior da sociedade brasileira, quando a todo o momento as pessoas negras vítimas que foram e ainda são do processo de marginalização e discriminação contra a sua cultura, história, religião, tradições, dentre outros aspectos, foram obrigadas a nesse processo de “tradução” fruto das “novas diásporas” e da criação das chamadas “culturas híbridas”, resistirem em torno de sua própria cultura e identificação negra, inseridos nesse processo de dispersão de seu povo, empreendido pela sociedade branca colonialista e escravista.

Nesse contexto, pretendemos entender também de que forma o texto literário se apresenta enquanto produtor de um conhecimento histórico, a partir de algumas indagações levantadas por Hayden White (2001, p. 98), quais sejam: “Qual é a estrutura de uma consciência peculiarmente *histórica*? Qual é o *status* epistemológico das *explicações* históricas, quando comparadas a outros tipos de explicações que poderiam ser oferecidos para esclarecer a matéria de que se ocupam comumente os historiadores? Quais são as *formas* possíveis de representação histórica e quais suas bases? Que autoridade podem os relatos históricos reivindicar como contribuições a um conhecimento seguro da realidade em geral e às ciências humanas em particular?”. Dentro dessa perspectiva é que para este autor a meta-história tenta fazer, na medida em que a História seria uma representação do passado, um tipo específico de discurso em prosa acerca do passado. O presente autor destaca o texto histórico enquanto uma operação literária, no qual entende que isto não retira das narrativas históricas um tipo de conhecimento. Ainda segundo o autor, as “narrativas históricas” não são apenas modelos de acontecimentos e processos passados, ou seja, não são “apenas uma reprodução dos acontecimentos relatados, mas também envolve um complexo de símbolos que fornece direções e estrutura aos acontecimentos” em nossa tradição literária. Portanto, para este autor, é por meio da construção de uma linguagem que se cria a narrativa histórica, seriam “visões de mundo” do historiador, e essa linguagem seria especificamente uma linguagem figurativa, a partir da utilização de figuras de linguagem como a metáfora, metonímia, sinédoque, assim como a partir do uso da ironia e da sátira.

Nesse sentido, é que nos utilizamos de suas ideias, mas não para destacar o texto histórico enquanto um artefato literário, e sim, para demonstrar a produção poética do

Oliveira Silveira enquanto um documento poético que produz um conhecimento histórico através da construção de uma linguagem que se utiliza muito das figuras de linguagem, a exemplo da metáfora, ou em especial, da ironia. Bebendo um pouco das ideias de Hayden White, gostaríamos de destacar então como exemplo dessa possibilidade a obra *Poema sobre Palmares* (1987), que se configura enquanto uma grande epopeia, onde a criação de sua narrativa histórica não se limita apenas ao papel da descrição de um acontecimento histórico, mas de uma representação histórica acerca de seu objeto de estudo enquanto uma produção de conhecimento histórico, onde o escritor, mesmo não possuindo uma formação histórica acadêmica, pesquisa, busca as fontes, faz suas análises e seus recortes, e dentro dessa perspectiva constrói sua narrativa.

Em contrapartida à ideia narrativista desenvolvida por Hayden White, se apresentam as ideias desenvolvidas pelo autor alemão Reinhart Koselleck (2006), um pensador racionalista, preocupado com a história enquanto ciência, mesmo que com algumas ressalvas. Um dos questionamentos levantados por este autor seria qual a diferença entre o pensamento histórico e conhecimento histórico?; sendo este um traço característico da cultura ocidental. Nesse sentido, para Koselleck, pensar é perceber (pensamento histórico) e conhecer é produzir racionalidades (conhecimento histórico), portanto, na medida em que passamos do pensamento para o conhecimento, adicionamos elementos teóricos que exigem aspectos e qualidades que só a formação, a experiência, o controle dos procedimentos teórico-metodológicos podem oferecer. Ou seja, o trabalho da história é fazer essa mediação entre o que se viveu e o que se deseja, e o historiador é o responsável por fazer essa mediação, essa reaproximação na medida em que ele escreve, não bastando, portanto, dentro dessa perspectiva, descrever ou narrar.

Ainda mergulhados nas ideias de Koselleck, ressaltamos o fato de que para este autor a assimetria entre o passado e o futuro permite a compreensão do tempo histórico, nesse sentido é que ocorre o reconhecimento do tempo histórico enquanto experiência. Sendo dentro dessa perspectiva que entendemos o escritor Oliveira Silveira, enquanto um sujeito histórico que vivenciou experiências construindo histórias pelas expectativas que atuou ou sofreu. Mesmo que para alguns desses autores acima citados, a história e a literatura se diferenciem na medida em que estas narram e lidam com as temporalidades, mas a história possua um discurso próprio.

Sendo assim, destacamos o fato de que mesmo que o escritor Oliveira Silveira não possua uma formação histórica, ele possui a “experiência e expectativa” de informar aos homens do presente, mais especificamente, a população negra ou de afro-brasileiros, a



respeito de seu passado para confrontar as experiências, inclusive no que diz respeito ao fato dessa história ter sido contada e recontada por muito tempo sob a visão do “outro”, ou seja, sob uma perspectiva eurocêntrica<sup>11</sup>. Ainda nessa perspectiva, por mais que este escritor não possua o controle dos procedimentos teórico-metodológicos tão cobrados aos historiadores na hora de pôr em prática suas pesquisas e na construção de sua escrita da história, ele escolhe e define seu método através da construção de seus poemas, buscando em fontes historiográficas os fatos e acontecimentos que pretende elencar, faz seus recortes e se utiliza da linguagem figurada na construção de suas “narrativas históricas” no interior de sua produção poética e na construção de determinado conhecimento histórico.

Postas essas questões iniciais, no primeiro capítulo *Movimento negro em movimento* pretendemos desenvolver um pequeno histórico acerca do Movimento Negro procurando ressaltar inicialmente a denúncia dos primeiros protestos da população negra em terras brasileiras a partir da produção poética de Oliveira Silveira utilizadas enquanto documento de cultura histórica sobre a história do negro no Brasil, assim como elencar as discussões presentes em autores como Moura (1983), Silva (1988), Santos (2001), Guimarães (2002), dentre outros que trabalharam a temática da história do negro no Brasil ou a questão racial brasileira. Em seguida traçar um panorama historiográfico das lutas desse movimento no decorrer da década de 1970 a partir de depoimentos dos próprios militantes presentes na obra *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (2007), época em que foi grande o número de entidades ligadas ao movimento negro que surgiram ou ressurgiram em âmbito nacional, estadual e regional em todo país. E por fim, tecer uma trajetória do escritor e poeta negro Oliveira Silveira enquanto militante em diversos movimentos ligados a causa negra e também elencar a relação do poeta e de sua poesia com a formação do Movimento Negro Unificado (MNU).

Já no segundo capítulo *A consciência negra*<sup>12</sup> *entra em ação*, inicialmente faremos um breve histórico dos escritos políticos de Oliveira Silveira presentes nos prefácios de

---

<sup>11</sup> Pensamos essa “perspectiva eurocêntrica” a partir da cultura historiográfica que se construiu sobre a história do negro assentada na tradição eurocêntrica. Ver MOURA, Clóvis. *As Injustiças de Clío: o negro na historiografia brasileira*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

<sup>12</sup> Nos depoimentos de militantes presentes na obra *Histórias do Movimento Negro no Brasil*, percebemos que essa “consciência da negritude” no que diz respeito à discriminação racial no Brasil se dá em geral no seio de sua própria família, quando ainda crianças recebem por parte dos pais, dos avós, importantes orientações sobre a discriminação que podem sofrer por serem negro(a)s, e que nesse sentido os preparam desde crianças para esse enfrentamento racial. Outra perspectiva observada é que muitos ainda crianças se deparam com o racismo nas escolas que frequentam e isso aguça neles esse sentimento de revolta para com a discriminação, outros, porém, só se dão conta de nosso problema racial já na fase considerada adulta, quando estão cursando a universidade, caso do escritor e poeta Oliveira Silveira. Há também os que a partir de sua participação em movimentos sociais de esquerda e do convite de outros militantes para discussão racial, acabam se deparando com os nossos

algumas obras, entrevistas e artigos publicados em alguns jornais da época, a exemplo do jornal *Tiçãõ*. No segundo momento faremos um histórico acerca da criação do Grupo Palmares na década de 1970, no qual o escritor Oliveira Silveira foi um dos idealizadores do grupo e integrante de maior projeção, sendo aí inicialmente quando surge pela primeira vez a contestação do “Treze de Maio”, e nesse sentido utilizaremos como importante trabalho historiográfico, a dissertação de mestrado intitulada *O Grupo Palmares (1971-1978)*: um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico, de autoria de Deivison Moacir Cezar de Campos, bem como o depoimento, os discursos e escritos políticos do próprio Oliveira Silveira presentes em alguns textos de sua autoria e também na obra *Histórias do Movimento Negro no Brasil*, já mencionada anteriormente. Em seguida faremos uma análise da idealização do “Vinte de Novembro”, como dia da Consciência Negra no Brasil, onde a luta pela história e pela cidadania do negro torna-se mais veemente com a busca de acesso dessa população à educação, ao emprego e a assistência à saúde. Já que na década de 1970, várias entidades negras começam surgir ou ressurgir em nosso cenário nacional, fato este já mencionado anteriormente, e passam a exigir dos poderes públicos melhores condições de vida para nossa população negra, denunciando nossa “democracia racial” enquanto mito e reivindicando uma “segunda abolição” em 1988, quando ocorre a criminalização do racismo no Brasil e o importante reconhecimento das terras pertencentes aos remanescentes de quilombos, os chamados quilombolas.

Por fim, no terceiro capítulo *Cultura Histórica e Registro Poético*: a epopeia de Palmares e o “20 de Novembro”, a ideia inicialmente é, inserida na produção poética de Oliveira Silveira, fazer uma discussão sobre a influência da literatura na produção do conhecimento histórico a partir das ideias desenvolvidas por autores como Chartier e Pesavento (2003), procurando ressaltar a ideia de que a poesia enquanto um tipo específico de literatura pode conter um registro histórico, um discurso de cultura histórica, demonstrando através da produção poética do autor, seu protagonismo negro presente em seus escritos poéticos. E no segundo momento faremos uma discussão dos “tempos históricos” desenvolvidos pelo historiador francês Fernand Braudel (1902-1985), a partir da leitura de seu texto “História e Ciências Sociais. A longa duração” (1990), na perspectiva da “curta” “média” e “longa” duração das temporalidades históricas. Em seguida faremos a análise da obra poética de Oliveira Silveira que consideramos como sendo a mais importante, denominada *Poema Sobre Palmares*, esse livro-poema trás a tona toda história desse

---

problemas raciais e passam a partir de então, dessa tomada de consciência, a integrar e lutar nos vários movimentos ligados a causa negra.

movimento de luta e resistência empreendido por Zumbi dos Palmares em prol da libertação dos negros escravizados, e nesse contexto, nossa análise estará pautada através da perspectiva de construção de uma cultura histórica a partir de um documento poético.

Sendo assim, a partir dos autores mencionados, no que diz respeito à relação teórica entre história e literatura utilizaremos os conceitos desenvolvidos pelos autores Chartier e Pesavento, assim como das ideias de temporalidades históricas do autor Fernand Braudel para demonstrar que Oliveira Silveira construiu um registro poético de longa duração. Nesse sentido, nos apropriaremos também dos conceitos de cultura histórica (Rüsen, Flores), de representações históricas (Koselleck, White), identidade (Hall), sendo necessário utilizá-los para melhor analisar os registros poéticos de Oliveira Silveira e para explicar sua escrita poética carregada de história e representação.

## CAPÍTULO I

### MOVIMENTO NEGRO EM MOVIMENTO

#### 1.1. Movimento Negro: de onde surge o protesto?

Iniciamos este capítulo partindo do pressuposto de que os primeiros protestos negros começam em concomitante ao início da escravização dos negros africanos no Brasil colonial, pois hoje sabemos das inúmeras insurreições ocorridas, das fugas, assassinatos de feitores e demais formas de resistência, como exemplo, podemos citar os inúmeros quilombos espalhados pelo Brasil, nos estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, dentre tantos outros movimentos de resistência da população negra. Nesse contexto, ressaltamos aqui as insurreições que consideramos ícones desse movimento de resistência e protesto: a “República” de Palmares e a Revolução de São Domingos, ocorrida no atual território do Haiti. Como podemos observar no fragmento abaixo exposto por James (2007, p.15):

Em 1789, a colônia francesa das Índias Ocidentais de São Domingos representava dois terços do comércio exterior da França e era o maior mercado individual para o tráfico negreiro europeu. Era parte integral da vida econômica da época, a maior colônia do mundo, o orgulho da França e a inveja de todas as outras nações imperialistas. A sua estrutura era sustentada pelo trabalho de meio milhão de escravos. Em agosto de 1791, passados dois anos da Revolução Francesa e dos reflexos em São Domingos, os escravos se revoltaram. Em uma luta que se estendeu por doze anos, eles derrotaram, por sua vez, os brancos locais e os soldados da monarquia francesa. Debelaram também uma invasão espanhola, uma expedição britânica com algo em torno de sessenta mil homens e uma expedição francesa de semelhantes dimensões comandada pelo cunhado de Bonaparte. A derrota da expedição de Bonaparte, em 1803, resultou no estabelecimento do Estado negro do Haiti, que permanece até os dias de hoje. Essa foi a única revolta de escravos bem-sucedida da História, e as dificuldades que tiveram de superar colocam em evidência a magnitude dos interesses envolvidos. A transformação dos escravos, que, mesmo às centenas, tremiam diante de um único homem branco, em um povo capaz de se organizar e derrotar as mais poderosas nações europeias daqueles tempos é um dos grandes épicos da luta revolucionária e uma verdadeira façanha.

Com relação à mesma revolução, retrata Oliveira Silveira (1981, p.7):

Grande teu passado,  
célebre na história  
e que alto teu grilo liberto

até hoje movendo nossos braços  
num gesto altivo de lança em riste!

Haiti,  
sagrado no culto vodu,  
heroico em Dessalines,  
soberbo em Toussant-louverture,  
“o primeiro dos negros”, Haiti!

Haiti,  
meu verso quisera ser  
ponta de lança e guizo de serpente  
para expressar-te a ti!

O primeiro trecho em destaque trata-se de uma pesquisa da década de 1930 do jornalista Cyril Lionel Robert James<sup>13</sup> sobre a vitoriosa insurreição dos escravos da colônia francesa de São Domingos, iniciada em 1791, no território onde hoje se localiza a República do Haiti. Já o segundo trata-se de um documento poético sobre a mesma revolução, publicado há exatos dois séculos após o início dessa revolução, no qual o poeta Oliveira Silveira procura valorizar os feitos negros nas Américas ao ressaltar, por exemplo, o nome de “Dessalines<sup>14</sup>” e “Toussant-louverture<sup>15</sup>”, tendo este sido escravo até os 45 anos de idade e grande líder dessa revolução negra, e sendo os dois considerados enquanto grandes comandantes militares e estrategistas nesse processo de luta e libertação dos negros escravizados e de independência dessa região. O poeta menciona também o “culto vodu”, que era praticado pelos negros africanos escravizados no Haiti, o que ficou conhecido por “vodu haitiano”, ou seja, essa religião de matriz africana, tais como tantas outras a exemplo do candomblé e da umbanda aqui no Brasil, ultrapassou os limites das fronteiras entre as regiões e foram mantidas pelos seus povos a partir de um processo de sobrevivência de crenças caracterizado pelo

<sup>13</sup> Cyril Lionel Robert James nasceu em Trinidad, em 4 de janeiro de 1901. Filho de professor, teve o privilégio de uma educação acima da média dos seus conterrâneos do início do século. A vida do autor de *Os jacobinos negros* foi bastante influenciada pela política. Na Inglaterra, ligou-se ao Independent Labour Party e em seguida identificou-se com as posições da IV Internacional dirigida por Leon Trótski. Dá sua adesão ao marxismo resultaram obras como *Os Jacobinos Negros* e a história da III Internacional intitulada *Word Revolution 1917-1937*. Em 1938, C. L. R. James mudou-se para os Estados Unidos, onde participou de discussões sobre o problema da discriminação racial naquele país, uma extraordinária antecipação dos acontecimentos que se realizariam nos anos 60. *Os jacobinos negros* é o principal trabalho de C. R. L. James, que foi escrita em 1938, no auge do nazismo e da predominância em todo o mundo das teorias de supremacia da raça branca, esta obra desmitifica todas aquelas leis ao mostrar a função econômica e histórica da escravidão e a função social da opressão dos negros. Ver *Os jacobinos negros* (São Paulo: Boitempo, 2000).

<sup>14</sup> Jean Jacques Dessalines (1758-1806), escravo africano nascido na Guiné, África ocidental, adotou o nome de seu amo francês, *Dessalines*, chegou a imperador do Haiti e dedicou a vida à construção de um estado negro independente. Junto a Toussaint Louverture, foi um dos expoentes da revolução negra nas Américas, ocorrida na Ilha de São Domingos em 1791, sob inspiração da Revolução Francesa. Ver [www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JeaJDesa.html](http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JeaJDesa.html), acesso em 18 jun.2015.

<sup>15</sup> François-Dominique Toussaint (1743-1803) nasceu na colônia francesa de São Domingos (atual Haiti), embora fosse escravizado, aprendeu um pouco de francês e de latim, e tornou-se um grande líder militar. Foi o personagem principal da luta pela independência do Haiti. Ver [escola.britannica.com.br/article/482697/Toussaint-Louverture](http://escola.britannica.com.br/article/482697/Toussaint-Louverture), acesso em 18/06/15.

“sincretismo” religioso, já que a grande maioria dos africanos transplantados para outras partes do mundo eram obrigados a disfarçarem as suas crenças. Portanto, nessa perspectiva, é essa a ideia que consideramos aqui enquanto “diáspora”, pois mesmo com essa dispersão dos povos africanos, estes de alguma forma procuraram manter as suas raízes e tradições mundo afora, mesmo que essas “tradições” tenham se modificado com o tempo.

Já com relação à história de Palmares, que foi também uma grande insurreição escrava na América portuguesa, e abarca quase todo o século XVII, segundo o historiador e sociólogo Clóvis Moura<sup>16</sup>, Palmares foi um dos movimentos pioneiros que se pôs contra a estrutura do escravismo colonial, colocando em risco, de fato, a estabilidade de toda estrutura colonial. Nesse contexto, diz Moura (1983, p.25):

Do primeiro desses movimentos – Palmares – podemos dizer que de 1630 a 1695, organizou-se na estrutura do escravismo colonial outro modelo que ele se opunha frontalmente. Mas as estruturas de poder coloniais não podiam deixar que esse modelo se desenvolvesse e estabeleceu contra ele a mais feroz repressão. A sua destruição representou o fim da maior iniciativa realizada contra o regime escravista. Para que se tenha uma ideia aproximada das proporções da República de Palmares, basta que se veja as forças necessárias para destruí-las.

Portanto, nessa perspectiva, ressaltamos alguns versos de *Poema Sobre Palmares*, escritos por Oliveira Silveira (1987, p. 9-13) para ilustrar toda a mobilização realizada em busca da destruição de Palmares:

E aí vêm toneladas  
de flamengos  
sentir o peso do braço negro.  
- Olá sinhô de Holanda,  
toma que negro manda !  
- Olá sinhô de Olinda,  
toma que o negro brinda !  
- Olá sinhô Nassau,  
toma, de negro mau !

(...)

E aí vem os mercenários  
- a troco sesmarias de Palmares.  
com eles vêm, se-vendidos,  
negros comprados, terço de henriquinos.

---

<sup>16</sup> Clóvis Steiger de Assis Moura (1925-2004) nasceu em Amarante, no Piauí. Ingressou no PCB nos anos 1940, trabalhando como jornalista na Bahia e São Paulo. Foi um dos raros intelectuais que acompanhou o PC do B na ruptura de 1962. Nos anos 1970, destacou-se pela militância junto ao movimento negro brasileiro. Clóvis Moura produziu importante obra sociológica, histórica e poética. Dentre suas obras, estão: *Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*, livro pioneiro no tratamento da história social do negro no Brasil; *Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha* (1964); *A sociologia posta em questão* (1978); *Brasil: raízes do protesto negro* (1983), entre outros. Ver <http://www.gtclovismoura.pr.gov.br>, acesso em 19/06/2015, e *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p.75).

(...)

Aí vêm os mercenários  
vendidos e comprados.  
No quilombo paliçada,  
no peito negro amurada.

(...)

E aí vem os mercenários  
- a troco, sesmarias de Palmares.  
Vêm em nome do Império  
e da fé cristã caolha  
- olho vivo europeu-português,  
olho vesgo pra índios e negros.  
Tem até um santo Antônio safado  
ganhando soldo de soldado  
ou de alferes, ao longo da carreira,  
e o padre pouco santo Antônio Vieira.

Guerreiros de Zumbi  
não se vendiam nem compravam.  
Combatiam  
pela liberdade que se davam.

(...)

Expedições e expedições  
despedidas  
comandantes mais famosos  
desafamados  
tropas e tropas  
estouradas  
por esses negros inferiores,  
coisas,  
bestas...

Emboscada  
de boca escancarada  
Armadilha  
arreganhando dentes de serrilha.  
Facão, lanças e flechas mastigando  
e fosso deglutindo.

Mas aí vem os mercenários  
- a troco, sesmarias de Palmares.  
Aí vêm os mercenários:  
canhão, armas-de-fogo,  
queimando casario e canavial,  
destrói destrói,  
nada resiste à fúria iconoclasta  
que destrói e destrói...

(...)

Mas aí vêm os mercenários  
à procura do rei  
e o rei já não está.  
Pelas sombras, pela noite  
o rei já não está.  
Por muito tempo para eles  
o rei não estará.

Só para luta do seu povo está.

Um dia os mercenários aí vêm  
guiados ao novo quartel.  
A cobiça os alimenta,  
a traição os engorda,  
a prepotência os aquinhoa.  
E acobertados pela Fé  
- branca –  
os mercenários vêm manchar  
de vermelho  
o dia vinte de novembro  
do calendário negro.  
Vêm e querem  
braços de luta, testa de altivez  
e voz de liberdade  
- querem o Zumbi.  
A bravura guerreira de Zumbi  
resistindo até o último alento  
de luta, até o último lume  
de vida, até a última chance  
de exemplo.

Séculos antes do Brasil ser livre  
Palmares foi livre.  
Séculos antes do país  
considerar-se livre  
Palmares foi país e estado  
livre.

(...)

Palmares, um século inteiro.  
Libertação primeira do Brasil !

Nesse trecho em destaque podemos observar vários elementos históricos ligados à história de Palmares, o poeta inicia falando sobre a vinda dos “flamengos”, fazendo referência à época em que o Brasil esteve sob o domínio holandês, em especial, a região de Pernambuco, que fica próxima a região onde se estabeleceu o quilombo de Palmares. Em seguida chama de “mercenários” os que foram lutar contra a destruição do quilombo em troca do recebimento de terras, algo que fica perceptível quando ele diz: “E aí vem os mercenários – a troca sesmarias de Palmares”. Critica o cristianismo ao falar “Vêm em nome do Império e da fé cristã caolha”, tendo sido a religião cristã um dos pilares ou alicerce do processo de colonização, no qual era imposta aos povos colonizados a partir de um processo de conversão muitas vezes, forçada. Argumenta também contra a ação do padre Antônio Vieira<sup>17</sup> nos

<sup>17</sup> Padre Antônio Vieira (1608-1697) nasceu em Lisboa, e representa, sem dúvida, a maior expressão da eloquência sacra de Portugal e um dos maiores escritores de seu século. Foi para a Bahia, ainda pequeno, onde recebeu ordenação sacerdotal e começou a atuar na Companhia de Jesus, que era um movimento cristão de catequização indígena, que discriminava a escravidão pelos colonos, ao mesmo tempo que também utilizava a mão-de-obra indígena. Ver [www.brasilescola.com](http://www.brasilescola.com), acesso em 19 jun. 2015.



dizeres “Tem até um santo Antônio safado, ganhando soldo de soldado, ou alferes, ao longo da carreira, e o padre pouco santo Antônio Vieira”. Enfim, o trecho em destaque retrata vários fatos históricos dessa luta em busca da libertação dos negros escravizados no Brasil, ressalta as várias expedições, os experientes comandantes que foram em busca da destruição de Palmares, e principalmente toda a bravura guerreira de Zumbi, mas como o poeta mesmo destaca: “Séculos antes do Brasil ser livre, Palmares foi livre. [...] Libertação primeira do Brasil”.

Nos versos do escritor, percebemos, a todo o momento, o protagonismo negro, seja este do escritor, a partir da recriação de uma história de luta e resistência na qual o negro descreve a sua própria história, seja a partir da perspectiva de uma narrativa histórica, na qual o personagem negro deixa de ser oprimido, demonstrando toda sua luta pela liberdade e contra sua opressão.

Portanto, isso ratifica o fato de que os movimentos de protesto e resistência negra são concomitantes ao início do processo de escravização dessa população. Nesse sentido, seguimos da mesma perspectiva apontada por Alessandro Moura de Amorim (2011, p.72) em sua dissertação de mestrado intitulada *MNU representa Zumbi (1970-2005): cultura histórica, movimento negro e ensino de história*, que nos diz:

[...] a população negra durante e depois de Palmares foi e continua sendo atuante e protagonista de suas próprias lutas contra a sua escravização, a favor da liberdade e contra o racismo. Durante o Brasil colônia e império, podemos destacar como exemplos sua efetiva participação: na Inconfidência Baiana ou Revolução dos Alfaiates, em 1798; nas revoltas escravas no Recôncavo Baiano, entre 1807 e 1840; na constituição do Batalhão dos Libertos, durante a guerra da Independência da Bahia, em 1823; na Revolta dos Malês, em Salvador (Bahia), em 1835; na Cabanagem, no Pará, entre 1835 e 1840; na Sabinada, em Salvador (Bahia), em 1837; na Revolução Praieira de Pernambuco, em 1848; na Guerra do Paraguai, entre 1864 e 1870; no movimento dos Quebra-quilos, em Campina Grande, na Paraíba, em 1874.

Além disso, como podemos perceber a partir dos exemplos acima, ressaltamos o fato de que os quilombos representaram apenas uma das formas de resistência utilizada pela população negra durante esse período, sendo bem diversificado os movimentos de lutas nos quais estiveram presentes a população negra, dessa forma, destacamos conforme apontado por Moura (1983, p.47):

O negro brasileiro foi sempre um grande organizador. Durante o período no qual perdurou o regime escravista, e, posteriormente, quando se iniciou – após a Abolição – o seu processo de marginalização, ele se manteve organizado, com organizações intermitentes, frágeis e um tanto desarticuladas, mas sempre

constantes. A organização de quilombos, de confrarias religiosas, irmandades, dos *cantos*, na Bahia, de grupos religiosos afro-brasileiros como o candomblé, terreiros de xangô e mesmo umbanda, mais recentemente, são exemplos significativos. Com isto ele procurava obter alforria, minorar a sua situação durante o regime escravista, e, posteriormente, fugir à situação de marginalização que lhe foi imposta após o 13 de Maio. Em toda nossa história social vemos o negro se organizando, procurando um reencontro com as suas origens étnicas ou lutando, através dessas organizações, para não ser destruído social, cultural e biologicamente. Já houve, por isto mesmo, quem se referisse a um *espírito associativo* do negro brasileiro<sup>18</sup>.

Nesse contexto, em sua tese de doutorado intitulada *Gente negra na Paraíba oitocentista: população, família e parentesco espiritual*, a autora Solange Rocha (2007, p.23) nos chama a atenção para uma extensa historiografia<sup>19</sup> da história social da escravidão sobre as resistências negras, como podemos observar:

O campo dos estudos históricos sobre a escravidão ampliou-se, nas duas últimas décadas, de forma significativa. As recentes pesquisas têm sido inspiradas por novas premissas, entre as quais a de que os escravizados são considerados sujeitos históricos que, mesmo com os limites e a violência imposta pelo sistema escravista, construíram uma lógica de sobrevivência e de resistência. Rejeita-se, então, a ideia de que mulheres e homens escravos haviam se submetido passivamente aos interesses senhoriais e o ponto de partida analítico passa a ser o(a) escravo(a). Desta forma, variadas e complexas experiências históricas da escravidão têm sido recuperadas pela historiografia. Em tais estudos, há esforços em destacar as vivências, os significados, as estratégias e a lógica das ações de mulheres e homens escravizados no cotidiano, assim como se destacam também as diversas formas de resistência escrava, que vão além do conflito direto contra o sistema.

Ou seja, durante o período de escravização, os negros se utilizaram de formas diferenciadas de resistência, inclusive através da manutenção de suas práticas religiosas, mesmo que estas estivessem imbricadas em meio à religião católica, prova disso é a existência de inúmeras irmandades negras espalhadas por todo território brasileiro, como veremos abaixo no trecho mencionado por Moura (1983, p. 49):

No que diz respeito a organizações religiosas, elas, algumas vezes, extrapolavam e se constituíam em órgãos de luta contra a exploração do negro, embora nem sempre de forma consciente. As irmandades, como as de Senhor do Bonfim, São Benedito, Santa Ifigênia, São Jorge, São Elesbão, Santo Antônio de Catagerona, São Gonçalo e Nossa Senhora do Rosário, além de outras, desempenharam esse papel.

E logo após a chamada “Abolição” da escravatura, quando a população negra é marginalizada pela elite brasileira, sua luta continua dessa vez contra a discriminação racial e outras formas de opressão, como exemplo, o direito de poderem seguir suas crenças e cultura

<sup>18</sup> Esse conceito de *espírito associativo* foi desenvolvido por Artur Ramos em seu texto “O Espírito Associativo do Negro Brasileiro”, na revista do arquivo municipal de São Paulo, em maio de 1938.

<sup>19</sup> Ver, entre outros, MOURA (1972; 1981), GOULART (1972), BASTIDE (1974; 1985), FREITAS (1976; 1981; 1982), NASCIMENTO (1980), SANTOS (1985), REIS (1986), CARDOSO (1988), REIS e SILVA (1989), CHALHOUB (1990), GORENDER (1990), REIS e GOMES (1996).

suas entidades de forma livre, o direito ao trabalho e a educação. Nesse sentido, importante destacar das palavras de Petrônio Domingues (2008, p.169), que nos diz:

Com a abolição da escravatura, em 1888, e a instalação da República, em 1889, novos atores entraram, em cena na vida pública do país: os “homens de cor”, que se mobilizaram em diversos agrupamentos, associações e clubes específicos. Dialogando entre si, com outros segmentos sociais e com o Estado, eles procuraram lutar pela conquista dos direitos civis, sociais e políticos. Direito ao trabalho, à educação, à saúde, à cultura e ao lazer. Com um discurso racializado, defendiam sempre os interesses da população negra. Quando o que estava em jogo dizia respeito à sua vida, os “homens de cor”, como eram denominados, não ficaram satisfeitos em ser apenas atores coadjuvantes, mas encamparam diversos embates para se afirmar como os protagonistas centrais da história.

Portanto, o pós-abolição é um período importante, são as primeiras gerações de homens e mulheres livres, há alguns estudos clássicos.<sup>20</sup> Nessa conjuntura, novas formas de protesto e combate por uma real liberdade passam a surgir, gerando a partir de então, organizações negras diversificadas, mas lutando por uma causa em comum.

Ana Flávia Magalhães Pinto<sup>21</sup> (2010, p.15) demonstra como a imprensa negra foi uma dessas formas utilizadas, vejamos:

A atuação organizada de grupos e indivíduos contra a discriminação racial, de forma ampla, bem como o estabelecimento de veículos de imprensa negra, em particular, têm sido fenômenos comumente localizados no século XX. Uma rápida observação indica que considerável parcela dos estudos desenvolvidos no e sobre o Brasil tem realçado as iniciativas lavadas a cabo a partir do século passado em detrimento de outros antecedentes. Assim, os feitos da resistência negra livre da escravidão, independentemente de suas intenções, foram cada vez mais associados às décadas posteriores ao fim do sistema escravista.

Nesse contexto, surge em 11 de dezembro de 1892, o jornal *O Exemplo*, em Porto Alegre. Segundo Ana Flávia Pinto (2010, p.138), a ideia do jornal nasce numa barbearia localizada na Rua dos Andradas, a partir de um grupo de homens negros:

Quem hoje caminha pela popular Rua da Praia, no centro de Porto Alegre, pode não saber, mas, em 11 de dezembro daquele ano, numa barbearia localizada no número 247 da chamada Rua dos Andradas, um grupo de homens negros deu início à publicação do jornal *O Exemplo*, primeiro título da imprensa negra gaúcha.

<sup>20</sup> Ver BASTIDE (1959), DECRAENE (1962), FANON (1975), NASCIMENTO (1961; 1968), DEGLER (1976), MOURA (1977), FERNANDES (1972; 1978; 1989), AZEVEDO (1987), BARCELOS (1996), ANDREWS (1998), MUNANGA (1996; 1999), GOMES (2003).

<sup>21</sup> Ana Flávia Magalhães Pinto é doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (2014), mestre em História pela Universidade de Brasília (UnB) (2006); bacharel em jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) (2001); graduada em História pela Universidade Paulista (Unip) e pós-doutoranda em História pela Unicamp. Desenvolve pesquisas nos seguintes temas: imprensa, imprensa negra, intelectualidade negra, liberdade, cidadania e século XIX. Ver [www.bv.fapesp.br/pt/pesquisador/81695/ana-flavia-magalhaes-pinto/](http://www.bv.fapesp.br/pt/pesquisador/81695/ana-flavia-magalhaes-pinto/), acesso em 15/05/2015.

Fazendo a análise de uma edição fac-similada desse jornal, a número 1, com organização, edição e comentários de Oliveira Silveira, uma edição comemorativa dos 100 anos desse jornal, portanto, de 1992, podemos demonstrar exemplos do modo como a população negra utilizava esse espaço da imprensa na luta contra a discriminação racial que sofria, jornais estes, como já explicitado nas citações, criados por homens negros, com muita dificuldade, devido ao pouco apoio e os gastos em sua produção e distribuição, geralmente custeados pelos próprios criadores que eram também mantenedores desses jornais. Nesta primeira edição, logo na página de abertura, nos deparamos com o propósito desse jornal (O EXEMPLO, n.º 1, p.1):

Surge hoje na vasta arena da imprensa *O Exemplo*, que, nascido de uma d'essas elevações do espírito, tão peculiares á mocidade, é lançado aos vendavaes da publicidade a impetrar o ultimo logar nos domínios do jornalismo da Capital.

(...)

- O nosso programma é simples e podemos exaral-o em duas palavras: a defesa de nossa classe e o aperfeiçoamento de nossos medíocres conhecimentos.

(...)

Devemos mostrar á sociedade que tambem temos um cérebro que se desenvolve segundo o gráo de estudo a que o sujeitamos e, por consequencia, que tambem nos podemos alistar nas cruzadas emprehendidas pela intelligencia, muito embora algum estulto nos queira acoimar, ou seja porque desconheça as nossas legitimas aspirações, ou seja porque faça parte dos doutrinarios que julgam o homem pela cór da epiderme.

(...)

Aquelles não nos repellirão porque compreendem que a causa que abraçamos é santa, justa e natural e consentem que todo o homem tem o direito de pugnar pelos seus direitos postergados.

- Esse é o fim principal para o qual foi creado *O Exemplo*.

(...)

A imprensa que nos acolha que os falsos Aristarchos não surgirão.

Concordamos que a nossa tarefa seja por demais espinhosa; mas... é das trevas que se chega á luz, é da ignorância que se vae á sciencia.

Este é um belo documento de época que demonstra através da imprensa os anseios e as angústias, e toda luta empreendida pela população negra em torno de sua marginalização e discriminação. Oliveira Silveira destaca em suas palavras o fato de que mesmo com suas “interrupções e fases”, este semanário tenha coberto um período de 37 anos, ao lado da imprensa negra paulista, um jornal de negros surgido em 11 de dezembro de 1892, em Porto Alegre. Ressalta ainda sua atuante participação a partir da segunda década do século 20, e diz

que este deve ser tomado como um marco importante na história da imprensa negra brasileira. No que diz respeito aos temas abordados nessa primeira edição do jornal *O Exemplo* (literatura, charadas, o humor, notas sociais, a postura frente à mulher ou a preocupação com questões sociais e raciais), o escritor e poeta Oliveira Silveira adverte que estes “são importantes pontos que revelam a vida na época e pedem observação na leitura”. Portanto, a partir dessas palavras, ficam claros os motivos que levaram os homens negros a criarem esses espaços de discussão e os propósitos relacionados a toda sua luta contra a discriminação. Uma vez que no jornal aparecem várias seções com espaços abertos as críticas contra atos de políticos da época, contra atos discriminatórios dentro da sociedade de uma forma geral, discussões sobre a educação da população negra, em especial, das crianças negras, além de informes de festividades, de óbitos, espaços para publicação de poemas de escritores negros, entre outras questões. Ou seja, um jornal negro, escrito por negros e voltado especialmente para as pessoas negras.

Todas essas formas de protestos continuaram a existir com o passar dos anos, desde o início do período da escravização até a “abolição”, continuando com as lutas pós-abolição no decorrer dos séculos seguintes e assim sucessivamente, pois com a virada do século XIX para o XX passam a surgir novas formas de organizações, na luta contra a discriminação e marginalização da população negra. Nesse meio, em 16 de setembro de 1931, surge em São Paulo a Frente Negra Brasileira<sup>22</sup>, de acordo com Moura (1983, p.57):

A Frente Negra Brasileira foi fundada em 16 de setembro de 1931. Sua sede central situava-se na Rua da Liberdade, 196. Sua estrutura organizacional já era bastante complexa, muito mais do que a quase inexistente dos jornais que a precederam e possibilitaram o seu aparecimento. Era dirigida por um Grande Conselho, constituído de 20 membros, selecionando-se, dentre eles, o Chefe e o Secretário. Havia, ainda, um Conselho Auxiliar, formado pelos Cabos Distritais da Capital.

A partir de depoimento colhido a um de seus fundadores, Francisco Lucrécio, Moura nos fala ainda que dentro dessa instituição, foi criada uma milícia frentenegrina, organização paramilitar, já que dentro da força pública de São Paulo não eram aceitas pessoas negras. Logo, diante dessa discriminação racial, a Frente Negra inscreveu mais de quatrocentos negros que eram respeitados por autoridades policiais da época. Como podemos constatar no fragmento abaixo (MOURA, 1983, p.57):

---

<sup>22</sup> Sobre a Frente Negra, ver BACELAR (1996), BARBOSA (1998), PINTO (1996), DOMINGUES (2005), entre outros autores.

Os meus membros possuíam carteira que os identificava, com retratos de frente e de perfil. Quando as autoridades policiais encontravam um negro com esse documento, respeitavam-no porque sabiam que, na Frente Negra, só entravam pessoas de bem.

Em 1936, a Frente Negra é transformada em partido político, mas com o golpe de Estado Novo, realizado por Getúlio Vargas, no ano seguinte, ela é fechada. Mesmo com uma estratégia utilizada por um de seus membros, tentando conservá-la enquanto organização com o nome União Negra Brasileira, e o surgimento de outros núcleos espalhados por outras regiões do Brasil, a exemplo do Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul, dentre outros. Diante das dificuldades antidemocráticas impostas pelo novo governo, ela se encerra, definitivamente, no ano de 1938.

É também desse período o surgimento do Teatro Experimental do Negro<sup>23</sup> (TEN), que teve como idealizadores Abdias do Nascimento<sup>24</sup> e Alberto Guerreiro Ramos<sup>25</sup>, criado em 1944, na cidade do Rio de Janeiro, que segundo Antonio Sérgio Guimarães (2002, p.89):

<sup>23</sup> Há também uma extensa bibliografia sobre o Teatro Experimental do Negro, nesse sentido, destacamos: NASCIMENTO (1968; 1997), MAUÉS (1988), MULLER (1988), entre outros.

<sup>24</sup> Abdias do Nascimento (1914-2011) nasceu em Franca (SP), fundou o Teatro Experimental do Negro, em 1944, e foi um dos organizadores da Convenção Nacional do Negro, encontro realizado por dois anos (1945 e 1946), no Rio e em São Paulo, que propôs à Constituinte de 1946 a tipificação da discriminação racial como crime lesa-pátria. Participou também como organizador do primeiro Congresso do Negro Brasileiro, em 1950. Em 1968 exilou-se nos Estados Unidos em decorrência do endurecimento do governo militar, no poder desde abril de 1964, e foi professor em diversas universidades norte-americanas. Participou da fundação do Movimento Negro Unificado, em 1978, e criou, em 1981, o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros (Ipeafro) na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. No exílio, tornou-se amigo de Leonel Brizola, com quem fundou o Partido Democrático Trabalhista (PDT) em maio de 1980. Fundou a Secretaria do Movimento Negro do PDT e foi deputado federal pelo Rio de Janeiro entre 1983 e 1986 e senador pelo mesmo estado de 1991 a 1992 e de 1997 a 1999. Durante o segundo governo de Leonel Brizola no estado do Rio de Janeiro (1991-1995), ocupou a Secretaria Extraordinária para Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras (Sedepron), posteriormente denominada Seafro, e, durante o governo de Antony Garotinho (1999-2003), foi secretário de Direitos Humanos e da Cidadania do Rio de Janeiro. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 88-89).

<sup>25</sup> Alberto Guerreiro Ramos nasceu em Santo Amaro (BA) no dia 13 de setembro de 1915, em 1942 diplomou-se em ciências pela Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, no então Distrito Federal, bacharelando-se um ano depois pela Faculdade de Direito da mesma cidade. Assessorou o presidente Getúlio Vargas durante seu segundo governo, atuando em seguida como diretor do departamento de sociologia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb). Ingressou na política partidária em 1960, quando se filiou ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), a cujo diretório nacional pertenceu. No pleito de outubro de 1962 candidatou-se a deputado federal pelo então estado da Guanabara, na legenda da Aliança Socialista Trabalhista, formada pelo PTB e o Partido Socialista Brasileiro (PSB), obtendo apenas a segunda suplência. Ocupou uma cadeira na Câmara dos Deputados de agosto de 1963 a abril de 1964, quando teve seus direitos cassados pelo Ato Institucional n 1. Jornalista, colaborou em *O Imparcial*, da Bahia, *O Diário*, de Belo Horizonte, e *Última Hora*, *O Jornal e Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro. Secretário do Grupo Executivo de Amparo à Pequena e Média Indústrias do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), foi ainda assessor da Secretaria de Educação da Bahia, técnico de administração do Departamento Administrativo do Serviço Público (Dasp) e professor da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (Ebap-FGV), assim como do Departamento Nacional da Criança e dos cursos de sociologia e problemas econômicos e sociais do Brasil, promovidos pelo Dasp. Atou também como delegado do Brasil junto à Organização das Nações Unidas (ONU), pronunciou conferências na Universidade de Paris e fez viagens de estudos a diversos países. Guerreiro Ramos deixou o país em 1966, radicando-se nos Estados Unidos, onde passou a lecionar na Universidade do Sul da

O Teatro Experimental do Negro (TEN) do Rio de Janeiro foi, nesse período, a principal organização negra do país. Embora tivesse, de início, o objetivo, eminentemente cultural, de abrir o campo das artes cênicas brasileiras aos atores negros, acabou, com o tempo, por se transformar em agência de formação profissional, clínica pública de psicodrama para a população negra e movimento de recuperação da imagem e da autoestima dos negros brasileiros. Seus principais intelectuais, Abdias do Nascimento (1950, 1968) e Alberto Guerreiro Ramos (1957), principalmente este último, radicalizaram a crítica ao imperialismo cultural europeu e norte-americano, pregando uma ciência social que se engajasse num projeto de construção nacional.

Nessa conjuntura, ainda segundo o mesmo autor, a proposta elucidada na época por Guerreiro Ramos era a de que negro era o povo brasileiro, portanto, não faria sentido falar, do ponto de vista ideológico, sobre a questão da mestiçagem levantada por Gilberto Freyre<sup>26</sup>. Seu propósito foi transformar a negritude em uma identidade nacional brasileira, que estivesse livre dos estigmas de preconceitos e “exotismos” relacionados à maior parte da população pobre do país, composto em sua maioria pelas pessoas negras, “Guerreiro Ramos transforma a negritude em assunção de uma identidade nacional brasileira liberta dos complexos de inferioridade deixados pela colonização portuguesa.” (GUIMARÃES, 2002, p. 89). Sendo importante ressaltar, nesse sentido, o excelente trabalho realizado pelo TEN, no que diz respeito ao resgate da autoestima da pessoa negra, assim como, do seu questionamento levantado acerca da condição social do negro como sendo algo ligado a sua formação racial, não se configurando apenas enquanto um problema de classe. Pois como aponta Guimarães (2002, p.93):

De fato, os propósitos de integração do negro na sociedade nacional e de resgate da sua autoestima foram marcas registradas do Teatro Experimental do Negro. Através do teatro, do psicodrama e de concursos de beleza, o TEN procurou não apenas denunciar o preconceito e o estigma de que os negros eram vítimas, mas, acima de

---

Califórnia. Casou-se com Clélia Guerreiro Ramos, com quem teve dois filhos. Faleceu em Los Angeles, Califórnia. Ver [cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/guerreiro\\_ramos](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/guerreiro_ramos), acesso em 15/05/2015.

<sup>26</sup> Gilberto de Melo Freyre (1900-1987), sociólogo, escritor e antropólogo, mestre em ciências políticas, jurídicas e sociais e doutor em letras pela Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, foi um dos escritores brasileiros mais conhecidos no mundo inteiro. Recebeu vários prêmios e o título de doutor *honoris causa* em várias universidades de diversos países e ocupou cargos no governo federal e em órgãos internacionais, como a Organização das Nações Unidas, onde foi consultor da comissão sobre relações entre raças na União Sul-Africana, em 1954. Foi eleito deputado federal por Pernambuco nas eleições de 1945, exercendo mandato entre 1946 e 1951. Em sua obra, destaca-se *Casa-grande & senzala*, de 1933, com 18 edições e traduções para o inglês, o francês, o espanhol, o alemão e o italiano. O livro é considerado por muitos intelectuais como um dos mais importantes das ciências sociais no Brasil do século XX. Embora *Casa-grande & senzala* não contenha o termo “democracia racial”, e sim a palavra “confraternização”, quando Freyre se refere às relações entre as raças no país, o livro tornou-se um dos maiores símbolos da ideia de democracia racial no Brasil. Essa ideia induz à crença de que as relações de raça no Brasil seriam harmoniosas e que a miscigenação seria uma espécie de contribuição brasileira à civilização do planeta. Vários autores afirmam que o movimento negro contemporâneo constituiu-se justamente no enfrentamento do hoje chamado “mito da democracia racial”. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p.180).

tudo, oferecer uma via racional e politicamente construída de integração e mobilidade social dos pretos, pardos e mulatos.

Após certo período em “ostracismo”, devido ao governo da época, Moura (1980, p.58) afirma que surge também em São Paulo, no ano de 1954, a Associação Cultural do Negro:

Foi fundada em 28 de dezembro de 1954. Localizava-se, inicialmente, numa sala da Rua São Bento e o seu presidente era Geraldo Campos de Oliveira. Vice-presidente: Américo Orlando da Costa. Sua direção era composta de uma Direção Executiva, com oito membros e um Conselho Superior presidido por José Corrêa Leite, tendo como secretário Américo dos Santos. O Conselho tinha vinte e nove membros. A ACN possuía departamentos de Cultura, Esporte, Estudantil, Feminino e uma Comissão de Recreação. Geraldo Campos de Oliveira imprimiu à entidade um ritmo de atividade muito intenso e dinâmico. Editou um Caderno de Cultura Negra. Em 1958 a entidade centralizou as atividades comemorativas dos 70 anos da Abolição. A ela juntaram-se o Teatro Experimental do Negro de São Paulo, Teatro Popular Brasileiro de Solano Trindade, Associação Paulista dos Amigos do Homem do Norte e do Nordeste, Grêmio Estudantil Castro Alves, Sociedade Recreativa José do Patrocínio de São Miguel e Fidalgo Clube.

Segundo Moura, essa Associação cultural teve duas fases bem distintas, sendo a primeira caracterizada por uma face mais cultural e artística, e após algumas dissensões e mudança em sua composição social, surge sua segunda fase, com objetivos mais assistenciais e filantrópicos do que ideológicos. Com o passar dos anos, a entidade foi perdendo forças devido a problemas logísticos, dentre outros, acabando por fechar suas portas. Outra forma de organização da população negra foram as escolas de samba, que conforme críticas de Moura (1983, p.60), eram inicialmente mal vistas pela sociedade branca devido a barulhos, mau comportamentos, alcoolismo, deboches, dentre outras coisas, sendo bem recebidas apenas nos períodos de desfiles carnavalescos, porém, para muito além disso, nos diz o autor:

[...] essas escolas não se esgotam na preparação para o desfile carnavalesco. Quando vemos o presidente de uma delas dizer que pretende fazer da sua escola de samba um “elemento de cultura”, podemos ver como o carnaval e os seus preparativos não esgotam as atividades e as funções desses grupos. Durante todo o ano elas são pontos de reuniões dos negros que, além de bailes, vão ativar o seu espírito associativo e avivar a sua consciência étnica.

Assim sendo, as ideias acima elencadas servem para desmitificar toda a carga de preconceito ligada às escolas de samba, inclusive nos dias atuais, pois acima de tudo, se constituem enquanto espaços de resistência da população negra. Destacamos ainda outras formas de resistência utilizadas, a exemplo da Macumba, que surge em meados do século XVIII, e segundo Bastide, possuíam uma função social de resistência, mas diante da perseguição policial acaba por desaparecer, porém, dá origem a um movimento bastante importante e de grande relevância que é a Umbanda, e que perdura com toda força até os dias atuais.



Conforme Moura, a favela também pode ser considerada enquanto espaço no qual o negro se organiza para não cair em estado de anomia. O importante, nesse contexto, é ressaltarmos o fato de que nesses espaços a grande maioria de seus moradores, mesmo hoje, constituem-se pelas pessoas negras, as formas de vida nas favelas, com sua maioria de moradores negra, tem traços de afro-brasilidade, o que caracteriza mais uma forma de marginalização dessa população dentro de nossa sociedade.

Deste modo, mesmo não podendo aqui esgotar todas as formas de resistência utilizadas pelos negros, fica evidente que foram várias as estratégias criadas e empregadas pela população negra na luta contra a discriminação racial, e a marginalização. Os movimentos de resistência durante os quase quatro séculos de escravização só demonstram o quanto essa população se articulou de formas diversas em suas lutas, se utilizando inicialmente da organização de quilombos, da imprensa, da religião, da criação de organizações negras, partido político, do teatro, das escolas de samba, das favelas, Congadas, estratégias educacionais, e mais recentemente, das importantes táticas das ações afirmativas em prol de uma sociedade menos racializada e desigual, e como nos diz Oliveira Silveira (1970, p.41):

Ritmo  
sabemos fazer  
amor  
fazemos bem  
esporte  
muito sabemos  
poemas  
também compomos  
liderança  
também temos  
políticos  
também somos  
religião  
bem praticamos  
- a até educar educamos

Outrora reprimido potencial  
afloramos agora – força viva –  
porque chega a nossa vez.

O poema é da década de 1970, mas como podemos observar, a agenda é atual, pois o poeta trás em seus versos vários elementos ligados as diversas habilidades desenvolvidas pela população negra quando se refere ao “ritmo, amor, esporte, poemas, liderança, políticos, religião, educação”, pois são vários os exemplos dos grandes músicos, compositores, dentre outras aptidões, que figuraram ou figuram em nosso meio musical nacional e inclusive

internacional<sup>27</sup>; dos grandes atletas negros<sup>28</sup> que temos nos mais variados esportes e que ainda hoje sofrem com o mal da discriminação racial, algo triste que vez ou outra figura nos grandes meios de comunicação; dos escritores negros<sup>29</sup>, que são muitos e importantes, também espalhados pelas várias partes do Brasil e do mundo, a exemplo do próprio Oliveira Silveira; no nosso meio político, também podemos ressaltar a participação de várias lideranças negras, a exemplo de Nelson Mandela<sup>30</sup> e de tantos outros, entre lideranças sindicais; lideranças religiosas; e muitos renomados professores que permeiam em nossos meios educacionais e acadêmicos. Mas que infelizmente, precisaram se destacar além dos demais, para chegarem aonde chegaram, e mesmo assim, isso não tem garantido a essas várias pessoas continuarem a sofrer com as angústias da discriminação racial nos diversos espaços sociais, o que é muito triste, por isso, a luta de Zumbi ainda não acabou, pois como nos diz Oliveira Silveira: “[...] a luta prossegue, estrada longa, abrindo seu próprio sulco e picadas, rio longo cavando seu leito, buscando uma foz”. (SILVEIRA, 1987, p.14).

Portanto, os versos acima só corroboram dessas ideias, de que os movimentos criados e as formas que a população negra se articularam e se articulam ainda hoje contra a discriminação e marginalização de seu povo, foram e são bastante diversificadas. Nessa perspectiva, veremos adiante como se deram as lutas do movimento negro brasileiro no decorrer da década de 1970.

## **1.2. Lutas do Movimento Negro no Brasil na década de 1970**

O contexto nacional da década de 1970 está inserido em um panorama em que as lutas de resistência contra a ditadura se tornam mais veementes e, é nesse cenário, que surgem, ressurgem e se firmam, sejam em âmbito nacional, ou regional, várias entidades ligadas à

<sup>27</sup> Dentre tantos, destacamos aqui: Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Chico César, Pixinguinha, Cartola, Tim Maia, Milton Nascimento, Gilberto Gil, Djavan, Alcione, Seu Jorge, Michael Jackson, James Brown, Bob Marley, Jimmy Hendrix, Steve Wonder, Whitney Houston, Ray Charles, Diana Ross, Louis Armstrong, Herbie Hancock.

<sup>28</sup> Alguns exemplos de atletas negros que se destacaram: Jesse Owens, Tiger Woods, Lewis Hamilton, Pelé, Ronaldinho Gaúcho, Grafite, Hui Ding, Anderson Silva, Daiane dos Santos, Usain Bolt, Claudinei Quirino, Carl Lewis, Michael Jordan, Muhammad Ali, Mike Tyson, Maguila, dentre tantos outros nos mais variados esportes.

<sup>29</sup> Machado de Assis, Toni Morrison, Luís Gama, Cruz e Souza, Lima Barreto, Éle Semog, Aimé Césaire, Léopold Senghor, Luiz Silva (Cuti), Oliveira Silveira, Solano Trindade, Abdias Nascimento, Oswaldo de Camargo, Antonieta de Barros, Auta de Souza, Carolina Maria de Jesus, dentre tantos espalhados mundo afora.

<sup>30</sup> Nelson Rolihlahla Mandela (1918-2013) nascido em Qunu, pertencente ao grupo étnico dos xhosas, formou-se em direito em 1942 e foi um dos mais importantes sujeitos políticos atuantes contra o processo de discriminação instaurado pelo apartheid, na África do Sul. Se tornou um ícone internacional na defesa das causas humanitárias. Passou 27 anos na prisão, considerado líder rebelde. Foi presidente da África do Sul de 1994 a 1999, considerado como o mais importante líder da África Negra, ganhador do Prêmio Nobel da Paz de 1993, e pai da moderna nação sul-africana, onde era normalmente referido como Madiba (nome do seu clã) ou Tata (‘Pai’). Ver [www.brasilecola.com](http://www.brasilecola.com) > Biografia > Biografia N, acesso em 21 jun.2015.

militância negra. Como exemplo dessa proliferação dos movimentos sociais negros no decorrer dos anos de 1970, podemos citar: o grupo Palmares criado no RS, por Oliveira Silveira, em 1971; Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), fundado em 1972 na cidade de São Paulo; Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, fundado em 1972 na Bahia; Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA); Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (SINBA), fundada em 1974, no Rio de Janeiro; Bloco Ilê Aiyê, também criado em 1974 na Bahia; Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), fundado em 1975, após uma cisão no SINBA; Centro de Estudos Brasil-África (CEBA), também criado em 1975; Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas, fundado por Clóvis Moura, também em 1975; além desses, temos: a Sociedade de Estudo de Cultura Negra no Brasil (SECNEB), Grupo de Estudos André Rebouças, Escola de Samba Quilombos, Renascença Clube, Núcleo Negro Socialista, Grupo Olorum Baba Min., dentre outros.

Consequentemente, torna-se perceptível nessa conjuntura que foram muitos os grupos que surgiram nessa época, e entendemos aqui, que essa culminância se dá no ano de 1978 com a criação do Movimento Negro Unificado (MNU). Sendo assim, no que diz respeito ao contexto arrolado entre os anos de 1970 e o surgimento dessas diversas organizações negras, nos diz o autor Antonio Sérgio Guimarães (2002, p.98):

Nos anos 1970, a coincidência entre a descolonização da África e a luta pelos direitos civis dos negros americanos, deságua numa conseqüente onda de pan-africanismo a afrocentrismo que mudará substancialmente o panorama brasileiro. Mas isso lentamente. De início, a descolonização da África, nos anos 1960, período marcado pelo nacionalismo e por projetos de desenvolvimento auto-sustentado, levará o governo brasileiro a reconhecer e patrocinar as origens africanas da civilização brasileira, aquilo que se expressa na cunhagem do termo “afro-brasileiro” para significar brasileiro de origem africana, tal como o candomblé, a capoeira, o samba etc. No entanto, a busca de raízes, que havia começado em tempos antes, dissociada do discurso político, pela rejeição do sincretismo religioso e pela conseqüente procura da pureza nagô, essa busca das origens será doravante a propulsora do discurso político negro.

Dentro desse contexto, faremos aqui a análise do surgimento de algumas dessas entidades, em especial, do MNU. Inicialmente ressaltamos das palavras de Henrique Cunha Júnior<sup>31</sup> (AMORIM, 2011, p.104), no que diz respeito a essa multiplicação de entidades negras durante a década de 1970, para dar destaque a importância que teve a criação do MNU:

<sup>31</sup> Henrique Cunha Júnior, formou-se em engenharia elétrica pela USP de São Carlos e em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Araraquara. Mestre em História, doutorou-se em engenharia na França e defendeu tese de livre-docência na USP. Foi fundador e primeiro presidente (2002-2004) da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e é professor titular da Universidade Federal do Ceará. Publicou, entre outros, *Tear africano: contos afrodescendentes* (São Paulo, Selo Negro, 2004). Seu pai, Henrique Cunha (1908-2006), foi diretor do jornal *Clarim d'Alvorada*, fundado em São Paulo, em 1924; integrou a Frente Negra Brasileira, fundada em 1931, e o Clube Negro de Cultura Social, fundado em 1932, e foi um dos fundadores da

O salto seguinte de qualidade do movimento e de impacto como incorporação no sentido geral da política funcional nacional começou a ser gerado a partir de 1976, quando são aprofundados os trabalhos no sentido de composição classe e raça e das suas consequências na discussão do poder de cidadania e do direito. Este momento coincide com a reestruturação dos movimentos políticos e manifestações que vão levar à contestação ampla do regime militar. Embora a composição teórica nunca tenha chegado a uma maturidade, ela apareceu sempre verde e com partes a serem trabalhadas. Ela permitiu um entrosamento maior nas esquerdas do país, o que teve reflexos significativos nos setores liberais, pois todos estes grupos contestavam a ditadura militar e tinham interesses na formação de uma frente ampla. O passo decisivo deste salto do movimento negro vem com a criação do MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO. Embora o movimento como um todo não tenha chegado a se unificar em todos os sentidos. A grande imprensa descobriu existir um movimento negro no Brasil. Os partidos políticos apressaram-se a encapar os benefícios do nosso esforço e certo sucesso político.

Para corroborar das ideias descritas acima, destacamos ainda os pressupostos presentes em Santos (2001, p.30):

Os anos 70 e 80 apresentaram certas condições que facilitaram o fortalecimento dos movimentos. O Movimento Negro tem uma história longa no Brasil e, com o passar do tempo, houve mudanças na sua relação com o Estado, em sintonia com as diversas organizações e entidades surgidas nos últimos anos. Para entender essas mudanças, é necessário reconhecer que elas ocorreram tanto na sociedade quanto no Estado. Sempre é bom resgatar que os negros partiram da escravidão e, ao longo do século, sempre tiveram que, em menor ou maior grau, organizar-se diante da mentalidade escravagista das oligarquias rurais, incorporada na estrutura cidadina e no tratamento com as classes subalternas. Ao negro foi negado o direito de se organizar, com o argumento perverso de que isso constituía uma forma de racismo - um argumento sutil para a desarticulação da identidade étnica. A característica do Movimento Negro, dentre os movimentos sociais surgidos na década de 70, como o movimento dos trabalhadores que partiram de sindicatos oficiais e entidades fortes com poder de pressão e mobilização, foi a de sempre lutar por sua existência e reconhecimento social. O que diferenciou os anos 70 das décadas anteriores foi a ideia de participação como uma relação ou parceria entre a sociedade e o Estado, cujas formas de existência podiam variar de acordo com os grupos sociais e experiências em jogo.

Portanto, podemos perceber a partir da perspectiva e ideias de três autores que o contexto da década de 1970, realmente se configura enquanto marco no que diz respeito ao movimento negro brasileiro, a partir de uma série de criação de entidades ligadas a esse movimento, mas que nessa conjuntura aparece com uma face mais político-reivindicativa, em meio a uma época de repressão advinda da ditadura militar brasileira, Ressaltamos ainda o fato de que inseridos nesse contexto, o movimento negro passa sem dúvidas a alcançar maior visibilidade em âmbito nacional, no qual as relações raciais no Brasil passam realmente a ser encaradas enquanto um problema ainda não resolvido, onde se lançam as bases de reivindicação contra a discriminação racial, contra o desemprego e subemprego legados a

população negra, contra a opressão policial mais veemente com as pessoas negras, enfim, contra a marginalização e péssimas condições de vida dessa população, fazendo com que passe a ocorrer de forma mais ativa à desmistificação em torno da ideia de “democracia racial” brasileira e chamando a atenção da sociedade e do Estado para os problemas advindos do racismo.

Posto isto, falaremos agora da criação de algumas dessas organizações negras surgidas nos anos de 1970, a partir de depoimentos<sup>32</sup> de militantes, presentes na obra *Histórias do Movimento Negro no Brasil*, procurando entender o contexto e a forma em que se dá o surgimento dessas entidades.

Segundo Milton Barbosa<sup>33</sup>, um dos integrantes do Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), fundado em São Paulo, em 1972, por volta do ano de 1974 eles começam a retomar as atividades do Cecan, que foi um dos embriões do Movimento Negro Unificado. Tinham uma sede situada na Rua Maria José, no Bela Vista, onde realizavam reuniões, atividades, debates e organizavam trabalhos. Nessa época, fizeram uma exposição sobre o Candomblé, com bonecos vestidos com as roupas dos orixás, nesse sentido, ele destaca a importância da exposição, que foi organizada com a ajuda de uma mãe-de-santo, e acabou por influenciar muitas pessoas, inclusive de uma menina que a partir do contato que teve com a exposição, passou a fazer parte da religião, como podemos constatar no comentário abaixo (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.135-136):

Teve uma menina que passou a fazer parte da religião e, com certeza, influenciou muito outras pessoas. Então, foi muito legal o trabalho do Cecan, que foi uma entidade cultural importante em São Paulo, porque era através dela que a gente fazia atividades na cidade toda, nos relacionávamos com outras cidades do interior do estado e com o Rio de Janeiro, e tínhamos contato com outras organizações.

---

<sup>32</sup> Os depoimentos presentes no livro serviram também de fonte para tese de doutorado de Amilcar Araujo Pereira, que foi um dos organizadores da obra *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (2007), resultando posteriormente na publicação *O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil*, fruto de sua tese de doutorado. Dito isto, ressaltamos o fato de que alguns dos trechos de depoimentos dos militantes citados aqui estejam presentes no quarto capítulo do livro de Amilcar Araujo, capítulo este, intitulado “A constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil: primeiras organizações e estratégias (1971-1995)”.

<sup>33</sup> Milton Barbosa (Miltão) nasceu em Ribeirão Preto (SP) em 12 de maio de 1948. Quando tinha três anos, mudou-se com a mãe e a irmã para o bairro do Bexiga, na cidade de São Paulo, onde foi criado. cursou economia na Universidade de São Paulo (USP), mas não concluiu, e foi diretor do Centro Acadêmico Visconde de Cairu da Faculdade de Economia e Administração da USP, no ano de 1974. Como funcionário do Metrô, foi diretor da Associação dos Funcionários do Metropolitano de São Paulo (Aemesp) entre 1978 e 1979, que mais tarde se transformou no Sindicato dos Metroviários. Foi um dos fundadores do MNU, tendo presidido o ato público de lançamento do movimento, no dia 7 de julho de 1978, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. Em 1982 fez parte do Diretório Regional do Partido dos Trabalhadores do Estado de São Paulo, quando foi um dos fundadores da primeira Comissão de Negros do PT, na cidade de São Paulo. Foi presidente de honra na Convenção Nacional do Negro em 1986, em Brasília. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p.32).

Conforme Yedo Ferreira<sup>34</sup>, considerado também como um dos fundadores por ter participado da primeira reunião, o Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), surge por volta dos anos de 1973, 74, como um espaço de estudos montado em uma sala na Faculdade Candido Mendes, em Ipanema. O então responsável pela organização desse espaço foi o Zé Maria, que, segundo Yedo, devido a sua trajetória de vida, era uma pessoa muito voltada para a África, pois sofreu muita perseguição e foi preso durante o regime militar. Nesse contexto foi estudar em Portugal em meio a muitos estudantes africanos, e todos já voltados para as lutas de Libertação na África, quando após ser deportado para o Brasil, devido ao governo Salazar em Portugal, passa a se dedicar somente aos estudos relacionados à África, com uma imensa biblioteca particular. A partir daí surge sua vontade de criar o CEAA, com o objetivo de convidar alguns negros a irem frequentar esse espaço para tomarem conhecimento e discutirem assuntos arrolados à África (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.138):

Eu estava na universidade com esse pessoal todo em 1973, 74, e soubemos que o Zé Maria queria fazer uma reunião. Ele falou: “Olha, estão aqui os livros.” Ele praticamente montou a sala do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, CEAA, que era, na época, na Faculdade Candido Mendes, em Ipanema. A cunhada dele era a Beatriz Nascimento<sup>35</sup> – falecida, foi assassinada –, que fazia sociologia na UFF; já estava fazendo mestrado, me parece. E ele falou com ela: “Vem cá, tem que chamar os negros e tal”. E ela conseguiu entrar em contato com uns negros lá da UFF, que conheciam algumas pessoas daqui no Rio, e eu tomei conhecimento dessa reunião. Na primeira reunião, que foi num sábado, eu me lembro muito bem de que tinha oito pessoas.

Nesse contexto, se faz importante ressaltar o quanto os estudos voltados para a África influenciaram na formação dos militantes negros brasileiros, como nas suas vontades de criarem organizações ou espaços de forma que as pessoas negras tomassem consciência de nosso problema racial e lutassem pelo seu povo. Yedo destaca ainda que, a partir das reuniões e discussões promovidas no CEAA, que ocorriam regularmente aos sábados, acaba por surgir a ideia de se formar uma instituição negra, e aí veio o Sinba (Sociedade de Intercâmbio

---

<sup>34</sup> Yedo Ferreira nasceu na cidade de Santo Amaro da Purificação (BA) em 27 de agosto de 1983. Quando tinha cerca de sete anos, mudou-se com parte da família para a cidade do Rio de Janeiro, onde foi criado. Foi militante comunista até a década de 1960, quando foi dispensado do seu emprego nos Correios e Telégrafos e acabou se afastando da militância comunista devido à perseguição do regime militar. Por sua experiência como militante de esquerda antes do golpe de 1964, teve grande importância na fundação e na estrutura de entidades do movimento negro na década de 1970, quando foi fundador da Sinba, do IPCN e do MNU. Em 1971 ingressou na faculdade de matemática da UFRJ, mas não concluiu o curso. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 35).

<sup>35</sup> Maria Beatriz do Nascimento (1941-1995), historiadora e professora formada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), participou do processo de fundação do Centro de Estudos Afro-Ásiáticos (CEAA) da Faculdade Candido Mendes e lecionou no Instituto Superior de Estudos Brasileiros e Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi roteirista e narradora do documentário *Ori: o processo da cultura afro-brasileira*. Morreu assassinada na cidade do Rio de Janeiro ao tentar defender uma mulher. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 138).

Brasil-África). E com relação à criação dessa instituição, nos diz Amauri Mendes Pereira<sup>36</sup> (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.139):

Em 1974, quando foi fundada a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, a Sinba, o que a gente fazia era aglutinar e discutir, e tentar fazer eventos chamando a atenção para o problema racial. Organizava semanas de debates, algum tipo de evento que pudesse mexer com a sociedade. Primeiro, para informar a gente mesmo e, depois, aglutinar mais gente. A gente dizia: “Precisamos ter audiência, falar sobre isso”.

Pelas palavras acima, fica nítido o quanto esses militantes que vinham criando essas organizações negras, esses espaços para discussão e promoção da igualdade racial no Brasil, estavam preocupados o tempo todo, em informar e conscientizar o maior número possível de pessoas negras sobre nosso problema racial, e dessa forma, aglutinar mais pessoas nessa luta. Ainda segundo Amauri, as dificuldades foram muitas, pois inicialmente eles não tinham sede própria, nessa época conseguiram uma casa através de amizade com o Sebastião Rodrigues Alves<sup>37</sup>, que era um velho militante do Teatro Experimental do Negro (TEN), só que precisavam pagar aluguel, e diante das dificuldades financeiras, acabaram por perder esse espaço. Com a perda da sede e a impossibilidade de se fazer algo nesse momento, passam então a se reunir em bibliotecas (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.140):

A gente se encontrava nas bibliotecas: no Ministério dos Transportes, no Ministério do Trabalho, ou no da Justiça. As bibliotecas eram o nosso *bureau*, porque tinha cafezinho, tinha até um biscoitinho. Como a gente estava sempre lá, os funcionários eram nossos amigos, e a gente tinha liberdade, pegava todos os livros sobre negro para ler.

Nesse contexto, Amauri fala sobre a ocorrência de uma cisão na Sinba, surgindo a partir dessa divisão, no ano seguinte, em 1975, o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN). No que diz respeito a essa separação ele nos diz que (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.140):

Isso foi um processo que foi acontecendo. Primeiro nasce a Sinba e logo depois vem o IPCN, que a gente dizia que era a elite negra, os negros que queria ficar na Zona

---

<sup>36</sup> Amauri Mendes Pereira nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 22 de setembro de 1951. Formado em educação física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1974, foi fundador da Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba) no mesmo ano, e redator e dirigente do jornal *Sinba*, publicado pela entidade entre 1977 e 1980. Participou da criação do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1978, em São Paulo, e integrou a direção do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), fundado em 1975, no Rio de Janeiro, em dois momentos: no início da década de 1980 e entre 1992 e 1996, quando foi eleito presidente da entidade. Doutor em ciências sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 19).

<sup>37</sup> Sebastião Rodrigues Alves (1913-1985) foi fundador, juntamente com Abdias Nascimento, do Teatro Experimental do Negro e do movimento negro do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), respectivamente em 1944 e 1948. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 139).

Sul, em volta do Milton Gonçalves<sup>38</sup> e do Jorge<sup>39</sup> Coutinho, que eram atores da Globo –, da Léa Garcia<sup>40</sup>, do Zózimo Bulbul<sup>41</sup>, esse pessoal que vinha do Teatro Experimental do Negro. Alguns não vinham, mas tinham essa memória no meio artístico. Então, um grupo de negros, uma parte desses que já estavam na Sinba, se articulou com outros que tinham participado das reuniões no CEAA, mas tinham tomado outro rumo. O Benedito Sérgio<sup>42</sup> era compadre do Milton Gonçalves e resolveu criar não uma Sociedade de Intercâmbio Brasil-África, mas um instituto de Pesquisas das Culturas Negras. Tanto que o Milton foi um dos fundadores.

Mesmo com essa divisão que ocorre na Sinba, o Yedo é enviado para organizar as questões burocráticas do novo grupo em formação, pois mais do que ninguém, era a pessoa que entendia de toda parte institucional e por esse motivo, também foi considerado como fundador do IPCN. Importante ressaltar a partir da fala do Amauri o reconhecimento de que essas cisões ocorridas entre eles eram inconsistentes (ALBERTI e FERREIRA, 2007, p.141):

Havia uma certa articulação entre nós, mas a gente dizia assim: “Eles são os negros burgueses. A pequena burguesia negra. Nós estamos fora. Somos revolucionários negros, nossa visão é revolucionária. Nosso referencial não é Estados Unidos. Estados Unidos criaram uma elite negra. Nossa visão são as lutas de libertação africanas, luta armada.” Esse era o nosso referencial: Samora, Machel, Eduardo Mondlane, Agostinho Neto, Amílcar Cabral... A gente fazia essas cisões, que depois vimos que eram completamente inconsistentes. Mas demoramos a aprender.

Amauri fala ainda sobre outra divisão ocorrida na Sinba, segundo ele, mesmo se considerando os radicais do movimento, haviam outros considerados como ainda mais

---

<sup>38</sup> Milton Gonçalves (1934), ator e diretor, surgiu no cenário artístico no final da década de 1950. Atuou no Teatro de Arena em São Paulo, onde participou de montagens que abordavam a questão do negro, tais como *Arena conta Zumbi* e *A mandrágora*. Na televisão, distinguiu-se nas funções de ator e diretor de telenovelas e programas especiais da Rede Globo. Ao longo de sua carreira tomou como preferência não interpretar personagens que ferissem a autoestima dos afrodescendentes e lutou por uma maior visibilidade do negro na mídia. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 137).

<sup>39</sup> Jorge Coutinho (1937), ator e diretor teatral, foi um dos fundadores do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, ambos em 1975. Formou-se em artes cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Atuou nos filmes *Ganga Zumba* (1964), *Quilombo* (1984), e *Chuva de verão* (1978) e nas novelas *A cabana do pai Tomás* (1969), *Irmãos coragem* (1970) e *Roque Santeiro* (1985), entre outras. Foi assistente do gabinete civil no governo de Marcello Alencar (1994-1998), no estado do Rio, e dirigiu o Sindicato dos Artistas do Rio de Janeiro. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 140).

<sup>40</sup> Léa Garcia (1935), atriz, começou sua carreira na década de 1940, no Teatro Experimental do Negro, ao lado de Abdias Nascimento e Ruth de Souza. Entre suas atuações no cinema, destacam-se *Orfeu do carnaval* (1959), *Ganga Zumba, ladrões de cinema* (1977), *A deusa negra* (1978), *A noiva da cidade* (1978), e *Quilombo* (1984). Com seu último longa metragem, *Filhas do vento* (2004), de Joel Zito Araújo, ganhou o prêmio de Melhor Atriz no Festival de Gramado de 2004, dividido com a companheira de elenco, Ruth de Souza. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 140).

<sup>41</sup> Zózimo Bulbul, nome artístico de Jorge da Silva, é ator e diretor cinematográfico. No teatro, na década de 1970, personificou Orfeu, em *Orfeu da Conceição*, em duas montagens no Rio de Janeiro. Escreveu e dirigiu *Dia de alforria* (1981) e atuou, entre outras produções, em *Deusa negra* (1979). Em 1988 realizou, com apoio do Ministério da Cultura, o documentário *Abolição*, em função do centenário do fim de escravidão. Em 2002 concluiu o documentário *Pequena África*. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 137).

<sup>42</sup> Benedito Sérgio de Almeida Alves foi fundador, em 8 de julho de 1975, e primeiro presidente do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN). Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 140).



radicais, que defendiam fazer reuniões na base, no interior do conjunto habitacional chamado favela Nova Brasília, e estes considerados como os “ainda mais radicais” chegam a criar outro grupo denominado “22 de novembro”, pois nessa época ainda havia dúvidas sobre a data correta de morte de Zumbi. Mesmo assim, ele ressalta que (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.142):

Com base em tudo isso, com esse burburinho no meio negro militante, com a gente adquirindo, construindo essa consciência negra, foi assim que surgiram a Sinba e o IPCN, em 1974 e 1975. Depois a gente viu que, para avançar mais, para conseguir mexer mais, a gente tinha que ter um veículo de comunicação, um jornal. Aí fazemos o primeiro jornal *Sinba*, em julho de 1977.

Ainda sobre o IPCN, Yedo nos fala sobre as dificuldades que passaram para realizar as reuniões, já que não possuíam um espaço próprio, e por esse motivo geralmente as reuniões ocorriam em lugares emprestados. Mesmo em meio a essas dificuldades ele relata que o IPCN passa a atrair um maior número de pessoas com relação à Sinba. Por volta de 1977, finalmente conseguem fundos para aquisição de uma sede própria, a partir da ajuda de um norte-americano chamado Jimmy Lee<sup>43</sup>, que tinha vindo para o Brasil jogar basquete no Flamengo e se propôs a ajudar com um empréstimo que viria de uma fundação norte-americana, o que acaba gerando alguns desconfortos entre os membros do IPCN. Mesmo diante das desavenças, o Benedito Sérgio acaba comprando a sede que estava situada na Avenida Mem de Sá, número 208, onde passam a se reunir. Yedo relata que (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.146):

O curioso é que, logo que o IPCN passou a ter sede própria, começou a divisão entre as pessoas que faziam parte. Se você for hoje perguntar a muitos daqueles que provocaram a divisão, eles mesmos não sabem por que dividiram. E o IPCN ficou um tempo naquela discussão: um combatia o Benedito Sérgio, o outro era a favor. Até que o Benedito Sérgio ficou aborrecido – ele era engenheiro do IBGE, era um bom técnico – e transferiu-se para Brasília. O IBGE pediu para ele ir, ele foi e deixou o IPCN. Então, com aquela divergência toda, briga com um, briga com outro, o IPCN foi esvaziando até ficar praticamente vazio no final da década de 1970.

Outra instituição que surge nessa época, em 1975, é o Centro de Estudos Brasil-África (Ceba), segundo Mauriléia Santiago<sup>44</sup>, era grande o número de pessoas que se deslocavam da

<sup>43</sup> Jimmy Lee, ativista negro norte-americano, intermediou o financiamento para a compra da sede do IPCN feita pela Interamerican Foundation, do Partido Democrata dos Estados Unidos. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 83).

<sup>44</sup> Mauriléia Santiago nasceu na cidade de Duque de Caxias (RJ) em 31 de julho de 1948. Filha de um militar do Exército, com cerca de seis anos de idade mudou-se com a família para Porto Alegre, já que o pai havia sido transferido para lá. Viveu no Sul até os 20 anos. Após seu retorno ao estado do Rio de Janeiro, anos mais tarde, participou da reestruturação do Centro de Estudos Brasil-África (Ceba), em São Gonçalo, na década de 1980, e

região de Niterói, Magé e São Gonçalo para participarem das reuniões do IPCN, na cidade do Rio de Janeiro, em meio a isso é que surge a ideia de criação de um grupo do lado dessas outras regiões de onde saíam. Com relação à fundação dessa nova organização, ela nos diz que (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.142-143):

Fundaram o Ceba, Centro de Estudos Brasil-África, em 1975. O Jorge Santana<sup>45</sup>, a Dulce Vasconcelos<sup>46</sup> – a fundação se dá na casa dela –, o Edésio, que hoje é diretor da Faetec, a Matilde Santana, que na época era casada com o Jorge Santana, professora também. Engraçado que esse movimento teve um grande número de professores. O Ceba funcionou de 1975 até 1977, quando deu uma parada.

Após determinado tempo parado, por volta dos anos de 1982, 83, Mauriléia Santiago, que estava interessada em adentrar em alguma luta do movimento negro, recebe indicações para procurar o Jorge Santana, e após conversa entre eles, decidem dar um novo formato ao Ceba, quando passam a reunir jovens e promover grandes festas afro-brasileiras nos clubes, pois anteriormente, o Ceba estava mais voltado para as discussões e pesquisas.

Os surgimentos de organizações negras continuam a ocorrer espalhadas pelo Brasil, e no ano de 1974, surge na Bahia, o primeiro bloco negro, o Ilê Aiyê. Sobre esse fato, quem nos conta é Antonio Carlos dos Santos<sup>47</sup> (Vovô) (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.143):

Nós não tínhamos modelo de bloco afro e resolvemos fazer um bloco, eu e Apolônio, um dia vindo da praia. Todo domingo a gente ia fazer samba em Itapuã, no Mercado Modelo. Sentamos ali no lago, começamos a conversar e surgiu essa ideia de fazer um bloco. Mas havia muitos blocos na Liberdade. A gente pensou em fazer um bloco de índio, depois, “Os brutos também amam”... Cada dia um dava ideia. A gente se reunia ali, ficava batendo papo, sabendo onde eram as festas, esse negócio todo. E no dia em que resolvemos, aí sugerimos: “Vamos fazer um bloco só de negão?” “Vamos”. Aí começamos a conversar, começamos a nos empolgar, e um disse: “Um bloco afro.” Nós nunca tínhamos usado esse termo, “afro”. Desci, falei com a minha mãe e perguntei o que ela achava – porque essas coisas sempre funcionaram comigo assim: sempre ia perguntar à mãe. Ela falou: “Acho bom.” Eu

---

foi fundadora e presidente do Conselho de Entidades Negras do interior do Estado do Rio de Janeiro (Cenierj), a partir do qual organizou vários encontros de entidades negras do interior do estado. Formada em pedagogia pela atual Universidade Salgado de Oliveira e professora da rede estadual de educação desde 1982, em 1999, assumiu o cargo de coordenadora de Escolas Diferenciadas da Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 32).

<sup>45</sup> Jorge Santana é professor e advogado. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 142).

<sup>46</sup> Dulce Vasconcelos (1940) formou-se em letras pela Universidade Federal Fluminense, em 1965. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007).

<sup>47</sup> Antonio Carlos dos Santos (Vovô) nasceu na cidade de Salvador em 14 de junho de 1952. Filho de mãe Hilda, uma importante ialorixá – sacerdotisa e chefe de um terreiro de candomblé –, Vovô, como é chamado, foi fundador, com Apolônio de Jesus – já falecido –, em 1974, do primeiro “bloco afro” na cidade de Salvador, o Ilê Aiyê, do qual ainda é presidente. Antes de fundar o Ilê, Vovô foi estudante de engenharia eletromecânica e trabalhou no Pólo Petroquímico da Bahia. Vovô foi também consultor para a criação de blocos afro em vários estados e membro do Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra, em Brasília, entre 1995 e 1998. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 20).

disse: “Então, vamos pra frente.” Isso foi no final de outubro de 1974. Aí começamos a conversar com as pessoas, convidamos umas pessoas e formamos uma diretoria. Depois escolhemos o nome do bloco.

Vovô relata que para escolha do nome, utilizaram uma cartilha com vários nomes em iorubá e os respectivos significados em português, emprestado a eles pelo Randovan, um amigo belga, que nessa época residia lá, mas que já tinha viajado para África e que devido a isso possuía muito material de lá. Inicialmente escolheram cinco nomes, o Vovô fala que queria algo relacionado a “poder negro”, mas diante do regime militar, foram aconselhados pela polícia federal de que isso não era bom. Tinha nomes relacionados à “Negro forte”, “Rei Negro”, mas diante da preferência das pessoas que eram consultadas, acabou ficando o Ilê Aiyê, que significa “casa grande, mundo negro”.

Ainda segundo depoimento de Vovô, no primeiro ano, em 1975, o bloco saiu com cerca de 100 pessoas, com muita dificuldade, pois nos primeiros anos do bloco, eles mesmos eram os patrocinadores. No que diz respeito às dificuldades enfrentadas na época, em depoimento presente no texto “Histórias de lutas negras: memórias do surgimento do Movimento Negro na Bahia”, de Jônatas Conceição da Silva, presente no livro “MNU (Movimento Negro Unificado). 1978-1988. 10 Anos de luta contra o racismo”, Vovô relata que “Existiram dificuldades no início. Os negros não assumiam sua condição racial e havia o medo de serem tachados de comunistas.” (SILVA, 1988, p. 9). Nesse sentido, conforme Jônatas Conceição:

Este medo, como veremos mais tarde noutro depoimento, era generalizado no meio da liderança negra da época. O Brasil, em 1974, vivia num clima de terror extremado e qualquer manifestação cultural ou política que fosse diferente e viesse de encontro a padrões estabelecidos da ordem vigente, era cuidadosamente vigiada e duramente reprimida. Portanto, devemos entender o medo dos primeiros militantes como manifestação da falta de garantia individual/social reinante na época e produzida por órgãos de segurança que acusavam ou denominavam qualquer atitude política de oposição como sendo “coisa de comunistas”. A partir desta perspectiva podemos inferir que os negros que se reuniam para brincar/fazer o carnaval no Ilê Aiyê tinham consciência de que também estavam fazendo política, além de cultura.

Além disso, Jônatas Conceição ressalta também uma matéria que foi publicada no jornal *A Tarde* de 12 de fevereiro de 1975, onde na ocasião criticaram duramente o bloco, nos dizeres de que eles estavam promovendo um “Bloco do Racismo”, pois para eles, a Bahia era o paraíso da democracia racial, não existindo em nossa sociedade, portanto, um “problema racial”. Apesar das dificuldades, o bloco se manteve, saindo no segundo ano com aproximadamente quatrocentas pessoas, no terceiro, por volta de setecentas, e daí em diante, nunca menos de mil (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.144):

Depois nós limitamos em três mil pessoas. Hoje o bloco sai no automático, mas nós somos o único bloco que tem condições de dizer que só aceitamos negros e ainda cortar, porque os outros blocos afro não conseguiram isso. Também nunca se preocuparam muito. No início, os blocos vieram com intuito de começar a trabalhar em cima dos nossos erros, já que nós não tivemos nenhum modelo. Mas eles já tinham o parâmetro do Ilê Aiyê. Tanto que eu falo que tem que ter a cartilha Ilê Aiyê. Essa cartilha nunca foi escrita, mas todo mundo segue, todo mundo sabe qual é.

Ainda na Bahia, por volta de 1972, 73, surge o primeiro grupo do movimento negro baiano, o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, que segundo Gilberto Leal<sup>48</sup>, funcionava mais enquanto um grupo de estudos, com debates sobre a questão social negra. É o que constata o seguinte relato (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.145):

Éramos pessoas preocupadas com a questão racial e nos sentíamos na obrigação e com a necessidade de nos preparar para o debate e para o enfrentamento dessa questão na sociedade. Entendíamos que precisávamos ter um olhar mais internacionalizado sobre a realidade do negro para nos capacitar, acumular conhecimentos para fazermos a luta local. Então, a ideia era ter uma visão global para agir localmente.

A partir da análise do contexto e da forma em que surgem essas diversas organizações negras no decorrer dos anos 1970, pudemos perceber que os militantes em sua maioria sempre tiveram uma preocupação em primeiro estudarem sobre a história do negro, a questão racial, para em seguida, já bem informados e com uma carga bem elevada sobre essas questões, poderem articular alternativas de combate ao racismo, dentro dessas instituições criadas. Não é a toa que uma boa parte dessas organizações surgiu após a criação, inicialmente, de grupos de estudos, e nesse sentido, é perceptível também o quanto esses militantes foram influenciados pelas lutas de descolonização na África, assim como pelo movimento negro internacional.

Nesse contexto, são nítidos também as diversas dificuldades pelas quais essas instituições passaram, muitas delas, ligadas a falta de um espaço próprio para funcionamento, assim como, de recursos financeiros suficientes para desenvolverem e colocarem em práticas suas atividades, sendo mantidas, em sua maioria, pelos próprios integrantes e fundadores. Outro fato interessante que pudemos notar, é que mesmo em meio às desavenças internas, os militantes negros nunca deixaram de se compadecer com o nosso problema racial, a prova disso, é que mesmo diante das cisões em alguns grupos, geralmente, surgiam outros, e a luta,

<sup>48</sup> Gilberto Leal nasceu na cidade de Salvador em 15 de agosto de 1945. Formou-se em geologia na Universidade Federal da Bahia, onde ingressou em 1965. Durante a década de 1970, participou do Núcleo Cultural Afro-Brasileiro e integrou o grupo Malê Cultura e Arte. Participou da institucionalização do MNU na Bahia, mas rompeu com a entidade ainda no final de 1979. Em 1984 fundou a Niger Okan. Participou da comissão de organização do I Encontro Nacional de Entidades Negras (Enen), em São Paulo, e da construção da Coordenação Nacional de Entidades Negras (Conen), ambos em 1991. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 24).

sempre a mesma. A culminância de toda essa efervescência de surgimento de várias organizações negras na década de 1970 se dá em 1978, com a criação do importante MNU (Movimento Negro Unificado), e é sobre esse fato que discorreremos agora. Segundo Jônatas Conceição da Silva (1988, p.7):

O Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, que mais tarde ficaria sendo apenas Movimento Negro Unificado – MNU – foi criado como reação à discriminação do Clube Tietê de São Paulo a quatro atletas negros e, também, à morte de Robson Silveira da Luz, negro, operário. Esses foram os motivos decisivos para a mobilização e reagrupamento, a nível político, de entidades negras e pessoas de diversas matizes: CECAN – Centro de Cultura e Arte Negra; Associação Cultural Brasil Jovem; Grupo Afro-Latino-América; Blaks, representantes de equipes de bailes, artistas, estudantes, esportistas. A 18 de julho de 1978 funda-se oficialmente o MNUCDR com militantes do Rio de Janeiro e São Paulo. Sua primeira atividade pública aconteceu no dia 7 de julho de 1978: um ato público, em frente às escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. Esse ato foi para protestar contra os atos de violência acima citados e foi também uma forma de colocar o movimento e sua proposta na rua.

A criação do MNU em 1978 foi um importante passo dado na luta contra a discriminação racial no Brasil, o ato público realizado nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo foi um feito lindo, grandioso para a época, pois é fato que ainda vivíamos sob uma ditadura militar, na qual tudo era muito vigiado por parte dos órgãos públicos e da polícia. Nesse sentido, veremos adiante que o movimento surge em meio a muita tensão, seja devido ao governo repressivo instalado no período, seja com relação às desavenças internas que continuaram a ocorrer no interior do movimento negro.

Segundo Milton Barbosa, o Miltão, o assassinato de Robson Vieira da Luz, um pai de família e trabalhador, que foi preso acusado de estar roubando frutas, revoltou muito a população negra. Soma-se a este infortúnio, a discriminação sofrida pelos jovens negros no Clube de Regatas Tietê, e em meio a estes acontecimentos é que começam a articular uma grande manifestação e a discutir a ausência de um movimento que aglutinasse as várias entidades negras. A partir daí, fazem uma reunião em 18 de junho de 1978, com a participação de diversos institutos e na ocasião, discutem a criação de um movimento unificado contra a discriminação racial, na qual fica acertado também o lançamento público no dia 7 de julho. Como consta no depoimento abaixo presente em Alberti e Pereira (2007, p.150-151):

Foi escolhido o 7 de julho porque era mais ou menos o tempo que daria para a gente preparar a manifestação. Tínhamos umas três semanas, tempo suficiente para rodar material, fazer contato com a imprensa, com a Igreja, setores de direitos humanos, contatos internacionais. Tinha uma menina que participou com a gente, uma judia, a Mirna Grzich, tinha o Barrinhos, que era o namorado dela, e eles nos ajudaram a fazer contatos internacionais e com a imprensa. Nesse período, nós fazíamos

reuniões quase que diárias para organizar essa atividade, elaboramos a carta para discutir – basicamente fomos eu e Hamilton que escrevemos aquela carta em discussão com o grupo todo. Naquela discussão tinha Neusa Maria, Hamilton Cardoso, Osvaldo Rafael Pinto Filho, Antônio Leite, Eduardo de Oliveira, o Júnior, filho do Adalberto Camargo, Vanderlei José Maria, o José Adão, conhecido como Adãozinho, que era trabalhador do Correio. Então tinha uma quantidade grande de pessoas.

Em meio a toda essa efervescência, eles organizaram o ato e partiram para a luta em sua bela manifestação popular (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.151-152):

No dia, nos encontramos na galeria Nova Barão e saímos meio que abraçados uns aos outros, morrendo de medo. Eu mesmo tinha ido no banheiro toda hora no meu trampo – nessa época eu ainda trabalhava no Metrô. Assim, susto mesmo. Teve gente que falou que foi no banheiro toda hora mesmo, um troço doido. Estávamos assustados e aí nós caminhamos: “Vamos nessa!”. Nos inspiramos em todo mundo, Martin Luther King, todo mundo e “vamos que vamos”. E caminhamos para as escadarias do Teatro Municipal. Ocupamos espaço, colocamos faixa lá. Tivemos presença do Abdias Nascimento, Lélia Gonzales<sup>49</sup>, vieram o Amauri e Yedo do Rio, estavam aí pessoas de cidades do interior, recebemos cartas da Bahia. Recebemos um documento dos presos da Casa de Detenção, porque nós fazíamos um trabalho dentro da Casa de Detenção: colocávamos livros, alguns advogados para ajudarem os presos lá dentro, cópias de processos, e eles faziam discussão sobre o negro lá. E eles mandaram um documento: faziam parte do movimento que estava surgindo. Foi um ato muito bonito.

A partir do depoimento acima, percebemos o quão importante e grandioso, por assim dizer, foi essa manifestação contra a discriminação racial, considerada como marco na luta do movimento negro no Brasil. Com grande repercussão nacional na época e inclusive internacional também, pois segundo o Milton, essa “manifestação foi algo que correu o mundo”, uma grande vitória. Além disso, ele ressalta o fato de que após ter ocorrido a ocupação da Praça Ramos de Azevedo, a polícia parecia ter se arrependido da liberação dessa manifestação, pois ficaram provocando os militantes em meio a xingamentos e ameaças, lembra-nos bem que estávamos em período de ditadura militar, mais que diante dessas provocações, não se deixaram abalar e seguiram em caminhada. Sueli Carneiro<sup>50</sup> também comenta sobre a importância desse ato público (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.148-149):

<sup>49</sup> Lélia de Almeida Gonzalez (1935-1994), militante do movimento negro, era graduada em história e geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), fez mestrado em comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutorado em antropologia na Universidade de São Paulo (USP). Foi professora em escolas e em instituições de ensino superior no Rio de Janeiro, como a PUC, a Uerj e a UFRJ. Candidatou-se a deputada federal pelo Rio de Janeiro nas eleições de 1982, na legenda do Partido dos Trabalhadores (PT), e a deputada estadual nas eleições de 1986, na legenda do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Publicou em 1982, *Lugar de negro*, em co-autoria com Carlos A. Hasenbalg, e *Festas populares no Brasil* (1987). Foi vítima de assassinato a tiros no Rio de Janeiro, em 1994. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 53).

<sup>50</sup> Sueli Carneiro nasceu na cidade de São Paulo em 24 de junho de 1950. Formada no curso de filosofia da Universidade de São Paulo (USP) em 1980, foi uma das fundadoras do Coletivo de Mulheres Negras em São Paulo, em 1984, e conselheira e secretária geral do Conselho Estadual da Condição Feminina do estado. Coordenou o Programa da Mulher Negra do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher de março de 1988 a

Acho que o fato político mais importante do movimento negro contemporâneo foi aquele 7 de julho de 1978, porque tudo o que ocorre depois se referencia a esse ato inaugural de re-fundação, digamos, do movimento negro contemporâneo. Muitas das organizações que existem hoje são releituras das teses que existiam, porque a visão estratégica que foi colocada naquele momento orienta até hoje. Não foi criada uma outra grande tese tão abrangente como a que o MNU traz e provavelmente é possível dizer que ela teve e tem uma influência política maior do que a do próprio MNU enquanto instituição. No tempo, as teses acabaram sobrevivendo mais do que a própria instituição tal como foi concebida originalmente.

Yedo também nos fala sobre a importância e grande repercussão que teve esse ato público: “Aí foi um ato público, saiu em todas as primeiras páginas de todos os jornais... Isso deu repercussão nacional, mundial” (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.154).

Em meio a todo esse fervor, após o ato, as discussões pairaram em torno da organização do movimento propriamente dito, e ficou acordado para se reunirem no dia seguinte, 8 de julho. Já nessa primeira reunião começam a ocorrer algumas desavenças internas, pois estavam presentes o Abdias Nascimento e sua esposa Elisa Larkin<sup>51</sup>, que é uma mulher branca e estrangeira, diante do fato, alguns militantes mais radicais passam a não aceitar essa situação, e acusam o Abdias de ser um “negro burguês”. Mas os ânimos se acalmam e compreendem que o Abdias e sua esposa também fazem parte dessa luta.

Nesta reunião ficou acertado que no dia 23 de julho haveria outra reunião, dessa vez para de fato discorrerem acerca de toda estrutura do Movimento criado. Segundo Amauri, de início o nome que foi dado era Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial. Mas já na reunião do dia 23, eles sugerem a mudança para algo que incluísse a palavra “negro”, e de acordo com Milton Barbosa, quem sugere essa palavra é a Lélia Gonzales e o Abdias, ficando, portanto, Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR). Em seguida, eles passam a entender que o “Contra a Discriminação Racial” seria uma palavra de ordem, uma bandeira levantada pelo movimento, a partir daí tornando-se apenas Movimento Negro Unificado (MNU).

Yedo Ferreira nos fala que ele e o Amauri chegam para reunião do dia 23 de julho, já com uma proposta de estatuto e carta de princípios prontas. E em seguida, com a aprovação

---

julho de 1989, e é uma das sócias fundadoras do Geledés Instituto da Mulher Negra, localizado em São Paulo, onde ocupa os cargos de coordenadora executiva e coordenadora do Programa de Direitos Humanos/SOS Racismo desde 1988. É doutora em filosofia da educação pela USP. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 34-35).

<sup>51</sup> Elisa Larkin Nascimento, escritora e cientista social nascida nos Estados Unidos, é mestre em direito e em ciências sociais pela Universidade do Estado de Nova York e doutora em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). É co-fundadora, com seu marido, Abdias Nascimento, do Instituto de Pesquisas Afro-Brasileiros (Ipeafro), em 1981. Entre suas obras destacam-se *Pan-africanismo na América do Sul* (1981), *Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira* (1997) e *Sortilégio da cor. Identidade, raça e gênero no Brasil* (2003). Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 154).

pela plenária, o próximo passo seria a escolha da coordenação, como os maiores grupos eram do Rio de Janeiro e São Paulo, resolveram criar uma espécie de coordenação interestadual (Rio-São Paulo), sendo cada uma representada por três membros, a de São Paulo ficou acertada em: Hamilton, já falecido, Eduardo de Oliveira e Maria Inês Barbosa<sup>52</sup>, quando o assunto foi a coordenação do Rio, eis que surge uma discussão entre os integrantes, pois havia uma proposta de se incluir a Elisa Larkin, esposa do Abdias (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.157):

Do Rio de Janeiro, isso foi que deu uma complicação danada. Porque a Lélia tinha uma certa divergência em relação a nós – eu e Amauri. Como viam a gente atuar sempre muito bem organizado, na cabeça das pessoas nós eramos elementos de uma determinada organização política que eles não conheciam e que estava querendo influenciar o movimento. Todo mundo ficava com o pé atrás, sempre com receio. E não era nada daquilo: é só porque a gente procurava atuar mais organizado. Então, para escolher os três do Rio de Janeiro foi que deu um problema danado. A proposta da Lélia, com que todo mundo concordou, era que a Lélia fosse escolhida. Depois fizeram a proposta da Vera Mara<sup>53</sup>, porque ela fazia parte do Núcleo Negro Socialista. Ela não tinha nada de trotskista, mas fazia parte do Núcleo Negro Socialista por falta de uma entidade para ela participar, e acabou participando. Porque ela era da Sinba antes, mas depois saiu. E faltava o terceiro nome: a Lélia propôs a Elisa Larkin. “Porque as mulheres!...” Aí o Amauri disse: “Isso não é possível. É uma coisa que não vai dar certo”.

Ainda segundo Yedo, foi levantada a seguinte questão a partir da fala de uma menina, de 14 anos, que estava presente, a Simone (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.158):

Mas tinha uma garota, que tinha naquela época, uns 14 anos, a Simone. Ela morava aqui no Itararé. A Simone olhou e falou: “O que é isso? Que organização nós estamos criando? Não é possível! Nós estamos criando uma organização de negros, fizemos questão de colocar a identidade de negro. Como é que vocês sugerem colocar uma branca e, além disso, norte-americana? Que nem no Brasil vai ficar! E vão deixar o Amauri de fora? Eu não posso aceitar isso.” Aí recuaram: “Não, está certo, a Simone está com a razão.” Aí, a Lélia, para não perder o embalo, queria propor a Dulce Vasconcellos, que era do Ceba. O pessoal falou: “Não, espera aí. Já tem duas mulheres, Lélia, vamos colocar pelo menos um homem. O pessoal de São Paulo foi bem equilibrado. São Paulo tem dois homens e uma mulher; aqui já tem duas mulheres, vamos colocar um homem.” Ela não gostou muito. Aí o Amauri entrou. Aqui no Rio de Janeiro ficaram Lélia, Amauri e Vera Mara.

<sup>52</sup> Maria Inês da Silva Barbosa, nascida em São Paulo, foi militante do Cegan na década de 1970. Graduada em serviço social pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (1976), mestre em serviço social pela PUC de São Paulo (1992) e doutora em saúde pública pela USP, com a tese *Racismo e saúde* (1998), é professora do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso e subsecretária de Ações Afirmativas da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), órgão vinculado à presidência da República. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 157).

<sup>53</sup> Vera Mara Bragança Teixeira foi militante da Sinba em meados dos anos 1970. Formada em canto pelo Conservatório Brasileiro de Música, após iniciar sua carreira como cantora no Brasil e se apresentar em diversos países, como Suíça, Áustria e Turquia, passou a fazer apresentações com o irmão e pianista Cidinho Teixeira, com quem foi para os Estados Unidos em 1984. Desde então apresentou-se em importantes espaços de jazz, como o bar Blue Note, o S.O.B's, o Tavern on the Green e o Lincoln Center, e tornou-se uma cantora respeitada no cenário da música brasileira em Nova York. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 157).



Nesse sentido, de acordo com o depoimento de Yedo, em seguida da escolha, a própria Elisa reconheceu que não fazia sentido que ela entrasse, pois a reunião estava acontecendo no domingo, e já na terça-feira ela voltaria com o Abdias para os Estados Unidos. O Abdias também reconhece e diz que no máximo poderiam representar o MNU nos Estados Unidos, portanto, finalmente, estava formada a coordenação. Aprovada a coordenação, o próximo passo seria a definição da carta de princípios e do estatuto, as discussões duraram cerca de três meses, de julho a setembro, e a inspiração do estatuto vem do regulamento da Frelimo<sup>54</sup>, presente na organização Afro-Asiático, onde foram buscar, e a carta segue o exemplo da ONU, mas adaptada para nossa realidade. Com relação a esse fato, diz Amauri (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.159-160):

Nós tivemos que fazer a carta de princípios e o estatuto entre 23 de julho e 9 de setembro. O estatuto, o Yedo fez, e a carta de princípios, eu fiz. Mas na verdade, o Yedo me ajudou na carta de princípios e eu o ajudei no estatuto, porque eu estava querendo aprender a fazer. Fizemos um estatuto revolucionário. Pegamos o livro do Samora Machel, *A luta continua*, que tem o estatuto da Frelimo, e, com base no estatuto da Frelimo, fizemos um documento de 20 pontos, revolucionário. Mas o Hamilton achou que aquilo era burguês, muito careta, a Vera Mara o apoiou e foram contra. Como trotskistas, eles tinham o direito das minorias. Então fizeram outro. Aquilo chegou lá como recomendação da comissão organizadora, mas eles já chegaram apresentando outro.

Eu tinha um grande orgulho de ter feito a definição que está na carta de princípios e que valeu para sempre no MNU: “Entendendo como negro todo aquele que possui na cor da pele, no rosto ou nos cabelos, sinais característicos dessa raça.” Esse cabeçalho se manteve sempre, e a estrutura da carta é a mesma, com “Resolvemos”, “Consideramos”... Isso só o Yedo sabia, e eu tinha aprendido com ele.

Ficou então decidida a realização de uma Assembleia Nacional do movimento, no dia 9 de setembro, para que a carta e o estatuto pudessem ser votados. E mais uma vez, surgem às divergências no interior do movimento, pois segundo Yedo (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.160):

O estatuto foi que teve um problema sério. A comissão aceitou o estatuto na assembleia, no dia 9 de setembro. Só que o pessoal de São Paulo, com receio, novamente, de que eu e Amauri quiséssemos ser hegemônicos, já que, nós estávamos propondo tudo, resolveram fazer lá um outro estatuto. Quando chegou no dia da Assembleia, eles vieram com o estatuto debaixo do braço. Falei: “Espera aí, existia uma comissão que nós aprovamos para discutir o estatuto.” “Não, mas nós aprovamos um outro.” “Tudo bem. Vamos discutir.” O estatuto que nós tínhamos apresentado foi posto em discussão e eles acabaram “passando o rodo”; eu e Amauri fomos praticamente massacrados. Eles propuseram, então, que o estatuto a ser discutido era o que eles tinham aprovado lá em São Paulo. A Lélia concordou, a Vera Mara concordou, o Hamilton também e o Eduardo de Oliveira. Só quem ficou do lado do Amauri foi a Maria Inês, porque ela era muito mais ligada ao Cecan, que tinha um bom relacionamento conosco. Mas o resto ficou contra o Amauri. O

<sup>54</sup> A Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), de orientação marxista, foi fundada em 1962, sob a liderança de Eduardo Mondlane. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 158).

Amauri ficou praticamente sozinho para apresentar o estatuto e, com isso, ficou o outro estatuto em vez do que estávamos apresentando.

Nesse contexto, Yedo ressalta o fato de que existia uma diferença fundamental entre os dois estatutos, pois o que tinha apresentado junto com Amauri dizia que o MNU tinha que ser mobilizador, já o outro, falava sobre o movimento como sendo reivindicativo. (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.161):

Mas fomos derrotados. E fomos observar que as nossas propostas, todas elas, eram derrotadas; mesmo aquelas que nós achávamos que estavam mais próximas às deles. Isso nos levou a observar: “Olha, não vai dar pé. O ambiente mudou, começou a divergência.” No próprio dia, alguns se afastaram. E o grupo que ficou defendendo alguns princípios entre os quais nós tínhamos apresentado foi eu, Amauri, o Ivair, o Henrique Cunha Jr., os irmãos Wilson e Celso Prudente... Nós ficamos defendendo sozinhos, mas eles eram maioria, então ganharam.

Enfim, foram muitas as discussões, os “burburinhos”, e nesse meio, como percebemos acima, já começam a ocorrer um racha no movimento, com alguns integrantes se afastando no próprio dia da Assembleia, caso do pessoal da Sinba e do próprio Yedo Ferreira. Milton Barbosa chega a afirmar que essa Assembleia chegou a durar cerca de 36 horas, mas que diante dos impasses, do cansaço, o salão começa a se esvaziar, o que antes era “umas duzentas, trezentas pessoas”, passa para “umas 30, 40 pessoas.” (BARBOSA, In: ALBERTI e PEREIRA, 2007, pp. 161-162). Amauri Mendes relata ainda que, segundo um amigo seu que esteve presente a todo o momento, o Jair, que militou no Sinba, e que inclusive foi o responsável pela elaboração do relatório dessa assembleia nacional, lhes disse que no final jogaram para a Lélia a responsabilidade de fazer a ata da reunião “ficaram ela e Jair fazendo a ata” (MENDES, In: ALBERTI e PEREIRA, 2007, p. 162), a Assembleia se encerra por volta das quatro horas da madrugada do domingo para a segunda, quando já não havia mais praticamente ninguém na plenária. Ou seja, pelos fatos, vemos que foi tudo muito conturbado, criado em meio a muita tensão, “desavenças”, mesmo assim, foi criado, e isso foi uma grande e importante vitória para o movimento negro contemporâneo, de uma forma geral, um marco, como reconhecem os próprios militantes. Conforme Yedo (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.161):

Com o estatuto e a carta de princípios, podemos dizer que ficou consolidada a fundação do MNU, que veio do dia 18 de junho, passou pelo 7 de julho, 23 de julho e 9 de setembro. E esse ciclo vai se fechar no dia 4 de dezembro, me parece – ou 4 de novembro –, em que ele faz a primeira assembleia na Bahia.

Hoje, o Movimento Negro Unificado (MNU), continua suas atividades na luta contra a discriminação racial no Brasil, com polos espalhados por várias regiões do Brasil.

### 1.3. De dentro do Movimento: o militante negro Oliveira Silveira

Neste tópico iremos discorrer sobre os depoimentos do escritor e poeta negro Oliveira Silveira, em especial, os presentes na obra *Histórias do Movimento Negro no Brasil*, nesta perspectiva, nosso propósito aqui será a análise de seu posicionamento enquanto militante no que diz respeito a alguns aspectos, são eles: as influências externas e os referenciais que orientaram na formação dos militantes negros; a organização do movimento negro na década de 1970; a fundação do MNU; as estratégias iniciais e formas de ação utilizadas pelas organizações negras; o centenário da Abolição; e por fim, os debates atuais que permeiam as relações raciais no Brasil.

Segundo Oliveira Silveira, vários foram os referenciais que orientaram na formação e no discurso dos intelectuais negros que vinham se constituindo no movimento negro nos anos 1970 – 1980. Com relação a este fato, Oliveira Silveira relata que, sua família era mista, seu pai era branco descendente de uruguaios, portanto, a questão racial não era um assunto recorrente entre eles, ao ponto, segundo o poeta, de não se considerarem negros. Porém, logo mais, ele começa a despertar para a questão racial, quando sai do interior do Rio Grande do Sul e vai para Porto Alegre, cursar a universidade, no início da década de 1960.

Dessa forma, o autor cita o livro *Reflexões Sobre o Racismo* (1972), de Jean Paul Sartre, emprestado a ele por uma escritora, a poetisa gaúcha Lara de Lemos, como de grande importância na sua tomada de consciência, pois, além do contato com o texto, ele destaca a importância da leitura da segunda parte do livro que contém o *Orfeu Negro*, que é a apresentação que Sartre faz para a *Antologia da poesia negra e malgaxe* (1948), de Léopold Sédar Senghor<sup>55</sup>, onde ele destaca a importância do contato com os fragmentos de poesia negra apresentada ao longo da análise.

A partir da análise do texto “Orfeu Negro”, fica claro o posicionamento do poeta, de que os negros precisam se unir e se organizarem, acima de tudo, que pensem como negros, para que possam formular suas reivindicações (SARTRE, 1972, p.95):

---

<sup>55</sup> Léopold Sédar Senghor (1906-2001), foi um político e escritor senegalês, governou o país como presidente de 1960 a 1980. Estudou em Paris, onde juntamente com o martinicano Aimé Césaire e Léon Gontran Damas, da Guiana Francesa, idealiza o movimento da Negritude. Em 1936 foi professor em Tours, mais tarde em Paris. Durante a II Guerra, foi feito prisioneiro pelos nazistas, na ocasião, aprendeu alemão e escreveu poemas que depois foram publicados em *Hosties Noires* (Hóstias Negras) depois de libertado, fez parte da resistência. Em 1945 foi eleito Deputado do Senegal na Assembleia Constituinte Francesa, com a independência do Senegal, Senghor foi eleito o primeiro presidente da nova república e permaneceu no cargo até 1980. Em 1983 foi eleito para a Academia Francesa de Letras. Passou os últimos anos de sua vida entre a Normandia, Paris e Dakar. Sua obra foi traduzida para vários idiomas, dentre eles, japonês, alemão, sueco, russo, italiano e português. Foi doutor *Honoris Causa* em mais de 20 universidades, dentre elas, a UFBA, em uma de suas visitas ao Brasil em 1964. Ver [www.quilombhoje.com.br/ensaio/ieda/senghor.htm](http://www.quilombhoje.com.br/ensaio/ieda/senghor.htm), acesso em 10/06/2015.

[...] assim o negro que reivindica sua negritude num movimento revolucionário coloca-se de pronto no terreno da Reflexão, quer deseje reencontrar em si próprio certos traços objetivamente verificados nas civilizações africanas, quer espere descobrir a essência negra nas profundezas de seu coração.

O Título “Orfeu Negro” refere-se: (...) chamarei de “órfica” tal poesia por que esta incansável descida do negro dentro de si mesmo me lembra Orfeu indo reclamar Eurídice a Plutão (SARTRE, 1972, p. 98). O autor relata também que grande parte das minorias étnicas, no século XIX, ao reivindicarem sua independência, tentava resgatar suas línguas nacionais, pois não dispendo de uma língua comum, os negros sofrem a ameaça de freíarem seus esforços no sentido de incitarem a união dos oprimidos, pois “os anunciadores da negritude veem-se obrigados a redigir em francês o seu evangelho” (p. 98); recorrendo, dessa forma, às palavras do opressor. Porém, demonstra a existência de uma negritude objetiva que se expressa através dos costumes, das artes, dos cantos e das danças das populações africanas. Fica claro nas exposições de Sartre, a discussão sobre como se definir a Negritude, sendo esta, definida a partir de vários pontos de vista, como exemplo, a poesia pura.

Para Léopold Senghor, um dos poetas africanos e organizador da antologia, prefaciado por Sartre, a negritude de um poema é: “menos o tema do que o estilo, o calor emocional que dá vida às palavras, que transmuta a palavra em verbo”. Para a Psicologia: “É uma tensão da alma, uma escolha de si próprio e de outrem...”. Diante de todas as noções antropológicas sobre a Negritude, citadas no texto, o autor posiciona-se favorável a todas, entendendo a Negritude como “um reflexo de ser e de dever-ser...” (SARTRE, 1972, p. 121). Sartre demonstra ser a Negritude não um estado, mas puro ultrapassamento de si mesma, amor. Chama a atenção para o fato de que, é através da poesia que os poetas negros podem expressar sua negritude, pelo conteúdo do poema, sendo esta, uma oportunidade histórica para os negros expressarem seus sentimentos, estando sob esta perspectiva os poemas do escritor negro Oliveira Silveira, sendo nesse sentido que pretendemos investigar esse sentimento poético.

A partir daí, Oliveira Silveira pede a um professor seu de francês, que trabalhava também no consulado da França, para que encomendasse pelo malote, livros de Léopold Sédar Senghor e Aimé Césaire<sup>56</sup>. Desse modo, ele toma contato com sua biografia assim como estudos críticos sobre a obra de Senghor e de Césaire. Sendo assim, o poeta destaca que foi durante seu período de universidade, de 1962 a 1965, que ele tomou contato com a

---

<sup>56</sup> Aimé Fernand David Césaire foi um poeta, dramaturgo, ensaísta e um dos idealizadores do movimento Negritude. Além de ser um dos mais importantes poetas surrealistas no mundo inteiro. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 73).

literatura negra, incluindo além desses autores franceses, autores brasileiros como Solano Trindade<sup>57</sup>, Cruz e Sousa<sup>58</sup>, dentre outros.

Nesse tempo, o poeta e escritor publicou em 1970 – Porto Alegre, o livro *Banzo Saudade Negra*, que reúne uma série de poemas ligados à causa negra. Essa obra inaugura sua fase ligada propriamente à questão racial, encerrando sua primeira fase poética marcada pelo viés regionalista, sendo esta de edição também do autor. Sendo uma obra bem mais complexa que as demais, considerada de fato um livro de poemas, ela reúne 35 poemas distribuídos ao longo de 52 páginas. Dentro dessa perspectiva, é nítida essa nova fase inaugurada pelo autor marcadamente ligada às questões raciais, onde pelo próprio título dos poemas são recorrentes as palavras “negro, banzo, África”, dentre outras. Apresenta ainda poemas bem mais longos, a exemplo do primeiro poema composto por uma média de 80 versos, sendo este o poema mais longo presente na obra. No entanto, a obra é composta em sua maioria por poemas de médio porte com número de versos que variam entre 8 e 35, mas também poemas bem curtos a exemplo do poema “Mulher Negra”, composto por apenas 4 versos, sendo este o menor poema presente no livro. Como fator dessa nova fase ligada às questões raciais, inaugurada pelo escritor Oliveira Silveira, gostaríamos de ressaltar, por exemplo, o fato de que a palavra “negro (a), preto (a), mulato (a)”, aparece em seus poemas ao longo dos versos escritos em uma média de 54 vezes. Os conteúdos de história contidos nele relacionam-se ao tráfico transatlântico dos negros africanos, a história dos negros, a história da África, a religião, as causas negras, dentre outros. As temáticas trabalhadas são variadas, incluindo a África, o

---

<sup>57</sup> Solano Trindade (1908-1974) nasceu no dia 24 de julho no bairro de São José, Recife (PE). Além de poeta, foi pintor, teatrólogo, ator e folclorista. Legítimo poeta da resistência negra, em 1930 começa a compor poemas afro-brasileiros. Em 1934, participa do I e do II Congresso Afro-Brasileiro, no Recife e Salvador. Em 1936, fundou a Frente Negra Pernambucana e o Centro de Cultura Afro-brasileiro, para divulgação dos intelectuais e artistas negros. Em 1940 transfere-se para Belo Horizonte, retornando ao Recife em 1941, mas logo foi para o Rio de Janeiro, onde em 1945, funda o Comitê Democrático Afro-brasileiro, com Raimundo Souza Dantas, Aladir Custódio e Corsino de Brito. Em 1954, está em São Paulo, onde cria um pólo de cultura e tradições afro-americanas, na cidade de Embu. Em São Paulo também funda o Teatro Popular Brasileiro – TPB, onde desenvolve intensa atividade cultural voltada para o folclore e para a denúncia do racismo. Em 1955, viaja para Europa, com o TPB, onde dá espetáculos de dança e canto. Faleceu no Rio de Janeiro, em 19 de fevereiro de 1974. Ver [www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_brasis/.../solano\\_trindade.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/.../solano_trindade.html), acesso em 13/06/2015.

<sup>58</sup> João da Cruz e Sousa (1861-1898) nasceu em 24 de novembro em Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis (SC), era filho de ex-escravos e ficou sob a proteção dos antigos proprietários de seus pais, após receberem alforria. Por este motivo, recebeu uma educação exemplar no Liceu Provincial de Santa Catarina. Foi diretor do jornal abolicionista Tribuna Popular em 1881, no qual combateu a escravidão e o preconceito racial. Em 1883, foi nomeado promotor público de Laguna (SC), no entanto, foi recusado logo em seguida por ser negro. Muda-se para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como arquivista na Central do Brasil, colaborando também com o jornal Folha Popular. Em 1893 publica *Missal* (poemas em prosa) e *Bróqueis* (poesias), consideradas o marco inicial do Simbolismo no Brasil que perduraria até 1922 com a Semana de Arte Moderna. Casou-se com Gavita Gonçalves, também negra, com quem teve quatro filhos, os quais morreram precocemente por tuberculose, o que a deixou enlouquecida. Faleceu aos 36 anos, em 19 de março de 1898, em Minas Gerais, vítima do agravamento no quadro de tuberculose. Ver [www.brasile scola.com > Literatura > Escritores brasileiros](http://www.brasile scola.com > Literatura > Escritores brasileiros), acesso em 13/06/2015.

banzo, o treze de maio, o mulato, a mulher negra, o apartheid, o carnaval, o esporte, entre outros. Inseridos nesse contexto, destacamos o poema “Nomes em carvão”, que segue abaixo (Silveira, 1970, p.40):

Sehghor, Césaire, Langston Hughes  
 - poetas da palavra de ébano –  
 e Martin Luther King, Louis Armstrong  
 - O prêto do trompete som de prata.

E aqui nosso Cruz e Sousa  
 poeta da pele de pixe  
 cujas palavras são pretas por dentro  
 porém plasticamente são de prata.

E aqui Solano Trindade  
 e outros – pretos, mulatos –  
 mas tudo sem falar em quem  
 abdicou de sua côr  
 com um banho de prata.

Oliveira Silveira inicia o poema citando os nomes dos escritores e poetas negros “Sehghor e Césaire” ideólogos do movimento literário *négritude*<sup>59</sup>, cujo movimento é de expressão francesa, assim como de “Langston Hughes” que além de poeta, foi também novelista, dramaturgo, contista e colunista estadunidense, tendo sido um dos expoentes do movimento cultural afro-americano dos anos 1920, nesse contexto, é interessante notar o modo como o escritor se refere a esses poetas quando os chama “poetas da palavra de ébano” (sendo esta uma madeira escura, muito pesada e resistente, encontrada em regiões tropicais, principalmente na África), que em um sentido figurado pode ser entendido como designação de um indivíduo com tom de pele escura. Refere-se ainda a Louis Armstrong como “O prêto do trompete som de prata”, este que foi cantor, compositor, instrumentista, trompetista, cornetista, saxofonista, escritor, letrista, dentre outras habilidades. E menciona também “Cruz e Sousa” e “Solano Trindade”, grandes escritores e poetas negros brasileiros. Sendo aí que percebemos a diáspora negra, quando o Oliveira Silveira faz referência não somente ao Brasil, mas a África, caribe, EUA. Em outro poema denominado “Três guerreiros negros”, o autor destaca na última estrofe (SILVEIRA, 1970, p.52):

[...]  
 Vós

<sup>59</sup> Movimento literário que surgiu na França na década de 1930, reunindo produções que valorizam o patrimônio cultural e a perspectiva negro-africana, em contraposição à cultura ocidental. Seus fundadores foram o senegalês Léopold Senghor, o martinicano Aimé Césaire e o guianense Léon Damas. Ver [www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/.../2707](http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/viewFile/.../2707), acesso em 28 jun.2015.

de Américas hostis  
 Zumbi, Toussaint, Luther King  
 a guerra chega ao fim  
 podeis dormir em paz.

E nesses versos, mais uma vez enxergamos a diáspora negra presente em sua produção poética, na qual o autor destaca o nome de três guerreiros negros “Zumbi, Toussaint, Luther King”, em diferentes Américas.

Silveira (1970, p.49) ressalta ainda o fato de que após o assassinato de Martin Luther King<sup>60</sup>, em 1968, época em que o regime militar se instaura no Brasil ele publicou um poema sobre Luther King em um jornal de Porto Alegre, *Correio do Povo*, cujo título era “Réquiem para Luther King”, segue poema na íntegra:

O irmão da paz morreu de bala  
 o irmão da paz morreu de bala.

Martin Luther King Jr.  
 mártir Luther King Jr..

Descansa em paz, irmão, porque  
 tuas pernas estão cansadas  
 e teus pés estão doídos  
 das grandes marchas negras  
 na estrada branca da paz  
 (estrada-sangue da paz).

Descansa, irmão, em silêncio  
 porque tua voz está rouca  
 assim de um rouco-jazz  
 de tanto usar armas-palavras  
 palavras-armas-de-paz.

Descansa teu corpo judiado  
 de viagens, prisões, atentados  
 descansa agora, ovelha-negra,  
 ovelha-negra mas não desgarrada  
 cordeiro enfim sacrificado.

Descansa, irmão, em paz  
 em livre-paz-igual  
 em justa-paz-total.

5-4-68

---

<sup>60</sup> Martin Luther King (1929-1968), pastor negro da Igreja Batista, foi líder do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960, defendendo métodos baseados no amor cristão e na ação não violenta. Foi assassinado em agosto de 1968. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FG, 2007, p. 60).

O poema é rico para explicar as preocupações históricas ou de cultura histórica de Oliveira Silveira, quando o poeta faz referência em seus versos ao fato de Martin Luther King ter lutado intensamente pelos direitos civis dos negros norte-americanos a partir das “[...] armas-palavras, palavras-armas-de-paz [...]”, já que este defendia essa luta através do amor cristão e de uma ação não violenta, ação esta, tão combatida por ele, e que ironicamente acaba por vitima-lo, quando foi assassinado em 4 de abril de 1968. Menciona no poema as “grandes marchas negras”, na qual ressaltamos a “Marcha sobre Washington” liderada por Luther King em 1963 e que reuniu cerca de 250 mil pessoas. Além disso, destaca suas viagens, prisões e atentados sofridos em meio a sua luta, e o chama de ovelha, mas não qualquer “ovelha” seguidora de uma religião cristã, e sim, “ovelha-negra”, porém, “não desgarrada”, infelizmente, um “cordeiro enfim sacrificado”. Mas que após sua morte, certamente encontrou a paz, a “livre-paz-igual”, a “justa-paz-total”.

Fazendo menção à organização do Movimento Negro, segundo Oliveira Silveira, grande parte dos movimentos negros começaram a ressurgir e se firmarem no início de 1970. Alguns tiveram um curto período de duração, mas, a grande maioria continua sua existência na luta pelos direitos de igualdade racial. O poeta resalta que sua entrada na militância ocorreu após seu ingresso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde se formou em Letras, em 1965. A partir daí, começa a se envolver com a comunidade negra, buscando conhecer pessoas negras que já estavam envolvidas com a questão racial.

Com esses contatos, começa então a desenvolver a ideia da formação de um grupo ligado a causa negra, inicialmente, com a ajuda de um amigo universitário e com a moça que viria a ser sua esposa. Esse grupo acabou não dando certo, mas a ideia de aproximação com a comunidade negra continuou. E a partir das amizades que vinha fazendo com pessoas que já eram militantes, acaba ingressando em um grupo informal, de onde surge a contestação do 13 de maio, assim como outras questões ligadas ao negro. Já que em 1888 ocorreu a abolição da escravidão legal, no entanto, o racismo e a discriminação continuaram na República, pois é fato que grande parte desta população continuou e continua até os dias atuais a ocupar os piores lugares dentro de nossa sociedade, vítima que são do preconceito e da discriminação racial, algo que aos poucos vem “melhorando”, onde podemos citar como exemplo a grande importância das políticas de ação afirmativa voltadas para a população negra.

Com as discussões do grupo, passou então a pesquisar sobre a história do negro no Brasil, chamando sua atenção, a história do Quilombo dos Palmares, que foi liderado por Zumbi. Com isso, surge a ideia de evocar a data de “morte” ou assassinato de Zumbi, ou seja, o 20 de novembro, como data comemorativa da luta e resistência negra, contrapondo-se ao 13



de maio, criando-se mais adiante, como veremos, o Grupo Palmares. Numa tentativa de periodização do movimento negro, Oliveira Silveira o divide em três períodos (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.270):

[...] de 1971 a 1978, que eu chamo “a virada histórica”, de 1978 a 1988, que é uma fase de organização do movimento, em que surgem novas entidades, tem os protestos, as denúncias... [...] Finalmente, no último período, de 1988 para cá, temos que considerar, por exemplo, o trabalho na área educacional, em que nós temos um avanço muito grande, a produção escrita, a formação de mestres e doutores negros e a participação dos Neabs nas universidades, que é muito importante.

Já nos anos de 1988, as discussões referentes à luta dos negros estavam pautadas na Constituição brasileira, na qual reivindicavam o reconhecimento das diversas formas de acesso a terra pela comunidade negra, assim como pela criminalização do racismo. Outras questões também importantes foram levantadas: a questão do imigrante africano; a preocupação com os países africanos de língua portuguesa; a questão da violência policial contra a população negra, algo que ainda preocupa nos dias atuais com o “genocídio” da juventude negra; a promoção da saúde pública e da educação, entre outros.

Nesse tocante, Oliveira Silveira ressalta que o ano de 1988 se configura como um marco para o movimento negro brasileiro, pois foi uma fase de conquistas e de obtenção de retornos. Nesse sentido, destaca-se o fato de que na constituição de 1988 ocorreu a criminalização da prática de racismo, já que a lei Afonso Arinos<sup>61</sup> (lei 1.390/51) é tida pelos militantes do movimento negro como uma farsa, pois, mesmo que esta se constitua enquanto a primeira lei contra o racismo no Brasil, ninguém nunca foi preso durante os trinta e sete anos em que vigorou. E as denúncias contra as “farsas” dessa lei, já se faziam presentes em jornais da chamada imprensa negra na década de 1970, a prova disso é um fragmento retirado de reportagem intitulada *Nasce o Movimento Negro* publicada no jornal *Tiçã* (1979, p.8), edição publicada em agosto de 1979:

A Lei Afonso Arinos decididamente mostra as garras e revela a sua mais nova utilidade: serve de pretexto para a polícia proibir reuniões, onde os negros gritam contra a discriminação racial, exigem melhores condições de vida e lutam por liberdade de expressão.

---

<sup>61</sup> Publicada em 3 de julho de 1951, a Lei 1.390 inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou de côr. Ver [presrepublica.jusbrasil.com.br/legislação/.../lei-afonso-arinos-lei-1390-51](http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislação/.../lei-afonso-arinos-lei-1390-51), acesso em 03/07/15.

Essas reivindicações são um espelho das desigualdades raciais provenientes de uma falsa abolição, que ocorrera no país, e que depois de passado cem anos ainda existem, mesmo que velado o preconceito e a discriminação para com os negros.

Os debates atuais referentes aos negros giram em torno das cotas raciais nas universidades e da Lei 10.639<sup>62</sup>, relacionada à obrigatoriedade do ensino sobre História da África e Cultura Afro-Brasileira nas escolas em todo território nacional, e atualmente, das cotas em concurso público. Nesse contexto, Oliveira Silveira ressalta a inclusão do dia 20 de novembro como Dia Nacional da consciência Negra no calendário escolar, data esta, pensada e articulada por ele e o Grupo Palmares ainda na década de 1970. Portanto (ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.437):

A palavra avanço, em relação à trajetória do movimento negro, eu acho que é muito significativa, porque realmente houve esse avanço. Por exemplo, essa questão da Lei 10.639 é uma demanda muito antiga. Precisou haver uma lei, precisou tornar obrigatório. E isso está sendo feito, a meu ver, de forma muito correta. O parecer do MEC, por exemplo, é um parecer que instrumentaliza as escolas e as redes para trabalharem essas questões da história e da cultura.

Diante do exposto, há de se destacar que durante muito tempo se desenvolveu no Brasil a ideia de que vivemos no país da “democracia racial”, ou seja, de que mesmo diante de cerca de “350 anos” de escravização dos negros africanos que aqui ocorreu durante o período colonial, esta não teria sido tão cruel como poderíamos imaginar, sem contar o fato de que após a abolição a população negra foi “jogada” à margem de nossa sociedade brasileira fortemente racializada em torno da mestiçagem e da invisibilidade da população negra.

Dessa forma, mesmo após a “libertação” dos escravos em 1888, estes foram esquecidos de nossa história dita oficial, pois desde então passamos a conviver em nosso meio escolar com a ideia de que a escravização no Brasil havia sido algo benevolente entre senhores e escravizados, apenas com algumas resistências de forma isolada, assim como com o fato dessa libertação ter sido obra da elite brasileira do século XIX representada na figura da princesa Isabel. Ainda nessa perspectiva, ressaltamos o fato de terem “apagado” de nossa história dita oficial nossos heróis negros, representados em sua maioria pela figura do negro escravizado em sua constante luta contra todo o processo de escravização dessa população e na busca de sua libertação. Nesse sentido, é perceptível na escrita poética de Oliveira Silveira

---

<sup>62</sup> Publicada em 9 de janeiro de 2003, a Lei 10.639 tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares. Atualmente incorporado também à questão indígena pela promulgação da Lei 11.645/08. Ver [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm), acesso em 03 jul.2015.

(1987, p.14) críticas a esse fato acima elencado, onde podemos citar um trecho do seu livro

*Poema Sobre Palmares:*

Falsificaram os livros de história,  
trocaram os heróis,  
botaram máscara de carnaval  
nos fatos,  
botaram fogo nos documentos  
do tráfico e do crime  
e então ficamos sendo os que não vieram,  
ficamos sendo os que não são,  
ficamos sendo estas ruínas  
em auto-reconstrução.

Esse trecho é rico para ressaltarmos os conceitos de identidade negra, história negra e representações africanistas apresentados na introdução do trabalho. Pois como podemos perceber, o autor refere-se à história do negro trazida nos livros como sendo uma “farsa”, já que como ele bem diz: “trocaram os heróis, botaram máscara de carnaval nos fatos, e fogo nos documentos do tráfico e do crime” fazendo menção a queima de arquivos realizada por Rui Barbosa que mandou queimar todos os papéis, livros de matrícula, e documentos relativos a escravos nas repartições do Ministério da Fazenda, com a finalidade de eliminar os comprovantes de natureza fiscal que pudessem ser utilizados pelos ex-senhores para pleitear indenização junto ao governo da República, já que a Lei de 13 de Maio de 1888 declarou extinta a escravidão. Nesse sentido, encerramos aqui esse primeiro capítulo, para em seguida iniciarmos as discussões pertinentes a “consciência negra”, com assuntos relacionados aos escritos políticos de Oliveira Silveira, a história do Grupo Palmares e o “Vinte de Novembro” presentes no segundo capítulo.

## CAPÍTULO II

### A CONSCIÊNCIA NEGRA ENTRA EM AÇÃO

#### 2.1. Escritos políticos de Oliveira Silveira

Os escritos políticos utilizados na construção desse tópico ultrapassam o recorte temporal (1962-1988), porém, entendemos que os conteúdos inseridos nesses documentos relacionem-se a assuntos pertinentes ao nosso recorte, já que Oliveira Silveira discorre sobre questões como: a resistência dos negros escravizados; a abolição; as culturas negras; a diáspora negra; o negro no Rio Grande do Sul; as relações entre Brasil-África; as comunidades remanescentes de quilombo, dentre outras questões.

Inicialmente faremos uma análise da cartilha denominada *O Negro no Rio Grande do Sul*<sup>63</sup> (2005), na qual o poeta gaúcho Oliveira Silveira foi o responsável pela redação. Nossa ideia é de organizar a fala do escritor e poeta, primeiro demonstrando sua visão do passado no Brasil e no RS, já que sua primeira fase de produção poética foi marcada pela produção de poemas afro-gaúchos. Em seguida, pretendemos elencar o tempo presente, ou seja, a inserção de Oliveira Silveira nas questões contemporâneas, a partir da análise de duas obras prefaciadas pelo autor.

Logo no início das discussões presentes na cartilha *O Negro no Rio Grande do Sul*, Oliveira Silveira menciona o questionamento de se “A África é um país ou um continente?”, e destaca o fato de muitas pessoas ainda acharem que a África é um país com uma população homogênea e falando uma língua só, no entanto, o poeta ressalta que na verdade a África se constitui em um imenso continente, com uma enorme variedade de idiomas e dialetos, onde ele ressalta que: “São cerca de 2000. E dois mil sendo falados em mais de 50 países africanos” (SILVEIRA, 2005, p. 7). Em seguida, Oliveira Silveira destaca que a África é considerada o berço da humanidade, pois é lá que têm sido encontrados os vestígios dos mais

---

<sup>63</sup> Esta Cartilha é fruto de uma produção que contou com a parceria do IPHAN e da Fundação Cultural Palmares, ambas instituições do Ministério da Cultura. Contou também com a participação ativa da comunidade negra, para a divulgação da ação histórica e cultural dos Negros Gaúchos na construção do Brasil. Seu objetivo principal foi a construção de um instrumento pedagógico para contribuição da implementação da Lei 10.639/03, atual 11.645/08.

antigos antepassados da espécie humana. Além disso, ele relata o fato de que a África não é habitada apenas por pessoas negras ou pretas, pois parte dela foi invadida e dominada pelos árabes, sendo esta parte conhecida pela denominação de África Branca, somando-se a este fato os brancos descendentes de europeus. Porém, destaca o poeta, a maior parte do continente é que se chama África Negra.

O poeta fala ainda sobre os povos, impérios e sociedade que viveram e vivem nesse continente, nesse contexto, ele cita que no norte da África vivem os sudaneses que, receberam influência do mundo árabe e da religião muçulmana (islâmica), porém, alguns destes não se islamizaram, ou seja, mantiveram sua cultura, sendo estes: “[...] o povo ioruba da Nigéria, que manteve o culto aos orixás, e o jeje do Benin que continuou cultuando o vodu” (SILVEIRA, 2005, p.7). Já no sul da África, o poeta refere que lá ficam os povos bantos, chamados assim, devido à semelhança das línguas que falam.

No fim do texto, o poeta chama a atenção para o fato de que na África, entre os séculos IV e XVI, ou seja, antes da invasão europeia, houve grandes impérios, onde ele cita: Gana, Mali, Songhai, Reino do Congo ou Zimbábue. Nesse tocante, fazemos a ressalva de que ainda é pequena em nossos meios educacionais estudos referentes a história do negro e da África, na qual ressaltamos a importância de estudarmos, por exemplo, assuntos referente a história destes reinos citado pelo autor em seu texto.

Relata também o importante papel da família e da terra na sociedade africana, onde esta: “[...] pertencia a todos que já haviam morrido, aos que a utilizavam e também aqueles que ainda não haviam nascido” (SILVEIRA, 2005, p.7). Destaca, por fim, o fato de haverem escravos na África, porém, esta escravidão era diferente, pois, diferentemente do que ocorreu no Brasil colonial, este cativo integrava-se a família e a linhagem, onde o poeta cita que no Daomé, atual Benin, os filhos de escravos nasciam em liberdade. Sendo este um dos argumentos utilizados como pretexto pelos escravistas na hora de praticarem o tráfico de escravos. Além disso, destacamos que, atualmente, alguns anti-cotistas utilizam dos mesmos argumentos para negarem a necessidade das políticas compensatórias relacionadas à população negra, políticas estas, que buscam na prática que nossa sociedade se torne menos desigual racialmente.

No tocante ao “Tráfico e a Escravização”, o poeta expõe o grande crime cometido à população africana, onde ele destaca que: “O tráfico de negros africanos e a sua escravização nas Américas foi um holocausto. O número de pessoas vitimadas direta ou indiretamente atinge os 100 milhões” (SILVEIRA, 2005, p. 8). Em seguida ele destaca que, foi nos séculos XVII, XVIII e XIX que ocorreram as maiores retiradas de pessoas do continente africano,

sendo esta, uma dispersão forçada de povos, conhecida como *diáspora*, *diáspora negra* ou *diáspora negro-africana*.

No fim, Oliveira Silveira aponta como se dava esse triângulo comercial lucrativo, onde portugueses e europeus navegavam até a África, e trocavam mercadorias por gente. Colocavam essas pessoas nos navios denominados *tumbeiros* (tumbas, túmulos flutuantes) e atravessavam o oceano atlântico, vendendo estas pessoas como se fossem meras mercadorias e alcançando grandes lucros. Fazendo alusão ao tráfico negreiro, o poeta mais uma vez destaca o quanto se lucrava através deste. Além disso, destaca o fato de que muitos desses africanos trazidos para o Brasil não chegavam vivos, pois no caminho adoeciam e morriam, sendo seus corpos jogados ao mar. O que mais uma vez caracteriza o grande crime cometido contra os negros. Relata ainda o fato de a Igreja católica ter apoiado o tráfico e a escravização de negros.

Ao mencionar o “Trabalho do Negro Escravizado”, Oliveira Silveira, ressalta inicialmente que, é falsa a afirmação que diz: “o negro se adaptou a escravidão” (SILVEIRA, 2005, p. 12). Pois, segundo o poeta, quem diz isso afirma indiretamente que o negro nasceu para ser escravo, além disso, ele destaca: “Toda aquela história de que “os negros são a raça que melhor suporta o trabalho físico pesado” ou “os índios se revoltavam e o negro não” é falsa. O fato é: os negros nunca se adaptaram ao trabalho escravo” (SILVEIRA, 2005, p. 12). Com relação a este fato, em seu livro *As injustiças de Clio: o negro na historiografia brasileira*, Moura (1990, p.31-32) classifica os escritores que davam sustentação a essas ideias de “Historiadores como intelectuais orgânicos do sistema escravista”, sobre o qual ele fala:

É óbvio que essa sociedade de estrutura escravista tinha de produzir elementos que a explicassem e a justificassem *historicamente*. A história, neste contexto escravista, escrita por historiógrafos ou intelectuais ideológica ou economicamente subordinados aos seus interesses e valores, tinha de refletir os interesses dominantes, isto é, os valores que representavam os interesses dos senhores de escravos. Isto equivale a dizer que refletiam os valores racistas desses senhores e justificadores da escravidão.

No que diz respeito a estes autores que escreviam dando sustentáculos ao sistema escravista, Moura destaca: “Domingues José Gonçalves de Magalhães era visconde de Araguaia; Manuel Araújo de Porto Alegre, era o barão de Santo Angelo; Francisco Adolfo Varnhagen, o pontífice da historiografia da época, era Visconde de Porto Seguro [...]” (MOURA, 1990, p.32), dentre vários outros, sendo estes autores, como podemos perceber, ligados ao poder monárquico.

Moura (1990, p.32) aponta ainda a criação de algumas instituições que na época foram responsáveis pela disseminação dessa história “oficial”, na qual ele ressalta o papel desempenhado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), como podemos observar:

Dentre essas instituições criadas para a reprodução de ideologia escravista do império, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi aquela que desempenhou um papel dos mais ativos e dinâmicos. Elaborou um tipo de história “oficial” dentro de padrões conservadores-escravistas e foi, através da assistência do próprio imperador, a matriz da produção historiográfica do Brasil escravista.

Portanto, nessa perspectiva, entendemos que é contra essa historiografia que dar sustento ao sistema escravista, utilizando ideias que dessem suporte a sua justificação, que o escritor Oliveira Silveira está se colocando contra ao afirmar que é falsa essa idealização criada pela história “oficial” de que “o negro se adaptou a escravidão”, sendo perceptível pela historiografia mais recente a não sustentação desta questão.

Em seguida o poeta exemplifica os diferentes trabalhos que foram realizados no Brasil pelos negros africanos escravizados, dentre eles: o trabalho na cana-de-açúcar e nos canaviais dos engenhos nordestinos, nas lavras e bateias da mineração, nas plantações de café em São Paulo, onde ele relata que em todas essas localidades a resistência negra sempre ocorreu em suas diferentes formas, seja através dos quilombos, da manutenção de suas culturas ou da luta abolicionista, conforme afirma Silveira (2005, p.13):

O trabalho do negro escravizado foi importante para a construção do País. No meio rural, o trabalho nas plantações, nas minas. Na cidade, as construções, a exploração como “escravos-de-ganho” ou de aluguel. As mulheres negras eram utilizadas nos serviços domésticos: mucama, cozinheira, lavadeira, ama-de-leite e, também, na lavoura. Assim, o povo negro participou de todas as atividades econômicas da sociedade. Construiu o Brasil e acrescentou a sua cultura e diversificou seus hábitos, modos, saberes e valores por todo este país.

A partir daí, destacamos o fato de que, o trabalho do negro foi utilizado de forma recorrente na construção do nosso país na época da escravidão. No entanto, as pessoas hoje não querem aceitar a presença desses negros nos mais variados espaços de nossa sociedade, e mesmo diante disso, negam a existência de racismo no Brasil.

No tocante a resistência empreendida pelos negros escravizados, o poeta relata as várias formas de castigo e tortura que estes sofriam, e nesse contexto, destaca as mais variadas formas utilizadas pelos negros em busca de liberdade, entre elas: fugas, justicamento de feitores e capatazes, revoltas e rebeliões urbanas. Dentro desse contexto, Oliveira Silveira destaca que, entre os anos de 1585 e 1740 foram várias as expedições noticiadas para capturar

fugitivos e destruir mocambos, pois nesse mesmo período vários quilombos se constituíram, onde ele exemplifica como existência desses quilombos as capitânicas de Sergipe, Bahia, Paraíba e Maranhão. Fato este que, mais uma vez corrobora para fazer cair por terra a ideia de que os negros aceitavam a condição de escravos.

Em seguida, o poeta aponta que em alguns desses quilombos as mulheres tiveram um papel de destaque, não se limitando apenas a um papel secundário, para tanto, ele cita: “[...] o caso de Acotirene, Dandara, de Teresa de Quariterê, Felipa de Aranha e da Rosa, quilombola gaúcha, que morreu lutando ao lado dos seus companheiros” (SILVEIRA, 2005, p. 14). Na continuação do texto, o poeta destaca Palmares e seus quilombos:

Palmares estava dividido em vários mocambos e os mais importantes, em geral, recebiam os nomes de seus chefes ou comandantes. O quilombo principal, um centro político e administrativo que funcionava como se fosse a capital de Palmares, chamava-se Macaco. Também era o mais povoado, com milhares de casas. Seus líderes foram transformados em heróis – Ganga-Zumba e seu sucessor, Zumbi. O dia 20 de novembro, data da morte de Zumbi dos Palmares em 1695, é o *Dia Nacional da Consciência Negra* no Brasil.

Ressalta, por fim, que mesmo após a morte de Zumbi, as batalhas contra Palmares continuaram, e que, Palmares serviu como grande exemplo, pois após sua destruição, mais e mais quilombos surgiram pelo Brasil. Fato este, também relatado pelo poeta em sua obra *Poema Sobre Palmares* (1987). Com relação “A Presença Negra no Rio Grande do Sul”, Silveira afirma (2005, p.15):

Em outros Estados brasileiros é comum as pessoas pensarem que o Rio Grande do Sul não tem negros, só descendentes de portugueses e espanhóis, ou alemães, italianos e outros imigrantes. Vamos “esquecer” essa questão. O negro é também um dos formadores do povo sul-riograndense, assim como foi do país.

A partir daí, ele aponta o fato de que o habitante do campo foi gaudério, nômade e viveu também a margem da sociedade escravagista, sendo quilombola também, o gaúcho negro sempre existiu e existe. Habitou e ainda habita nas estâncias e em pequenas ou mini propriedades rurais do Sul. Dentro desse contexto, ele destaca que mesmo com a colonização oficial do Rio Grande do Sul tendo iniciado em 1737, desde o século anterior o negro já circulava pela região Sul. Participaram da fundação de algumas colônias, a exemplo da Colônia de Sacramento, em 1680. Encontravam-se também integrados nas ações militares entre os conflitos de fronteira, a exemplo da Guerra Guaranítica, ocorrida em 1750. Ressaltamos aqui o fato de que essas ideias de Oliveira Silveira são quase biográficas, ele está falando da história da sua região e, certamente, de seus antecedentes negros.



Em seguida, Oliveira Silveira destaca o fato de que, foi através da produção de charque que começou a entrar um número significativo da mão-de-obra escrava no território gaúcho. A partir daí, ele ressalta que o charque foi o principal produto gaúcho manufaturado no século XIX, e que essa produção se dava de maneira árdua. Nesse sentido, ele destaca que o progresso desse setor só foi possível devido ao grande número de trabalhadores escravizados nas charqueadas. Por fim, o poeta ressalta que a região de Pelotas: “[...] foi o principal centro econômico, baseado na indústria do charque e com maior concentração de charqueadas” (SILVEIRA, 2005, p. 17). Destaca ainda que: “No eixo Rio Grande-Pelotas e região, continuam existindo tradições religiosas de matriz africana, clubes negros. Tudo deita raízes numa presença negra muito forte em termos de trabalho e cultura” (SILVEIRA, 2005, p. 17).

Fazendo alusão aos “Conflitos e Abolições”, Oliveira Silveira relata como se deu a resistência negra em terras sul-riograndenses, onde ele cita exemplos ligados às fugas, assassinatos de “senhores”, capatazes ou feitores e a formação de quilombos, fato este, já exposto anteriormente. Para tanto, destacamos conforme Silveira (2005, p.17) menciona:

Nos últimos anos, a Antropologia tem apresentado um outro conceito de quilombo. Não se considera apenas resquícios arqueológicos de ocupação de grupos isolados e homogêneos, somente constituídos a partir de movimentos de rebelados. E, sim, grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar.

No trecho acima, observamos que Oliveira Silveira está “atenado” com as novas visões da antropologia, pois por muito tempo o quilombo foi tratado pela historiografia apenas enquanto um movimento de resistência e fuga dos negros escravizados, uma visão “reduzida” por assim dizer que acabou refletindo a “invisibilidade” da população negra advinda da história oficial. Nesse sentido, mais atualmente, devido em especial ao reconhecimento e posterior regulamentação<sup>64</sup> das terras remanescentes de quilombo, esse conceito amplia-se, relacionando-se também a uma questão de identidade étnica e territorialidade, abarcando uma grande diversidade de processos ligados ao modo de relação dessa população com essas terras.

Nesse sentido, fazemos a ressalva que, nos dias atuais com relação ao movimento Quilombola que, discute o espaço territorial de remanescentes de escravos, podemos

---

<sup>64</sup> Esse direito está previsto no artigo n.º 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, sob o enunciado: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”. Ver [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/revista/Rev\\_68/Artigos/Art\\_Maria.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/revista/Rev_68/Artigos/Art_Maria.htm), acesso em 25 jun.2015.

evidenciar algumas dificuldades e algumas conquistas, quais sejam: dificuldade de reconhecimento dessas comunidades enquanto remanescentes de escravos, devidos em parte, aos aparatos burocráticos do Estado; a presença de fazendeiros nessas áreas que, dificultam esse processo; grande número dessas comunidades para identificação e mapeamento das áreas; carência de recursos e de uma infraestrutura nessas comunidades; a desinformação e falta de instrução de grande parte dos moradores dessas comunidades.

Já no tocante às conquistas pelo movimento quilombola, destaca-se o artigo 68 da Constituição de 1988 que se referem as “comunidades remanescentes de quilombos”, já mencionado anteriormente. Além disso, o Decreto 4.887 de 2003, sancionado no governo Lula, que derrubou o veto de 13 de maio de 2002, encaminhado pelo então presidente da República Fernando Henrique Cardoso, em contraposição ao Artigo 68, e o regulamentou. Nesse contexto é que, surge a Conaq (Coordenação Nacional de Quilombos) fundada em 1995, na época da Marcha Zumbi dos Palmares<sup>65</sup>, cujo um dos principais objetivos é sua institucionalização jurídica, de forma que possam assessorar essas comunidades quilombolas na luta pelo reconhecimento de suas terras.

Por fim, o poeta relata que, em 1884 o Rio Grande do Sul já havia libertado parcialmente os seus escravos em Porto Alegre e Pelotas. No entanto, mesmo “liberto”, este deveria continuar servindo aos seus “donos” por um período de cinco anos. Como podemos observar em Silveira (2005, p.18):

Nesse período, abandonado a própria sorte, o negro gaúcho lutou pela sobrevivência e criou a Sociedade Floresta Aurora em 1872 (ou 71) a Associação Satélite-Prontidão (nome atual) em 1902, ambas centenárias, além de outros clubes. Fundou em Porto Alegre o jornal O Exemplo (1892-1930), A Alvorada (Pelotas, 1907) e outros órgãos da imprensa negra. Teve um representante liderando a Revolta da Chibata no Rio de Janeiro em 1910: João Cândido, o almirante negro. Criou núcleos da Frente Negra Brasileira e da União dos Homens de Cor. Estabeleceu em 1971, através do Grupo Palmares, a evocação do 20 de novembro, hoje **Dia Nacional da Consciência Negra**. E seguiu atuando ativamente no movimento social negro contra o racismo e a exclusão. Grupos, entidades, organizações. Contam muito a união, a solidariedade e o espírito de luta no seio de cada família negra. [Grifo do autor]

No que se refere à denominação “Cultura Negra ou Culturas”, o poeta destaca: “a identidade é formada a partir de traços culturais compartilhados, que dizem respeito ao sentimento de pertencimento a um grupo. Cultura, uma teia de significados tecida pelo próprio homem” (SILVEIRA, 2005, p. 20). A partir deste conceito, o poeta cita as diversas

---

<sup>65</sup> Marcha Zumbi dos Palmares, ocorrida em Brasília, em novembro de 1995, em homenagem ao tricentenário da morte de Zumbi. A Marcha recebeu apoio de várias entidades negras e militantes do movimento, e contou também com a participação de partidos políticos e movimentos sindicais, a exemplo do PT e da CUT.

vertentes da cultura de matriz africana que influenciaram na nossa cultura afro-brasileira, seja na linguagem, na culinária, na música e dança, ou na religião: vertente Jeje “Mina”, vertente Ioruba ou Nagô e a vertente Banta Angola-Conguense.

Quando o assunto em questão são “Os Negros Ilustres”<sup>66</sup>, Oliveira Silveira elenca nomes de alguns negros que se destacaram e se destacam em nossa sociedade, seja no esporte ou em outras categorias, dentre eles: Tesourinha, Everaldo, Ronaldinho Gaúcho, no futebol; Wilson Sant’Anna Vieira, o Calunga, no basquete; Rui Barbosa no atletismo e Daiane dos Santos na ginástica artística. Cita ainda nomes como o de Lupicínio Rodrigues, compositor gaúcho nacionalmente conhecido, e João Cândido<sup>67</sup>, almirante negro da Marinha que, liderou a Revolta da Chibata em 1910, no Rio de Janeiro.

No fim, ressalta “A invisibilidade do Negro no Rio Grande do Sul”, mesmo que a história nos mostre essa presença, pois: “O Recenseamento Geral do Império do Brasil de 1872 apontava que 34,6% da população sul-riograndense era negra” (SILVEIRA, 2005, p.24). No entanto, a imagem que se divulga atualmente dessa região é de que, é um estado com população branca e de origem europeia que, segundo Oliveira Silveira (2005, p.24), torna invisível a participação dos negros, índios e mestiços na construção política e cultural da sociedade gaúcha. Para tanto, destacamos:

De fato, os negros tornaram-se presentes em toda a metade sul: Osório e litoral, Rio Grande, Pelotas, região sul. Porto Alegre e região metropolitana, Rio Pardo, Cachoeira do Sul, Santa Maria e outros municípios do centro do Estado, avançando para as Missões. [...] Há no Rio Grande do Sul, atualmente, dezenas de comunidades negras rurais chamadas quilombolas ou do tipo remanescente de quilombo. São famílias negras tradicionalmente estabelecidas nesses locais.

---

<sup>66</sup> Osmar Fortes Barcellos, mais conhecido como Tesourinha (Porto Alegre, 3 de dezembro de 1921 – Porto Alegre 17 de junho de 1979), foi um futebolista brasileiro; Everaldo Marques da Silva (Porto Alegre, 11 de setembro de 1944 – Cachoeira do Sul, 27 de outubro de 1974), foi um futebolista brasileiro; Ronaldo de Assis Moreira, mais conhecido como Ronaldinho Gaúcho (Porto Alegre, 21 de março de 1980), é um futebolista brasileiro; Daiane Garcia dos Santos (Porto Alegre, 10 de fevereiro de 1983) é uma ex-ginasta brasileira; Lupicínio Rodrigues (Porto Alegre, 16 de setembro de 1914 – Porto Alegre, 27 de agosto de 1974) foi um cantor e compositor brasileiro.

<sup>67</sup> João Cândido Felisberto, conhecido como “Almirante Negro” foi um marinheiro brasileiro notório por ter liderado a Revolta da Chibata. Nasceu no Rio Grande do Sul, no dia 24 de junho de 1880, filho de escravos, João Cândido começou sua participação cedo, aos 13 anos apenas, quando lutou a serviço do governo na Revolução Federalista do Rio Grande do Sul, no ano de 1893. Com 14 anos se alistou no Arsenal de Guerra do Exército e com 15 entrou para Escola de Aprendizes Marinheiros de Porto Alegre. Cinco anos depois foi promovido a marinheiro de primeira classe e com 21 anos, em 1903. Serviu na Marinha do Brasil por 15 anos, tempo durante o qual viajou por este e outros países. Participou e comandou a Revolta dos Marinheiros do Rio de Janeiro (Revolta da Chibata) no ano de 1910. O “Almirante Negro”, como João Cândido ficou conhecido, morreu aos 89 anos, na cidade de São João do Meriti, no Rio de Janeiro, em 6 de dezembro de 1969. Ver [www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/história-e...e.../07/.../joão-cândido](http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/história-e...e.../07/.../joão-cândido) e [www.infoescola.com](http://www.infoescola.com) > Biografias, acessos em 29 jun.2015

Inseridos nesse contexto, percebemos certa preocupação de Oliveira Silveira em recontar não somente a história do Brasil, mas também, a história regional, especialmente de sua região, o Rio Grande do Sul, provavelmente devido ao que ele chama de “invisibilidade do negro” nessa região.

No fim do texto, o poeta destaca a partir de estudos realizados por institutos de pesquisa como o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e a UNIFEM (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher), entre outros, o retrato das desigualdades entre brancos e negros, e ainda homens e mulheres, em nosso país. Chamando nossa atenção para a questão, e destacando que: “A população negra é a mais pobre entre os pobres e as mulheres negras são ainda mais pobres que os homens” (SILVEIRA, 2005, p. 24). Portanto, faz necessário que, se quebre de uma vez por todas com essa ideia errônea de que vivemos em um país democraticamente racial, para que a partir daí reconheçamos que grande parte dos problemas enfrentados pela população negra é consequente das práticas de discriminação racial ocorridas em praticamente todos os setores de nossa sociedade.

Nesse sentido, o poeta destaca a importância de superação das desigualdades, onde ele faz a ressalva de que, quando o assunto são os indicadores educacionais e o mercado de trabalho, as desigualdades entre a população branca e a população negra são ainda maiores e mais nítidas. Em que Silveira (2005, p.25) se destaca o importante papel da cidadania:

A condição para a existência de cidadania é a certeza de que todas as pessoas usufruam de direitos civis, políticos, sociais, culturais e individuais, ou seja, direito a vida, a liberdade, a propriedade. Entre os direitos culturais, se incluem o de identidade étnica, de opção religiosa, de preservação e valorização das línguas e expressões rituais, musicais, técnicas de trabalho, formas de lazer, saberes, práticas médicas e de cuidados tradicionais. Os direitos individuais contemplam a liberdade de pensamento, de consciência e de sentimentos, o direito ao reconhecimento e ao trabalho digno pelo simples fato de ser pessoa humana.

Ressalta ainda que “Apesar dos negros enfrentarem um passado difícil, seu espírito de luta, dignidade e criatividade vêm marcando o Brasil e o Rio Grande do Sul com seu trabalho e a sua cultura” (SILVEIRA, 2005, p.25).

A partir do exposto, destacamos que, a luta do movimento negro nas décadas de 1970-1980, era no sentido de se firmarem em âmbito local, regional. Sendo o desafio atual, o de se unificarem para consolidarem sua luta em âmbito nacional, em que nomes como o de Oliveira Silveira, dentre vários outros, são fundamentais para se entender a luta dos negros no Brasil. Ressaltamos ainda, o fato de que a geração atual foi a que mais acumulou em termos

educacionais, com conseqüente avanço de um pensamento negro chancelado pela academia e com pretensões de legitimação social.

Inseridos agora nas questões mais contemporânea, faremos inicialmente uma análise do prefácio escrito pelo poeta Oliveira Silveira presente na obra *Nas trilhas da negritude: consciência e afirmação* (2007), organizada por Julio Quevedo e Maria Rita Py Dutra, sendo aquele, historiador, e esta, pedagoga. No prefácio, Oliveira Silveira inicia seu texto falando sobre a origem da palavra negritude, onde destaca que esta palavra foi cunhada em francês pelo poeta negro Aimé Césaire. Nesse contexto, Silveira (In: QUEVEDO e DUTRA, 2007, p.5) ressaltamos:

No Brasil a expressão negritude acabou consagrando um sentido, digamos, rotular e mais corrente – um rótulo identificador de coisas da cultura negra e dos movimentos negros. Junto a esse, outro sentido, fundado em radicalidade muito salutar: negritude é o ato de assumir os valores negros em sua historicidade, tradicionalidade, capacidade de renovação e atualização, considerando o legado ancestral e a realidade contingente, contemporânea; assumir-se como pessoa negra de forma profunda, envolvendo o compromisso com a preservação do grupo étnico-racial através da família negra.

Em seguida, Oliveira Silveira relata o fato de que o Brasil é um país em que a elite dominante lusa e luso-brasileira explorou sistematicamente o negro africano trazido da África na condição de escravo. Onde ele destaca a política de branqueamento implementada pela elite, no início do século XIX, cujos objetivos eram fazer desaparecer de nossa sociedade a figura do negro, fomentando a sua exclusão e marginalização. Dentro dessa perspectiva, ele ressalta que esse processo continua, assim como a resistência a toda essa opressão. Para tanto, Silveira (In: QUEVEDO e DUTRA, 2007, p.5) destaca:

Ocorre que, no âmbito do segmento negro, a resistência a toda essa opressão nunca cessou, desde as primeiras levas negro-africanas chegadas a então colônia de Portugal. Foram quilombos espalhados por todo o Brasil, rebeliões urbanas, outras formas. Na fase contemporânea, o *continuum* dessa luta levou a uma série de conquistas, como a virada historiográfica capitaneada pela adoção do 20 de Novembro como data negra principal, a partir de 1971, a inclusão do segmento negro e suas questões no texto constitucional em 1988, com o caso das comunidades remanescentes de quilombo, os espaços granjeados nas esferas públicas com a criação de assessorias, coordenadorias, conselhos e a oportunidade da experiência de participação numa parcela do poder político via Fundação Cultural Palmares e SEPPIR, esta secretaria com status de ministério de que a ministra negra Matilde Ribeiro é titular. Entre as conquistas estão as chamadas ações afirmativas ou positivas (há quem chame de discriminação positiva). Elas têm um caráter ou função compensatória e reparatória, inserindo-se no âmbito maior das reparações ou indenizações a grupos reconhecidamente injustiçados, discriminados, vitimados, que tiveram o seu processo evolutivo interrompido por força da dominação.

Com relação a esta questão, o poeta ressalta a importância dessas iniciativas de políticas de ação afirmativa, com uma função compensatória e reparatória em relação à população negra. Que foi explorada e exterminada durante séculos, o que, segundo Oliveira Silveira, caracteriza crimes de lesa-humanidade ou contra a humanidade, onde ele cita como exemplo outras vítimas de crimes contra humanidade, sendo este, o caso de judeus, pelo holocausto, e os japoneses, por Hiroshima e Nagasaki.

Nessa perspectiva, Oliveira Silveira destaca ainda que, mesmo estas políticas reparatórias tendo chegado tardiamente em nosso país, pois já haviam sido experimentadas com êxito em outros países, elas felizmente chegaram. Nesse sentido, ele cita o caso das cotas (reserva de vagas), seja nas universidades ou no serviço público, assunto este, tão intensamente debatido e combatido por determinados setores da sociedade nos dias atuais.

Nesse sentido, há que se destacar que, várias são as conquistas dos negros, no qual, ainda no governo de Fernando Henrique, ocorreu a criação do GTI - Grupo de Trabalho Interministerial, que tinha por objetivo pensar políticas públicas para a população negra. Surgindo a partir daí as iniciativas em relação à questão racial, o que resultou inclusive em políticas de cotas para alguns ministérios e no ano de 2001, ocorreu a Conferência Mundial de Combate ao Racismo<sup>68</sup>, ocorrida em Durban, África do Sul.

Uma das reivindicações da delegação brasileira na Conferência de Durban, foi no sentido da implementação das políticas de ação afirmativa para a população negra, que ganhou destaque na grande imprensa brasileira a partir da proposição de “cotas raciais” nas universidades brasileiras. Sendo uma das consequências mais visíveis após a Conferência o fato de a discussão acerca da questão racial no Brasil ter ganhado mais espaço em nossa sociedade com a intensificação dos debates acerca das políticas de ações afirmativas.

Na obra *Textos Poéticos Africanos de Língua Portuguesa e Afro-Brasileiros*<sup>69</sup> (2007), está presente o texto “Paraíba Brasil África” de autoria do poeta Oliveira Silveira. No texto, inicialmente, o autor ressalta a importância dessas iniciativas que vem ocorrendo como forma da necessidade de atualização e também preparação dos futuros docentes diante da necessidade de colocarem na prática a Lei 10.639/03. Dentro desse contexto, Oliveira Silveira (In: DANTAS [et all] 2007, p.13) destaca:

---

<sup>68</sup> O Brasil foi o segundo país com a maior delegação, segundo maior em termos de representação numérica de participantes no evento, perdendo apenas para a África.

<sup>69</sup> Livro organizado por Elisalva Madruga Dantas, Danielle Campos Andrade, Edileide Godói, Josefa Maria da Silva e Rinah de Araújo Souto, fruto de um projeto de pesquisa intitulado “Literatura, História e Cultura Popular: conhecimentos que se ensinam, casos que se pesquisam, saberes que se trocam”, sendo uma iniciativa de alguns professores e graduandos do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba.

Iniciativa marcada pela vontade de servir, ser útil como instrumento de renovação, ajudando, através da literatura, na implantação da lei, e contribuindo para uma parcela de reparação. Arte e Cultura, aliadas a História inevitavelmente chamando atenção e apontando para esse horizonte tão sonhado que é o da vinculação África-Brasil, com as relações decorrentes.

Dentro dessa perspectiva, o poeta ressalta o fato de que a literatura há muito se oferece como ponte para aproximação entre o Brasil e o continente africano, onde ele cita exemplos de poetas e contistas africanos de expressão portuguesa<sup>70</sup>.

Ainda nesse contexto, Oliveira Silveira destaca nomes como o do poeta Éle Semong<sup>71</sup> (Brasil) e Adriano Botelho de Vasconcelos<sup>72</sup> (Angola), que nos anos 1980 organizaram uma antologia poética que não pôde ser editada, intitulada *Teto de aurora nos punhos*. Em seguida, o poeta destaca em seu texto o fato de não se poder cobrar critérios mais rigorosos deste trabalho, pois o mesmo representa uma iniciação, que ele destaca como sendo promissora, por sinal. A partir daí, ele saúda a presença na obra de nomes como o de Agostinho Neto<sup>73</sup>, Viriato da Cruz<sup>74</sup>, Noémia de Sousa<sup>75</sup>, José Craveirinha<sup>76</sup>, Mia Couto<sup>77</sup>, Geni Guimarães<sup>78</sup> e

<sup>70</sup> João Alves das Neves, 1693; Manuel Ferreira, 1976. Cita ainda as séries das editoras Ática e Nova Fronteira, e mais recentemente as teses acadêmicas de Elisalva Madruga, *Nas trilhas da descoberta – A repercussão do modernismo brasileiro na literatura angolana*, 1998, e o trabalho do nigeriano Niyi Afolábi, *The golden cage*, sobre literatura de Angola e Moçambique, radicado nos Estados Unidos (Tulane University, New Orleans), 2001.

<sup>71</sup> Éle Semong nasceu no Século XX da Era comum, na cidade de Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. Viveu a infância e a adolescência no subúrbio carioca nos bairros de Vila Valqueire e Bangu. Nos anos de 1970 participou do Grupo Garra Suburbana, onde publicou seus primeiros poemas mimeografados. Como militante do movimento social negro participou de diversas organizações de combate ao racismo, lutou contra a ditadura militar e pela promoção da democracia. Na década de 1980, participou da fundação do Jornal Maioria Falante e do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas – CEAP, onde foi presidente. Ver [elesenog.com.br/w/elesenog/trajetória](http://elesenog.com.br/w/elesenog/trajetória), acesso em 02/07/15.

<sup>72</sup> Adriano Botelho de Vasconcelos (8 de setembro de 1955, Malange, Angola) é um poeta, escritor e político angolano. Dentre suas obras, destacamos: *Vozes da Terra* (1974), *Vidas de Só Revoltar* (1975), *Anamnese* (1984), *Emoções* (1988). Recebeu o Grande Prêmio Sonangol de Literatura – Ex-aequo (2003) pela obra *Tábua*. Foi eleito deputado pelo partido FNLA na eleição de outubro de 2008. É secretário geral da União dos Escritores Angolanos. Suas obras *Olímias* e *Luanary* foram adaptadas para o teatro. Ver [www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=2256](http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=2256), acesso em 02 jul.2015.

<sup>73</sup> António Agostinho Neto (Catete, ícolo e Bengo, 17 de setembro de 1922 – Moscovo, 10 de setembro de 1979) foi um médico angolano, formado nas Universidades de Coimbra e de Lisboa. Foi presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola e em 1975 se tornou o presidente de Angola até 1979. Em 1975-1976 foi-lhe atribuído o “Prêmio Lenine da Paz”. Fez parte da geração de estudantes africanos que viria a desempenhar um papel decisivo na independência dos seus países naquela que ficou designada como a Guerra Colonial Portuguesa. Foi preso pela Polícia Internacional e de defesa do Estado (PIDE), a polícia política do regime Salazarista então vigente em Portugal, e deportado para o Tarrafal, uma prisão política em Cabo Verde; sendo-lhe depois fixada residência em Portugal, de onde fugiu para o exílio. Aí assumiu a direção do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), do qual já era presidente honorário desde 1962. Em paralelo, desenvolveu uma atividade literária, escrevendo nomeadamente poemas. Ver [www.agostinhoneto.org/index.php?option=com\\_content&id=66...](http://www.agostinhoneto.org/index.php?option=com_content&id=66...), acesso em 02 jul.2015.

<sup>74</sup> Considerado um dos mais importantes impulsionadores de uma poesia regionalista angolana nas décadas de 40 e 50, Viriato da Cruz nasceu em Kikuvo, Porto Amboim em 1928. Fez estudos liceais em Luanda. Viriato da Cruz caracterizou-se na sua obra pelo apego aos valores africanos, quer quanto à temática, quer quanto à forma. Foi um dos principais mentores do *Movimento dos Novos intelectuais de Angola (1948)* e da *revista Mensagem (1951-1952)*. Saiu de Angola em 1957 e em Paris foi juntar-se a Mário Pinto de Andrade, tendo desenvolvido intensa atividade política e cultural. Foi membro-fundador e o primeiro e o primeiro secretário-geral do MPLA

Cuti, entre outros autores e autoras, nomes estes, que se configuram como de grande expressão em nossa literatura afro-brasileira. Nesse sentido, destaca que a Antologia é um convite a obra individual de cada um desses autores africano ou brasileiro nela presentes.

Por fim, Oliveira Silveira fala do histórico das lutas negras em nosso país que vem conquistando espaços e sendo finalmente contemplado com um novo processo que envolve a participação negra no poder político e, além disso, ataca pela primeira vez, de frente, a questão étnico racial buscando no plano externo uma maior aproximação com o continente africano. Portanto, o poeta destaca que:

África, povos com história e tradições milenares, superação heróica da dominação e conquista de autonomia bem recentes, ainda em processo de libertação. Laços, vínculos, interfaces. Língua e Literatura – canais. Culturas como potencial. Oportuna e bem-vinda essa iniciativa paraibana. (SILVEIRA, In: DANTAS, ANDRADE, GODOI, SILVA E SOUTO, 2007, p. 15).

---

durante os primeiros anos da década de 60. Dissidente deste movimento, esteve exilado em Portugal e noutros países europeus, fixando-se posteriormente na China, onde veio a falecer em 13 de Julho de 1973. Ver [www.lusofoniapoetica.com/artigos/angola/viriato-da-cruz/biografia-vriato-da-cruz.html](http://www.lusofoniapoetica.com/artigos/angola/viriato-da-cruz/biografia-vriato-da-cruz.html), acesso em 02 jul.2015

<sup>75</sup> Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares (Catembe, 1926 – Cascais, 2003) foi uma poetisa e jornalista moçambicana. Estudou no Brasil e começou a publicar em *O Brado Africano*. Entre 1951 e 1964 viveu em Lisboa, onde trabalhou como tradutora, mas, em consequência da sua posição política de oposição ao Estado Novo teve de exilar-se em Paris, onde trabalhou no consulado de Marrocos. Começa nesta altura a adotar o pseudônimo de *Vera Micaia*. Viajou por toda a África durante as lutas de independência de vários países. Em 1975 regressou a Lisboa, onde trabalhou na Agência Noticiosa Portuguesa. Em 2001, a Associação dos Escritores Moçambicanos publicou *Sangue Negro*, que reúne a poesia de Noémia de Sousa escrita entre 1949 e 1951. Ver [periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ci/article/viewFile/13521/7680](http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ci/article/viewFile/13521/7680), acesso em 02 jul.2015

<sup>76</sup> José João Craveirinha (Lourenço Marques, 28 de Maio de 1922 – Maputo, 6 de Fevereiro de 2003) é considerado o poeta maior de Moçambique. Em 1991, tornou-se o primeiro autor africano galardoado com o Prêmio Camões, o mais importante prêmio literário da língua portuguesa. Como jornalista, colaborou com diversos periódicos moçambicanos. Utilizou os seguintes pseudônimos: Mário Vieira, J.C., J. Cravo, José Cravo, Jesuíno Cravo e Abílio Cossa. Foi presidente da Associação Africana na década de 1950. Esteve preso entre 1965 e 1969 por fazer parte de uma célula da 4.<sup>a</sup> Região Político-Militar da Frelimo. Foi o primeiro presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação dos Escritores Moçambicanos, entre 1982 e 1987. Em sua homenagem, a Associação dos Escritores Moçambicanos (AEMO), em parceria com a HCB (Hidroelétrica de Cahora Bassa), instituiu em 2003, o Prêmio José Craveirinha de Literatura. Ver [www.antonimiranda.com.br/poesia\\_africana/.../jose\\_craveirinha.html](http://www.antonimiranda.com.br/poesia_africana/.../jose_craveirinha.html), acesso em 02 jul.2015.

<sup>77</sup> Mía Couto (1955) é um escritor, poeta, jornalista e biólogo moçambicano. Recebeu o Prêmio “União Latina de Literaturas Românticas”, o “Prêmio Camões”, entre outros. Mía Couto (pseudônimo de Antônio Emílio Leite Couto), nasceu em Beira, Moçambique, na África, no dia 05 de julho de 1955. Sua paixão por gatos o fez adotar o pseudônimo de Mía. Filho de imigrantes portugueses, com 14 anos teve seus poemas publicados no jornal “Notícias da Beira”. Em 1971 muda-se para a capital Lourenço Marques (hoje Maputo), onde estudou Medicina, sem concluir o curso. Exerceu a função de jornalista na “Tribuna” e no “Jornal de Notícias”. Foi diretor da Agência de Informações de Moçambique. Além de ser considerado um dos mais importantes escritores de Moçambique, tem seus livros traduzidos em diversos países. Ver [www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=392](http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=392), acesso em 02/07/15.

<sup>78</sup> Geni Mariano Guimarães (São Manoel, 8 de setembro de 1947) é uma poeta e escritora brasileira. Iniciou a carreira literária publicando poemas em jornais da cidade de Barra Bonita, no interior paulista. O primeiro livro, *Terceiro filho*, foi lançado em 1979. Na década de 1980, aproximou-se do Movimento Negro e suas obras passaram a refletir a preocupação com a cultura afro-brasileira. Escreveu contos para o periódico *Cadernos Negros* e em 1989 publicou *A cor da ternura*, novela que recebeu o prêmio Adolfo Aisen. Ver [www.mulher500.org.br/acervo/biografia-detalhes.asp?cod=939](http://www.mulher500.org.br/acervo/biografia-detalhes.asp?cod=939), acesso em 02/07/15.



Nos escritos analisados, percebemos que Oliveira Silveira caminha como historiador, como antropólogo, como jornalista e, especialmente como ativista negro que escreve, ao redor da poesia. Nesse sentido, dando continuidade aos nossos estudos, no próximo tópico discorreremos sobre a criação do Grupo Palmares, no qual Oliveira Silveira foi um dos fundadores e também considerado um dos mais importantes integrantes que atuou de forma ativa durante toda existência do grupo, tendo sido este, porta-voz da nascente data “20 de novembro”, lutou no decorrer de toda década de 1970 pela idealização desta data e que acaba se tornando “Dia da Consciência Negra” em 1978.

## 2.2. Breve história sobre a criação do Grupo Palmares

Segundo Oliveira Silveira, em entrevista presente na obra *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (2007), o grupo Palmares surge em meio a reuniões informais que ocorriam costumeiramente entre um grupo de amigos que se encontravam nessa época na chamada Rua da praia, que era uma rua de passeio. Nessas reuniões passam a questionar e criticar o “13 de Maio” como ícone de uma data “negra” no Brasil. Nesse contexto, ele passa a pesquisar sobre a história de Palmares e se depara com o “20 de novembro” como sendo a data de morte e assassinato de Zumbi, o grande herói de Palmares e ícone desse grandioso movimento de resistência durante o Brasil colonial. A partir daí, ele propõe a este grupo informal do qual participava a ideia de formação de grupo de estudos, quando então, surge o grupo Palmares (SILVEIRA, In: ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.133):

Nessa primeira reunião éramos quatro pessoas: Antônio Carlos Cortes, estudante de direito na época, Ilmo da Silva, que era funcionário público, e Vilmar Nunes – acho que também era funcionário público. Tinha mais uma pessoa, um outro amigo, que não quis se integrar. Já nas reuniões seguintes nós convidamos outras pessoas que não quiseram se aderir. Mas aderiu uma estudante chamada Nara Helena Medeiros Soares, falecida já. Cerca de dois meses depois ingressou outra componente chamada Anita Leocádia Prestes Abad. Então essas seis pessoas são consideradas as iniciadoras do Grupo Palmares, as fundadoras, digamos assim. E o grupo se reuniu nessa primeira oportunidade, no dia 20 de julho de 1971. Se não é essa data, é em torno dela. Adotamos essa data porque esquecemos de registrar.

Ainda sobre o mesmo fato, diz Oliveira Silveira (In: GONÇALVES e SILVÉRIO, 2003, p.26):

A denominação Grupo Palmares nasceu do conjunto de participantes da segunda reunião devido às considerações de que Palmares parecia ser a passagem mais marcante na história do negro no Brasil ao representar todo um século de luta e

liberdade conquistada e sendo também um contraponto à “liberdade” doada no treze de maio de 1888, etc. Outras propostas de nome praticamente não tiveram espaço.

A partir de então, começa a se desenvolver toda luta desse grupo com o objetivo de marcar o 20 de novembro como data da resistência negra. Assim sendo, o grupo Palmares surgiu em 20 de Julho de 1971, fruto de reuniões informais na Rua dos Andradas, e segundo seu projeto de estatuto, a ideia inicial era a de uma Associação Cultural, sem fins lucrativos e com duração indeterminada. E dentre suas finalidades, estavam as seguintes (ESTATUTO DO GRUPO PALMARES, 1971):

- a) promover estudos sobre história, arte e outros aspectos culturais, particularmente com relação ao negro e ao mestiço de origem negra;
- b) estimular o interesse cultural do indivíduo afro-brasileiro;
- c) promover apresentações artísticas, tais como teatro, espetáculos lítero-musicais, coro falado;
- d) promover palestras, conferências, comemorações, seminários, festivais, congressos e outras formas de atividade cultural;
- e) fazer publicações de trabalhos relacionados com suas finalidades;
- f) promover, pela cultura, auxiliar o elemento de origem negra a participar de processo social brasileiro consciente de seus valores históricos e culturais;
- g) realizar intercâmbio com outros grupos ou entidades.

Fazendo uma análise dessas finalidades percebemos que foi uma preocupação intensa do grupo, se informar sobre a história do negro e principalmente disseminar as informações provenientes desses estudos, de forma que atingisse, em especial, as pessoas negras, fazendo com que dessa forma, mais pessoas se tornassem conscientes do processo de marginalização de sua população na sociedade brasileira, inserindo-se assim nessa luta. Sendo importante também criar nessas pessoas uma autoestima com relação a sua identidade étnica, a partir do momento que passam a ter contato com a história do seu povo, seus aspectos culturais e principalmente desenvolver sua participação no que o grupo chama de: “[...] processo social brasileiro consciente de seus valores históricos e culturais”. Além disso, percebemos que mesmo antes da idealização da ideia de um “movimento negro unificado” no Brasil, foi uma preocupação do grupo “realizar intercâmbios” com outras organizações negras, o que fica perceptível no item “g” presente nas finalidades do grupo.

Ainda segundo o estatuto, o grupo seria administrado e representado judicial e extrajudicialmente por uma Diretoria com mandato eletivo de um ano, composta por um coordenador geral, um secretário e um tesoureiro. E numa segunda versão do estatuto, foram criados também os cargos de coordenador de estudos e coordenador artístico. Dentre os objetivos de cada função, estavam (ESTATUTO DO GRUPO PALMARES, 1971):

Art. 3<sup>o</sup> – É atribuição do Coordenador Geral, coordenar todas as atividades do grupo, na forma em que forem planejadas e aprovadas em assembleia.

Art. 4<sup>o</sup> – São atribuições do Secretário elaborar atas, cuidar da correspondência e da divulgação, arquivar a documentação e conservar sob sua guarda todo o material pertencente à entidade.

Art. 5<sup>o</sup> – É atribuição do tesoureiro cuidar das finanças e economia do grupo, tomando todas as providências para bem cumprir essa atribuição.

Art. 6<sup>o</sup> – É atribuição do Coordenador de Estudos organizar e coordenar os trabalhos de pesquisa quer sejam individuais ou em equipes; promover a apresentação dos resultados; convidar pessoas para realizar palestras, participação em debates, painéis, etc.

Art. 7<sup>o</sup> – São atribuições do Coordenador Artístico coordenar todas as providências para a realização das apresentações teatrais e artísticas em geral do grupo, convidando diretor e demais pessoal, reunindo elenco, providenciando em locais e criando condições para a boa realização do trabalho.

Diante do exposto, reafirmamos a hipótese de que o grupo a todo o momento esteve preocupado em resgatar através de suas pesquisas a história do negro, promovendo posteriormente, debates, palestras, entre outros, de forma que pudessem apresentar ao público em geral, e como já frisado anteriormente, a população negra, em especial, os resultados de seus trabalhos e também de pessoas convidadas para realizar palestras, algo que podemos observar nos “Art. 6<sup>o</sup> e 7<sup>o</sup>”, a partir das funções dos coordenadores de estudos e artístico. Aliás, só o fato de terem acrescentado essas funções no estatuto, já demonstra essa preocupação dos integrantes em promover essa revisão na história do negro.

O estatuto considera enquanto sócios fundadores os que assinaram a ata de fundação do grupo e os demais são considerados sócios efetivos. A adesão de novos componentes deveria ser aprovada em assembleia geral, além da prestação de contas e dissolução da entidade. Além disso, cada sócio deveria dar uma contribuição mensal de forma que pudessem manter as finanças e os gastos com a organização de eventos, e em caso de dissolução do grupo, toda renda seria revertida para Santa Casa da Misericórdia, como consta na primeira versão do estatuto, e para o Hospital São Pedro, o que aparece na segunda versão.

De acordo com informações presentes na dissertação de mestrado intitulada *O Grupo Palmares (1971-1978)*: um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico<sup>79</sup>, de autoria de Deivison Moacir Cezar de Campos, apesar

<sup>79</sup> Essa pesquisa se trata de um dos raros estudos sobre o Grupo Palmares. Em seu trabalho as hipóteses defendidas por Deivison Campos são a de que o Grupo Palmares desempenhou um “processo de reelaboração de uma identidade étnica no Brasil nos anos 70, a partir da ressignificação da memória de Palmares e da tradução de práticas e discursos oriundos da diáspora negra”. Além disso, o autor defende que este grupo funcionou enquanto uma organização de caráter subversivo que se contrapôs não somente ao projeto das elites econômicas no que diz respeito à marginalização da população negra, mas também a política do período, já que vivíamos em uma época de ditadura militar. As fontes utilizadas na construção de sua pesquisa foram orais: a partir de depoimentos de integrantes do grupo, assim como de integrantes de outras organizações do movimento negro e do jornalista Alexandre Garcia, que com suas matérias auxiliou no processo de nacionalização das propostas do grupo. Também foram utilizados como fonte, documentos escritos, a exemplo: do estatuto do grupo; licença da Polícia

de o estatuto ter sido discutido em várias reuniões, ele foi rejeitado pela maioria dos integrantes do grupo, pois, segundo Antônio Carlos Cortes, em entrevista cedida a Deivison, o documento iria de encontro à tradição negra da oralidade, além disso, frente ao regime vivido na época, no Brasil, não deveriam deixar registros que pudessem ser mal interpretados pela ditadura.

Assim como outros grupos analisados aqui no decorrer da década de 1970, o grupo Palmares não possuía sede e suas primeiras reuniões foram realizadas na própria casa do Oliveira Silveira, situada no bairro Bonfim, Rua Thomas Flores, em Porto Alegre. Em seguida as reuniões passaram a ocorrer na casa de Antônio Carlos Cortes, situada na Andradas. Dessa forma, passam a se juntar a alguns clubes sociais existentes na época utilizando seus espaços para a realização de suas reuniões e possíveis eventos, como exemplo, podemos citar: Sociedade Floresta Aurora, Clube Náutico Marcílio Dias, Clube Nós os Democratas, dentre outros.

Oliveira Silveira relata que o primeiro ato público realizado pelo grupo Palmares em comemoração ao dia 20 de novembro, no qual o mesmo era o integrante de maior projeção, foi em 1971 e contou apenas com 20 pessoas. Desde o primeiro momento o grupo contou com o apoio da imprensa, pois já na realização de seu primeiro ato, saíram notas em alguns jornais da época, a exemplo do jornal Correio do Povo e da Folha da Tarde, nesse sentido, conforme menciona Campos (2006, p.56):

A realização de um ato cívico, para marcar os 89 anos da morte do abolicionista Luiz Gama, foi a primeira atividade pública realizada pelo Palmares. O ato aconteceu na Sociedade Floresta Aurora, onde foi lida uma carta autobiográfica, onde Gama relata sua experiência de ter nascido escravo e ter conseguido se sobressair como poeta, jornalista e advogado numa sociedade escravista. Além disso, foi recitado o poema *Quem sou eu*, escrito pelo homenageado e publicado no livro *As primeiras trovas burlescas*, de 1859. O ato foi realizado em 21 de agosto, de 1971, praticamente um mês depois da criação do grupo. O jornalista José do Patrocínio, considerado uma das principais vozes contra escravidão, também, receberia uma homenagem no dia nove de outubro, dia de seu nascimento em 1854. A atividade acabou não acontecendo, apesar dos estudos sobre o jornalista terem sido realizados pelo Palmares.

O grupo conseguiu apoio da imprensa desde sua primeira atividade prática no jornal Correio do Povo. Primeiro foi publicado uma nota no Correio do Povo (21/08/1971, n.p.) sobre o ato cívico a Luiz Gama, realizado pelo grupo na Sociedade Floresta Aurora. Parte da pesquisa realizada pelo grupo foi publicada no Correio do Povo (22/08/1971, n.p.) e na Folha da Tarde (23/08/1971, n.p.). As publicações constituíam-se em notas, chamando para os eventos, matérias sobre a atividade, fruto do material enviado pelo grupo, e divulgação de partes das pesquisas realizadas pelo grupo sobre o homenageado.

---

Federal para o primeiro ato evocativo do “Vinte de novembro” realizado pelo grupo; matérias de jornais da época; os manifestos do grupo e dois livretos sobre a história do negro do Brasil, editados pelo Grupo Palmares. Ver CAMPOS (2006).

Ainda segundo Deivison, por inexperiência do grupo no que diz respeito às políticas de comunicação, gerou-se uma determinada confusão na chamada de realização desse primeiro ato, indo parar na polícia federal. Pois o ato acabou sendo confundido com um espetáculo teatral, o que na época era algo muito visado pela censura, dessa forma, acabaram tendo que tirar uma licença junto ao Departamento de Polícia Federal, na parte que tratava da censura. Mesmo em meio a toda confusão, com a licença concedida pela polícia, o ato foi realizado e contou ainda com a participação de alunas do Colégio Estadual Cândido José Godói, que fizeram a apresentação dos poemas *Canto aos Palmares*, de Solano Trindade, e *Saudação a Palmares*, de Castro Alves.

E já nesse primeiro ato, o grupo passa a defender a ideia de opção pelo 20 de novembro enquanto data que representava a verdadeira luta de resistência travada pelos negros escravizados no Brasil em favor de sua liberdade e contra a discriminação racial. Nessa ocasião, o grupo já contava com novos integrantes e um dos membros fundadores, o Ilmo da Silva, havia se afastado por divergências de abordagens. Como já observado acima, o grupo desde o primeiro momento contou com o apoio dos jornais, e essa proposta de utilização da imprensa enquanto um espaço de campo de luta foi desenvolvida em meio a saída de uma grande parcela dos membros fundadores do grupo e a inserção de novos integrantes.

No ano seguinte, em 1972, a forma utilizada pelo grupo foi publicar uma matéria no jornal *Zero Hora*, o material foi organizado pelo próprio Oliveira Silveira, contendo um manifesto elaborado pela coordenadora do Grupo Palmares, um conto do poeta e um poema de Solano Trindade. Segundo Campos (2006, p.59):

No documento de 72, o grupo apresenta uma proposta mais política, em relação ao que está colocado no projeto de estatuto, apesar de adotar um viés mais cultural em seu conteúdo. Conforme o manifesto, “*o Grupo tem sempre procurado um enfoque de integração no sentido de conscientização, isto é não se trata só de encontrar meios para denunciar o racismo, mas fazer um negro descobrir sua missão: cumprir-la ou traí-la*”. A construção de um discurso mais contundente deve-se ao amadurecimento das ideias propostas inicialmente pelo grupo e, ao mesmo tempo, a entrada de novos integrantes, alguns ligados a teorias e experiências socialistas. Também é possível identificar aproximações com o movimento pan-africanista, rompendo com a perspectiva nacionalista e propondo uma abordagem do problema em perspectiva mundial. Alertam, no entanto, que o objetivo não é o de buscar um “*plano geral infalível*”, considerando que as soluções para o problema estão diretamente ligadas as circunstâncias históricas. Identificam como problemáticas locais à “*carência de educação e apatia do homem negro*”, apontando como medida inicial “*ajudar a comunidade a: definir suas necessidades, ter consciência de sua força e preparar para que a ação se realize por meios que ela irá eleger*”.

Concluem, nesse manifesto, de 1972, que se torna necessário “*criar uma força negra, que fale das necessidades de uma raça oprimida, usando as palavras que se impuserem, sem temer as pressões que a taxem separativista ou racista*”. Além disso reafirmam que a “*entrada no problema precisa ser consciente, com posições claramente assumidas de quem quer contribuir e por isso compreender para melhor realizar*”.

Nessa época, da formação inicial apenas Oliveira Silveira e Anita Leocádia Prestes Abad, permaneciam. Porém, novos integrantes já haviam aderido ao grupo, a exemplo de Helena Vitória dos Santos Machado, Antônia Mariza Carolino e Marli Carolino.

Em 1973, no dia 13 de maio, o grupo Palmares concedeu uma entrevista no Jornal do Brasil, nesse momento, o grupo era composto por “12 negros universitários” (CAMPOS, 2006, p. 60). As reuniões do grupo ocorriam semanalmente onde debatiam as ideias propostas e nesse sentido, buscavam sempre divulgar suas conclusões em palestras que eram realizadas nos clubes Floresta Aurora e Marcílio Dias, principalmente em datas comemorativas, além disso, um das preocupações prementes do grupo era a divulgação de suas pesquisas. Ainda neste ano realizaram uma parceria com um grupo de Congada denominado Terno de Maçambique, com o intuito de conhecer melhor manifestações culturais de origem africana, nesse sentido, segundo entrevista de Oliveira Silveira concedida a Deivison, após a visita a esse grupo o escritor publicou um artigo sobre essa visita no Jornal Correio do Povo, onde ele destaca a importância dessa divulgação na imprensa, pois segundo ele, o grupo estava meio no esquecimento restrito quase que somente aos velhos da comunidade e com essa publicação no jornal, passa a ter uma nova visibilidade, como podemos observar no trecho abaixo, presente em Campos (2006, p.60-61):

O depoimento ganha relevância por demonstrar que a imprensa havia se tornado um importante campo de atuação do grupo. Não só para publicações das pesquisas, mas como estratégia de articulação e abertura de espaços. A iniciativa do grupo de procurar os maçambiqueiros deve ser enquadrada numa estratégia de aproximação das atividades culturais negras, desenvolvidas nos clubes e também no carnaval. Oliveira Silveira lembra do contato do grupo com a escola Imperadores do Samba, através de um de seus fundadores Carlos Alberto Barcelos, o Roxo. A academia de Samba Praiana, fundada por negros pelotenses que moravam na capital, também era um espaço de aproximação do Palmares. A escola havia revolucionado o carnaval de Porto Alegre, em 1969, desfilando com um novo tipo de organização no modelo das escolas de samba.

Nesse contexto, Oliveira Silveira relata que a estratégia utilizada no 20 de novembro de 1973 foi à realização de um show musical intitulado *Do carnaval ao quilombo*, ocorrido no teatro conhecido hoje como Teatro de Câmara Túlio Piva, que é da Prefeitura Municipal de

Porto Alegre. Além desse show, Oliveira Silveira destaca a participação do historiador Décio Freitas<sup>80</sup> que foi convidado pelo grupo para proferir uma palestra, pois seu livro foi importante porque retoma a questão da guerrilha e resistência negras ao retratar a história de Palmares. Campos (2006, p.61-62) Ressalta ainda a exposição “Três Pintores Negros (1973)” com a participação de: Magliani<sup>81</sup>, Paulo Chimendes<sup>82</sup> e J. Altair<sup>83</sup>:

O espetáculo buscou apresentar a história de trás para frente. Partindo do dito popular de que tudo que o negro fazia acabava em carnaval, o grupo decidiu iniciar por ele, terminando na história dos quilombos, através da música. A palestra de Décio Freitas deveu-se à publicação do livro *Palmares, a guerra dos escravos* (1973) em português. A relação entre o pesquisador e o grupo é ambígua. Décio Freitas teria participado anônimo da primeira evocação do 20 e somente depois das atividades encerradas teria se apresentado e entregue uma cópia de seu livro, edição uruguaia. Por outro lado, ao mesmo tempo em que o grupo faz questão de enfatizar que sua ação inicial se deu independente da obra de Décio Freitas e negar influência posterior do pesquisador no grupo, ele tornou-se uma referência para as atividades posteriores do Palmares. O grupo também teria participado diretamente das negociações com a editora Movimento para a publicação brasileira.

No ano seguinte, 1974, Oliveira Silveira destaca que diante da pouca possibilidade de se fazer algo, fizeram então um manifesto que foi publicado no *Jornal do Brasil*, a partir

<sup>80</sup> Décio Bergamaschi Freitas (1922-2004), formado em direito pela Universidade Federal do Rio de Grande do Sul, foi jornalista e historiador autodidata, tendo publicado mais de uma dezena de livros sobre temas da história do Brasil. Em 1961, foi nomeado pelo presidente João Goulart, procurador-geral da Fundação Brasil Central, em Brasília. Depois do golpe político-militar de 1964, exilou-se em Montevidéu, onde permaneceu até o início da década de 1970. *Palmares: a guerra dos escravos* foi publicado pela primeira vez no Uruguai, com o título *La guerrilha negra*, no Brasil, sua primeira edição data de 1971. Ver *Histórias do Movimento Negro no Brasil* (Rio de Janeiro, editora Pallas, 2007, p. 80).

<sup>81</sup> Maria Lídia dos Santos Magliani (Pelotas/RS, 1956 – Rio/RJ, 2012), artista completa, Magliani atuou em vários domínios. Notabilizada pela pintura, desenho e gravura, também produziu cenografia e ilustração editorial. Primeira mulher negra a se formar no Instituto de Artes da UFRGS, desde jovem foi paradigma de uma geração. A obra de Magliani se impõe em sua época. Ver [www.brasilartesciclopedias.com.br/nacional/magilani\\_maria\\_lidia.htm](http://www.brasilartesciclopedias.com.br/nacional/magilani_maria_lidia.htm), acesso em 06 jul.2015.

<sup>82</sup> Paulo Chimendes (Tapes/RS, 1953), pintor e desenhista. Nascido em Rosário do Sul, em 1953, passa a residir em Porto Alegre a partir de 1962. Começou seu trabalho como artista plástico aos 12 anos, em 1967, quando conseguiu uma bolsa de estudos no Ateliê Livre da Prefeitura; onde foi aluno de artistas como Danúbio Gonçalves e Gara Antreasian, entre outros. Sua primeira exposição individual foi em 1972. Foi premiado no V Salão de Arte Universitária, em 1975. Participou de inúmeros eventos de artes plásticas, com destaque para o Salão Nacional de Arte de Belo Horizonte e o Salão do desenho Brasileiro de Curitiba, e de mostras coletivas no Japão, Estados Unidos e Alemanha. Artista profissional, vive e trabalha em Porto Alegre. Ver [www.brasilartesciclopedias.com.br/nacional/magilani\\_maria\\_lidia.htm](http://www.brasilartesciclopedias.com.br/nacional/magilani_maria_lidia.htm), acesso em 06 jul.2015.

<sup>83</sup> João Altair de Barros (Porto Alegre/RS, 1934 – Porto Alegre/RS, 2013), pintor de arte naif (primitiva, espontânea, popular) começou a pintar ainda na adolescência, após um curso com o renomado pintor italiano Vicente Perllasca, na década de 1950. De 1965 a 1976 milita em São Paulo em vários movimentos de artes plásticas, realizando exposição de seus trabalhos no Paço das Artes, na Praça da República, na Praça Roosevelt, no Embú das Artes e nos Santeiros Imaginados – SEC/SP. J. Altair desenvolveu seu trabalho mediante a representação bidimensional de arte naif que remete a uma matriz visivelmente afro-brasileira, se utilizando de cores e símbolos na cultura negra. Seu tema permanente foi a religiosidade, que também fazia parte de sua vida cotidiana. J. Altair foi babalaorixá. Personagens negros, oferendas religiosas e sonhos paradisíacos são retratados em cores vibrantes e primárias. Ver [www.brasilartesciclopedias.com.br/nacional/magilani\\_maria\\_lidia.htm](http://www.brasilartesciclopedias.com.br/nacional/magilani_maria_lidia.htm), acesso em 06 jul.2015.

do contato do grupo com o repórter Alexandre Garcia, que em 1973 havia entrevistado o grupo acerca dessa questão. Além disso, o poeta relata que junto a esse trabalho, foi posto uma sinopse do que tinha sido o quilombo dos Palmares. Dentro dessa perspectiva, Oliveira Silveira (In: ALBERTI e PEREIRA, 2007, p.190) ressalta:

O importante no manifesto também foi que o Grupo Palmares sugeriu expressamente a revisão dos livros didáticos quanto à história do negro e indicou bibliografia: Décio Freitas, Édison Carneiro, Ernesto Ennes, não sei se o Clóvis Moura também – creio que sim. É isso que está acontecendo agora com a Lei 10.639. E o grupo Palmares também não foi o primeiro. Porque antes disso tinha outros grupos que colocavam essa questão muito bem. Podemos citar o Teatro Experimental do Negro [1944-1968], através do jornal *Quilombo*, iniciativas de cursos na UNE... A própria Frente Negra Brasileira [1931-1937] tinha se preocupado com isso, criando escolas de alfabetização, de madureza, de preparação para concursos, essas coisas.

E nesse contexto, Deivison (CAMPOS, 2006, p.62) aponta que:

A matéria do JB sobre o 13, em 1973, e o manifesto de 74, deram uma dimensão nacional as propostas do grupo. Ao mesmo tempo, possibilitou a criação de pontes com o centro do país, tirando o grupo do isolamento. Não existiam naquele momento outros grupos no Rio Grande do Sul, fora os clubes sociais. A comunicação com o restante do país era bastante deficiente por falta de tecnologia.

No ano seguinte, no 20 de novembro de 1975, a estratégia utilizada pelo grupo foi a realização de um encontro de dança e música, no Clube de Cultura, que era uma associação judaica, e contou com a participação do Grupo Afrosul, o que Deivison definiu como “uma primeira experiência de integração local” (CAMPOS, 2006, p. 62). Ainda nesse ano, no mês de dezembro, foram realizadas ainda duas palestras de Décio Freitas, no mesmo clube. Já no ano de 1976, diante da visibilidade que o grupo Palmares vem ganhando ao longo dos anos, fruto do esforço de seus integrantes assim como da divulgação de seus atos que vinham ocorrendo através da imprensa, o grupo foi procurado por integrantes do IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras), do Rio de Janeiro, mais especificamente, pelos vice-presidentes de cultura e relações públicas, respectivamente Orlando Fernandes e Carlos Alberto Medeiros, que estavam em visita a familiares na cidade de Porto Alegre e aproveitaram a ocasião para criarem uma ponte de comunicação com o grupo Palmares. Esse fato demonstra certa preocupação dessas várias organizações negras que surgem no decorrer da década de 1970 em criarem canais de ligação entre estas, algo inclusive que observamos dentre as finalidades do Grupo Palmares, presente em seu estatuto, o que acaba contribuindo



também para o surgimento do MNU (Movimento Negro Unificado), em 1978. Nesse sentido, ressalta Deivison (CAMPOS, 2006, p.63-64):

A avaliação dos integrantes do Palmares é de que os diálogos com SP e RJ foram determinantes para ampliar as possibilidades e os limites do grupo. A aceitação das ideias também mostrava que o Palmares havia escolhido, mesmo que isolado, um discurso e práticas aceitos em outras realidades, onde os negros estavam inseridos. Os contatos levaram a adoção do 20 de Novembro, já a partir de 1976, com a realização de semanas do negro, pelos grupos Grupo Teatro Evolução de Campinas, o Centro de Cultura e Arte Negra de São Paulo (CECAN), o Grupo André Rebouças (RJ), a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Simba/RJ) e o IPCN, que havia procurado o grupo meses antes. A defesa de uma revisão historiográfica está presente nas discussões e atividades do Palmares desde sua criação e expressa no manifesto de 1974. Oliveira Silveira conta que sem respaldo do poder público para execução desse projeto decidiram redigir uma cartilha para fazer as ideias do grupo circularem. O 20 de novembro, em 1976, foi marcado pelo lançamento do livreto *Mini-história do negro Brasileiro*. O ato aconteceu no clube Nós os Democratas. Financiado pelo próprio grupo, o livreto constitui-se de seis páginas de texto, mais página de rosto e capa. O conteúdo remete a ideia principal defendida pelo Palmares de que o negro possui uma história no Brasil a ser contada. Também busca mostrar que o negro não foi passivo frente ao processo de escravidão, justificando, com isso, que a negação ao 13 de maio seria resultado da resistência imposta durante todo o período escravista, através da fuga, do aquilombamento e das revoltas urbanas. A adesão ao 20 configura-se, na elaboração do grupo, como uma exaltação dessa resistência em seu exemplo maior que foi o quilombo de Palmares. Neste momento, o grupo era integrado por nove negros, sendo cinco mulheres.

No 20 de novembro de 1977, o grupo mais uma vez se articula para marcar a defesa da data, na ocasião, foi organizada uma exposição da biblioteca do grupo Palmares, na sede da Associação Satélite Prontidão, onde os participantes puderam realizar consultas ao acervo que era composto exclusivamente por livros que abordavam a temática negra.

Além disso, o evento contou com a participação do escritor paulista Oswaldo de Camargo, que teve um conto seu encenado pelo grupo Nosso teatro, que surgiu vinculado ao Palmares, conforme destaca Campos (2006, p.64):

A proposta do grupo, outrora vista como inédita, pela grande imprensa, vai perdendo espaços, na proporção inversa da repercussão social e dimensão territorial. A demanda por divulgação das ideias leva o grupo a pensar num periódico. Diversos esboços chegaram a ser elaborados, sem que nenhum tenha sido executado. A proposta de um jornal evolui de maneira independente ao Palmares, originando algum tempo depois o grupo Tição, que publicou a primeira edição em março de 1978. O novo grupo contava em sua maioria com integrantes do Palmares, que se dividiam entre as atividades.

No geral, Oliveira Silveira destaca que essa divulgação inicial acerca do 20 de novembro, sempre aconteceu por meio dos jornais, rádio e televisão, sendo importante os aliados nesse meio jornalístico. Onde a partir de 1973-74, começa a ganhar visibilidade nacional, e nos anos seguintes surgindo diversas formas de comemoração, a exemplo da Semana do Negro ocorrida em São Paulo, em 1975, dentre várias outras manifestações já mencionadas anteriormente.

Por fim, com o surgimento do MNU (Movimento Negro Unificado), em 1978, finalmente a proposta do 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra, feita inicialmente pelo grupo Palmares ainda em 1971, é aprovada em novembro de 1978, em assembleia nacional realizada pelo MNU na Bahia. A partir daí, nesse mesmo ano, o grupo Palmares encerra suas atividades, já que seu principal objetivo havia sido institucionalizado e consolidado, e seus integrantes passam a se dedicar a publicação da revista *Tição*. Com relação a este fato, nos diz Oliveira Silveira (In: GONÇALVES E SILVÉRIO, 2003, p.34):

A primeira fase do Grupo Palmares, de Porto Alegre, encerrou em 3 de agosto de 1978. Viriam outras duas, mais adiante. Mas o Vinte de Novembro já estava implantado no País - já estava estabelecida a virada histórica e construído, ao longo de sete anos, um novo referencial para o povo negro e sua luta. Para o indivíduo negro, homem ou mulher, sua auto-estima, sua identidade. Criança ou adulto. Novo referencial para o Brasil, com atenções até do exterior, verificadas mais tarde.

Sendo sobre a data 20 de novembro que discutiremos mais adiante, pois segundo informações presentes no artigo *Vinte de novembro: história e conteúdo*, de autoria do escritor e poeta Oliveira Silveira, nessa assembleia onde foi aprovada a data, o MNU não mencionou que esta teria sido proposta inicialmente pelo grupo Palmares. Mesmo assim, veremos que após essa sua primeira fase que se encerra em 1978 com a instituição do “20 de novembro”, o grupo retorna por volta dos anos 80, desta vez vinculado ao MNU-RS.

### **2.3. Um olhar acerca do “Vinte de Novembro”**

Vimos no tópico anterior toda a trajetória de luta empreendida pelo grupo Palmares no decorrer da década de 1970 em busca do deslocamento das comemorações no “Treze de maio” para o “Vinte de Novembro”, assim como do reconhecimento deste dia enquanto a verdadeira data negra no Brasil, a partir de uma ressignificação da história de Palmares e de seu maior líder, Zumbi, com a culminância em 1978, quando o MNU (Movimento Negro

Unificado) reconhece e estabelece o Dia Nacional da Consciência Negra. Nesse sentido, faremos adiante uma análise acerca da idealização desta data e de sua importância para as diversas organizações negras espalhadas por todo território nacional na luta contra a discriminação racial. Pois, segundo o poeta e escritor Oliveira Silveira, em seu poema “Treze de Maio” (SILVEIRA, 1970, p. 9-12):

Treze de maio traição  
liberdade sem asas  
e fome sem pão

Liberdade de asas quebradas  
como  
      êste verso.

Liberdade asa sem corpo  
que se sufoca no ar  
se afoga no mar.

Treze de maio – já dia 14  
o Y da encruzilhada :  
seguir  
banzar  
voltar?

Treze de maio – já dia 14  
a resposta gritante :  
pedir  
servir  
calar.

Os brancos não fizeram mais  
que meia obrigação.

O que fomos de adubo  
o que fomos de sola  
o que fomos de burros cargueiros  
o que fomos de pasto  
senzala porão e chiqueiro

      nem como pergaminho  
      nem pena de ninho  
      nem cofre de couro  
      nem com lei de ouro.

O que fomos de seiva  
      de base  
      de Atlas  
o que fomos de vida  
      de luz  
chama negra em treva branca

      quem sabe só com isto:

que também somos esta pátria  
em nós ela está plantada  
nela crispamos raízes  
de enxerto mas sentimentos

e mutuamente arraigamos

quem sabe só com isto:

que ela é nossa também, sem favor,  
 e sem pedir respiramos seu ar  
 a largos narizes livres  
 bebemos à vontade de suas fontes  
 a grossas beijadas fartas  
 tapamos-destapamos horizontes  
 com a persiana graúda das pálpebras  
 escutamos seu baita coração  
 com nosso ouvido musical  
 e com nossa mão gigante  
 batucamos no seu mapa

quem sabe só com isto:

que esta bandeira deveria ser  
 preta, marrom e branca  
 ou de tôdas as cores  
 como a alma do Brasil.

Já no início deste belo poema que caracteriza o registro de uma virada histórica, observamos toda indignação de Oliveira Silveira com relação à abolição no “Treze de Maio”, quando de cara o poeta classifica essa libertação enquanto traição, afinal de contas, como o autor ironicamente menciona “[...] liberdade sem asas, e fome sem pão [...] Liberdade de asas quebradas [...]”, ou seja, é fato que após a chamada lei da abolição, a população dos ex-escravos foram abandonados à própria sorte, sem nenhum tipo de política pública de inserção dessas pessoas na sociedade, além disso, passam a sofrer com as angústias relacionadas com o preconceito de cor e a discriminação racial. Nesse contexto, percebemos ainda que o autor promove em seus versos uma reflexão sobre a vida dos ex-escravizados após a “liberdade” outorgada pela lei da abolição, constatando a partir daí o não lugar social do negro após o “Treze de Maio”.

Além disso, em seu brilhante registro poético Oliveira Silveira faz ainda uma síntese da mão-de-obra negra utilizada na construção do país, ao destacar em seus versos fatos como: “[...] O que fomos de adubo, o que fomos de sola, o que fomos de burros cargueiros, o que fomos de pasto, senzala porão e chiqueiro [...]. O que fomos de seiva, de base, de Atlas, o que fomos de vida [...]”, e nesse sentido, ressaltamos o “eu-poético” do escritor, que a todo o momento fala em terceira pessoa, se inserindo na condição legada aos seus ancestrais negros. Por fim, na última estrofe do poema, Oliveira Silveira ressalta que a bandeira de nossa pátria deveria carregar as cores “[...] preta, marrom e branca, ou de tôdas as cores, como a alma do Brasil”. (SILVEIRA, 1970, pp- 9-12).

No artigo “Vinte de Novembro: história e conteúdo”, de autoria de Oliveira Silveira, presente no livro *Educação e Ações Afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica* (2003), organizado por Petronilha B. Gonçalves<sup>84</sup> e Valter Roberto Silvério<sup>85</sup>, o escritor e poeta demonstra as diferentes etapas percorridas pelos movimentos negros na busca do “Vinte de Novembro” como data da Consciência Negra, em específico, a luta do Grupo Palmares, criado em Porto Alegre (RS) por volta do ano 1971, sendo Oliveira Silveira o principal articulador de criação desta data e também militante de grande importância do grupo, fato esse, já debatido anteriormente.

Nesse contexto, o poeta destaca em seu texto o episódio de que em novembro de 1978, num manifesto nacional do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), designando a data 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”, não contenha no texto do manifesto nenhuma referência à iniciativa gaúcha do Grupo Palmares, que no início dos anos setenta propõe o deslocamento das comemorações do treze de maio para o vinte de novembro (SILVEIRA, In: GONÇALVES e SILVÉRIO, 2003, p. 23):

A evocação do dia Vinte de Novembro como data negra foi lançada nacionalmente em 1971 pelo Grupo Palmares, de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Mas quem lê o manifesto nacional do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR), divulgado em novembro de 1978 e designando a data como dia nacional da consciência negra, não encontra no texto nenhuma referência a essa iniciativa gaúcha ou ao trabalho continuado pelo grupo nos anos seguintes.

---

<sup>84</sup> Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva nasceu em Porto Alegre, no bairro Colônia Africana, em 1942. É licenciada em Letras e Francês (1964), possui mestrado em Educação (1979) e é doutora em Ciências Humanas – Educação (1987) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atuou na docência e na coordenação pedagógica na Educação Básica nas redes pública e particular de ensino, atuou também em cargos técnicos na Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul, no Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul e como docente da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Coursou especialização em Planejamento e Administração da Educação no Instituto Internacional de Planejamento da UNESCO, em Paris (1977). Realizou estágio de Pós-Doutorado em Teoria da Educação, na University of South Africa, em Pretoria, África do Sul (1996), foi professora visitante nesta universidade, assim como na Universidad Autonoma del Estado de Morelo, in Cuernavaca, México (2003). Por indicação do Movimento Negro, foi conselheira da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, mandato 2002-2006. Nesta condição foi relatora do Parecer CNE/CP 3/2004 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana e participou da relatoria do Parecer CNE/CP 3/2005 relativo às diretrizes curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia. É docente no Departamento de Metodologia do Ensino e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. É pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros NEAB/UFSCar e milita em grupos do Movimento Negro. Ver [www.ufscar.br/~defmh/spqmh/bio\\_petro.html](http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/bio_petro.html), acesso em 10 jul.2015.

<sup>85</sup> Há 23 anos professor do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Valter Roberto Silvério é um dos nomes mais destacados no debate sobre cultura afro-brasileira, relações raciais e políticas afirmativas que emergiu na última década, em boa parte decorrente da aprovação, em 2004, Lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino da cultura afro-brasileira na educação básica. Ver [iseveracruz.edu.br](http://iseveracruz.edu.br) > Capa > v. 5, n. 1 (2015) > Prado, acesso em 10/07/15.

Mesmo que, segundo o próprio Oliveira Silveira “por outro lado, a história do Vinte teve espaço e foi contada em outras publicações do MNU” (SILVEIRA, In: GONÇALVES e SILVÉRIO, 2003, p. 23), a exemplo da revista do *MNU*, boletim do *MNU-RS*, jornal *Nêgo* e jornal do *MNU*, publicações essas, de sua autoria ou com sua participação.

Ainda segundo o autor, a contestação do “Treze de maio” veio a partir de estudos e debates realizados pelos integrantes do grupo Palmares, no qual ele sugere o “Vinte de novembro” que simboliza uma morte heroica de Zumbi, e o justifica sob os seguintes aspectos (SILVEIRA, 2003, p.26):

- não se sabia dia e mês em que começaram as fugas para os Palmares (lá por 1595);
- não havia data do nascimento de Zumbi ou outras do tipo marco inicial;
- Tiradentes também era homenageado na data de morte, 21 de abril.

Sobre o primeiro 20 de novembro, em 1971 (SILVEIRA, In: GONÇALVES e SILVÉRIO, 2003, p.28):

No evento, dia 20, usando técnica escolar, os participantes do grupo se espalharam no círculo, entre a assistência, e contaram a história de Palmares e seus quilombos com base nos estudos feitos, defendendo a opção pelo 20 de novembro, mais significativo e afirmativo na confrontação com o treze de maio. Anita já estava no grupo e Ilmo não participou, licenciado, vindo, na seqüência, a afastar-se totalmente. Mas assistiram ao ato Antônia Mariza, Helena Vitória e Leni. As três ingressariam mais adiante.

Percebemos que desde o primeiro momento foi uma preocupação constante de o grupo promover o deslocamento do “Treze de maio” para o “Vinte de novembro”, já no primeiro ato ocorrido em 1971, esse já se configurava no objetivo principal. Por isso a colocação de Oliveira Silveira sobre o fato de que muitos, inclusive militantes do movimento, não reconhecerem ou mesmo pensarem que essa proposta só foi lançada em 1978 com o MNU (Movimento Negro Unificado), quando na realidade, o MNU acatou a ideia que já vinha sendo promovida há sete anos pelo grupo Palmares, mesmo que no documento de lançamento não tenham feito menção a iniciativa do grupo gaúcho palmarino. A seguir, tabela com cronograma de atividades desenvolvidas pelo grupo Palmares no decorrer dos anos 1970 em busca do Vinte de novembro:

**Tabela 1:** Comemorações e atos do 20 de novembro no decorrer de 1970

<b>1971</b> – Primeiro ato evocativo do Vinte de Novembro, a homenagem a Palmares em 20/11 no Clube
---

Náutico Marçílio Dias.
<b>1972</b> – Sete páginas dedicadas a Palmares na revista ZH do jornal <i>Zero Hora</i> em 19/11. Histórico de palmares, depoimento do grupo, redigido por Helena Vitória dos Santos Machado, poema de Solano Trindade com ilustração de Trindade Leal, um conto, capa e ilustração da artista plástica negra Magliani (Maria Lídia), além da ilustração de Batsow, imagens aproveitadas do fascículo Zumbi da Editora Abril e fotos. Material organizado e redigido pelo componente Oliveira e editado por Juarez Fonseca, de <i>Zero Hora</i> .
<b>1973</b> – De 6 a 20/11, exposição <i>Três pintores negros</i> (Magliani, J. Altair e Paulo Chimendes), palestra de Décio Freitas e o espetáculo <i>Do carnaval ao quilombo</i> (música, texto). Local: Teatro de Câmara. Em 13 de maio fora publicada no <i>Jornal do Brasil</i> uma entrevista concedida pelo Grupo Palmares. Segundo informações, uma síntese da matéria apareceu no jornal francês <i>Le Monde</i> . Nesse e noutros anos, televisão e rádio ajudaram na difusão da proposta.
<b>1973</b> – De 6 a 20/11, exposição <i>Três pintores negros</i> (Magliani, J. Altair e Paulo Chimendes), palestra de Décio Freitas e o espetáculo <i>Do carnaval ao quilombo</i> (música, texto). Local: Teatro de Câmara. Em 13 de maio fora publicada no <i>Jornal do Brasil</i> uma entrevista concedida pelo Grupo Palmares. Segundo informações, uma síntese da matéria apareceu no jornal francês <i>Le Monde</i> . Nesse e noutros anos, televisão e rádio ajudaram na difusão da proposta.
<b>1974</b> – Divulgação de manifesto através do <i>Jornal do Brasil</i> , em matéria assinada por Alexandre Garcia (repórter também na entrevista de 13/5/1973). No texto, breve histórico de Palmares, sugestão expressa de reformulação dos livros didáticos quanto a Palmares "e outros movimentos negros" e indicação de bibliografia. No Rio de Janeiro, Maria Beatriz Nascimento (2002, p. 48), atenta, registrou.
<b>1975</b> – Encontro Grupo Palmares e grupo Afro-Sul, de música e dança, no Clube de Cultura, associação judaica. A seguir, em 10 e 16 de dezembro, foram realizadas, em parceria com o clube, duas palestras de Décio Freitas.
<b>1976</b> – Lançamento do livreto <i>Mini-história do negro brasileiro</i> , na sociedade negra Nós os Democratas. Da tentativa de reformulação surgiu posteriormente <i>História do negro brasileiro: uma síntese</i> , outro livreto editado pela Prefeitura de Porto Alegre, através da SMEC, em 1986, assinado por Anita Abad e outros. Nesse ano, em novembro, semanas do negro em Campinas-SP com o Grupo Teatro Evolução e em São Paulo com o Cecan e o Cecab. No Rio de Janeiro, conferir ações do IPCN, por exemplo, entidade nova já atenta ao Vinte de Novembro. Meses antes, em 1976, o Grupo Palmares recebeu a visita de Orlando Fernandes, vice-presidente cultural do IPCN, e Carlos Alberto Medeiros, vice-presidente de relações públicas. O Vinte ganhava adesões.
<b>1977</b> – Ato na Associação Satélite-Prontidão, sociedade negra, com exposição da minibiblioteca do Grupo Palmares e a presença do escritor negro paulista Oswaldo de Camargo, convidado especial. O grupo Nosso Teatro, depois Grupo Cultural Razão Negra, fez apresentação demonstrativa (não a caráter) de sua montagem para a dramatização de "Esperando o embaixador", conto de Oswaldo.

Fonte: Tabela elaborada pela autora a partir de informações presentes em: (SILVEIRA, In: GONÇALVES e SILVÉRIO, 2003, pp. 33-34).

Pela tabela acima, percebemos o quanto o grupo se articulou junto aos espaços cedidos pela imprensa em sua luta para tornar o Vinte de novembro nacionalmente conhecido, inclusive ganhando novas adesões de outras organizações negras que ao tomarem conhecimento da luta empreendida pelo grupo Palmares começam a traçar parcerias junto a eles. Importante também destacar essa proposição feita pelo grupo já na década de 1970, de uma revisão dos livros didáticos acerca da história do negro no Brasil, algo de extrema relevância, mas que só foi implementada de fato com a instituição da lei 10.639/03. E depois de instituído o 20 de novembro em 1978, e o encerramento de sua primeira fase, o grupo Palmares retorna em 80 (SILVEIRA, In: GONÇALVES e SILVÉRIO, 2003, p. 35):

Cumprida a primeira fase encerrada em 1978, o Grupo Palmares volta nos anos 80 como grupo de trabalho do MNU. Aparentava beirar o ineditismo esse fato de um grupo com história própria se dispor a funcionar como braço de uma nova organização, mas parece que tal experiência já havia sido tentada por outras entidades na formação do MNUCDR. O fato é que em 1981 formou-se o MNU-RS. Nele um novo grupo de trabalho, divergente, surge em 1983: o GT Lima Barreto, que chamava o grupo inicial de Grupão. Percebendo-se que no Grupão a maioria tinha sido integrante do Palmares, foi adotado o nome GT Palmares. Mais adiante ocorre a desvinculação do GT Palmares em relação ao MNU e começa a terceira fase com o Grupo Palmares novamente autônomo. Como tal, o Palmares foi um dos criadores da Associação Negra de Cultura em 8/12/1987, mas teve outras ramificações: grupo Coisapreta, pelo menos até a divisão ocorrida nesse trabalho, e grupo Kuenda. Se no GT Palmares da segunda fase Ceres Santos foi um novo valor vindo do grupo Tição, também as ramificações ao final da terceira fase ficaram ligadas a nomes palmarinos: Oliveira na ANdeC, Hilton Machado (terceira fase) no Coisapreta, de onde saíram Helena Vitória dos Santos Machado e Marisa Souza da Silva para criar o trabalho cultural Kuenda.

Nesse contexto, interessante perceber que mesmo o grupo Palmares tendo seu retorno vinculado ao MNU, estes parecem não ter esquecido o fato de terem sido injustiçados quando da implementação do “Vinte de novembro” em 1978, o que se torna perceptível pelas palavras ditas acima e também pelo rumo que o grupo acaba tomando. Além disso, Oliveira Silveira destaca que, foi por intermédio de um historiador negro mineiro, Marcos Antônio Cardoso, a partir de sua dissertação de mestrado defendida em 2002, que foi feita justiça ao grupo Palmares, pois o autor destacou em seu texto a atuação do grupo no conjunto de ações do movimento negro e de sua iniciativa em marcar o Vinte de novembro. A seguir, informações importantes acerca do grupo Palmares:

**Tabela 2:** Grupo Palmares – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

<b>Grupo Palmares – Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.</b>
--



<b>Fases – 1971 a 1978;</b> GT Palmares do MNU e Autônoma na década de 80. A partir de 1988 ou 1989 dilui-se em ramificações.
<b>Iniciadores</b> – Antônio Carlos Cortes, Ilmo da Silva, Oliveira Silveira, Vilmar Nunes, Anita Leocádia Prestes Abad e Nara Helena Medeiros Soares.
<b>Em novas formações</b> – Antônia Mariza Carolino, Gilberto Alves Ramos, Helena Vitória dos Santos Machado, Margarida Maria Martimiano, Marisa Souza da Silva e Marli Carolino.

Fonte: Tabela elaborada pela autora a partir de informações presentes em: (SILVEIRA, In: GONÇALVES e SILVÉRIO, 2003, p. 35).

Oliveira Silveira (In: GONÇALVES e SILVÉRIO, 2003, p. 36), destaca ainda:

Registre-se ainda a passagem, pelo grupo, de Irene Santos, Leni Souza, Luiz Augusto, Luiz Carlos Ribeiro, Maria Conceição Lopes Fontoura, Otacílio Rodrigues dos Santos, Rui Rodrigues Moraes e Vera Daisy Barcellos. Na segunda fase (GT Palmares do MNU), Ceres Santos. Na terceira (Autônoma, pós-MNU), Hilton Machado. Estiveram ligados de alguma forma ao trabalho Luiz Mário Tavares da Rosa e Maria da Graça Lopes Fontoura, além de um grupo de estudantes do ensino médio, entre os quais Eliane Silva (Nany) e Aírton Duarte. O Grupo Palmares contou, paralelamente, com o apoio de um círculo de colaboradores e simpatizantes negros. Aliados, em outros segmentos étnicoraciais, emprestaram também o seu apoio, ocasionalmente.

Em nossa análise dos fatos, percebemos que em sua luta pela idealização do “Vinte de novembro”, foi sempre uma preocupação do grupo Palmares não apenas a criação de um herói nacional para a comunidade negra, que é Zumbi, mas também, e principalmente, levantar a bandeira do coletivo, sempre em suas comemorações pelo “Vinte” fazendo menção a Palmares como um todo, afinal de contas, foi um grande movimento de resistência empreendido por toda população negra no decorrer do período colonial, e no movimento negro contemporâneo, é essa união, coletividade, que dar forças para que alcancemos novas conquistas na luta contra a discriminação racial. Fato este, que se corrobora a partir das ideias descritas pelo próprio Oliveira Silveira (In: GONÇALVES e SILVÉRIO, 2003, p. 37), que foi um grande articulador do grupo e viveu intensamente sua militância negra:

Ao aderir e adotar o Vinte de Novembro, o movimento negro, no caso de determinados grupos ou entidades, individualizou ressaltando a figura de Zumbi, na linha daquela historiografia que destaca o indivíduo, o herói singular, como se ele fizesse tudo sozinho. Individualismo, coisa tão cara ao sistema capitalista. Mas pode também ter sido positivo começar pela prática usual, corrente, mais familiar, para, então, encaminhar a visão transformadora. Já o Grupo Palmares sempre valorizou e destacou Zumbi como o herói nacional que é, mas preferiu sempre centrar a

evocação no coletivo: 20 de novembro – Palmares, o momento maior (*slogan* em cartaz e convite em 1973). Ou então: Homenagem a Palmares em 20 de novembro, dia da morte heroica de Zumbi. Afinal, o Estado negro foi uma criação coletiva da negrada.

A tabela a seguir demonstra como o primeiro “Vinte de novembro” em 1971, se configura enquanto um marco nas lutas pós-abolicionistas, ao mesmo tempo em que coincide com uma nova fase iniciada pelo que se convencionou chamar Movimento Negro Contemporâneo, levando sempre em consideração e enquanto contribuição, outras organizações negras e indivíduos que estiveram anteriormente engajados nessa luta. Vejamos:

**Tabela 3:** Vinte de Novembro e lutas pós-abolicionistas

<p><b>1971-1978</b> – Fase da virada histórica, de novos rumos, de nova motivação. Grupo Palmares (RS), Cecan, Cecab, Grupo Teatro Evolução (SP), Ilê Aiyê (BA), Sinba, IPCN, Ceba, mais o Grupo de Trabalho André Rebouças, Granes Quilombo (RJ), citados como referência. Literatura negra (Oswaldo de Camargo), imprensa negra (<i>A Árvore das Palavras</i>, <i>Sinba</i>, <i>Boletim do IPCN</i>).</p>
<p><b>1978-1988</b> – Fase de articulação nacional, protestos, reivindicações, agitação política, artística, cultural. Instituições oficiais (assessorias, conselhos). Assembleia Nacional Constituinte. Intensifica-se a criação de semanas do negro. Memorial Zumbi. Correntes confessional cristã (Grucon, APNs) e político-partidária (grupos em partidos), a par da corrente ou filão-base que é o Movimento Negro propriamente dito. Antologias literárias, congressos, os Perfis da Literatura Negra, encontros, os negros na Bienal Nestlé de Literatura. MNUCDR e o nome Dia Nacional da Consciência Negra para o Vinte de Novembro, revista <i>Tiçã</i> nº 1, secção "Afro-Latino-América" no <i>Versus</i>, Feconezu, <i>Cadernos Negros</i> nº 1 (Quilombo hoje assume a série mais adiante), livros de Abelardo Rodrigues, Cuti, João Carlos Limeira e Èle Semog são fatos que marcam bem o início desta fase, num ano "pleno de acontecimentos culturais sob o signo ao negrismo", como observa Oswaldo de Camargo (1988, p. 99). <i>Jornegro</i>, da Feabesp, também abre esta fase do movimento, encerrada no centenário da abolição.</p>
<p><b>1988 em diante</b> – Fase de conquistas, a partir do espaço no texto da Constituição para o grupo étnico afro-brasileiro, remanescentes de quilombo e legitimação de suas terras, institucionalização, ONGs (organizações não-governamentais), Fundação Cultural Palmares. "Puxada de tapete" neoliberal atingindo em cheio a comunidade negra. Os parlamentares, secretários de Estado e ministros negros. A cobrança da dívida social: reparações, políticas públicas de ação afirmativa buscando o concreto, o palpável, em tempos de crise aguda. Literatura negra brasileira traduzida e estudada no exterior (Alemanha, Estados Unidos). Obras culturais importantes como <i>A mão afro-brasileira</i> (Emanuel Araújo, organizador) e <i>Negro brasileiro negro</i> (organização de Joel Rufino dos Santos, Iphan). Produção acadêmica, Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros (Recife e São Carlos, SP na UFSCar), eventos e publicações na área educacional. O Vinte de Novembro sempre celebrado em semanas, eventos ao longo do mês de novembro, sendo até adotado como feriado em algumas cidades importantes, mais a ideia de feriado nacional, etc.</p>

Fonte: Tabela elaborada pela autora a partir de informações presentes em: (SILVEIRA, In: GONÇALVES e SILVÉRIO, 2003, pp. 40-41).

A partir da análise dos fatos observamos a preocupação de Oliveira Silveira em montar uma espécie de linha de tempo das ações do grupo, sendo aí que aplicamos à “didática” de Rüsen, na medida em que Oliveira Silveira está organizando, dando sentido ao seu próprio protagonismo e de seus parceiros. Há uma preocupação com a história, com o registro, com a memória, com a explicação histórica, ou seja, uma consciência de estar e fazer a história como pessoa negra, algo sempre negado pela historiografia oficial.

Além disso, percebemos que, após 1978, há de fato uma maior e mais intensa fase de articulação entre as diversas organizações negras em âmbito nacional, culminado em 1988, com o centenário da abolição, e uma fase de grandes conquistas, a partir, por exemplo, de direitos garantidos por lei na Constituição Brasileira, como a criminalização do racismo, e o

reconhecimento e legitimação das terras remanescentes de quilombos. Soma-se a isso a criação / fundação de outras organizações, a exemplo da Fundação Cultural Palmares, as ONGs (organizações não-governamentais), as importantes políticas públicas e de ação afirmativas voltadas para população negra, o crescimento de estudos relacionados a história do negro no Brasil e da Literatura negra brasileira, com tradução e publicações no exterior, o aumento significativo da produção acadêmica e congressos de pesquisadores negros espalhados por todo Brasil, com importantes eventos e publicações na área educacional.

Nesse contexto, ressaltamos das palavras de Oliveira Silveira que chega a indagar se o “Vinte de novembro” configura-se apenas enquanto uma data ou um evento de maior âmbito, certamente devido a sua importância e também a todo o contexto em que se dá sua idealização e ressignificação, mas também e principalmente (In: GONÇALVES e SILVÉRIO, 2003, p. 41):

Seria, na verdade, o Vinte de Novembro uma data ou evento de maior âmbito e alcance, a par de sua origem brasileira? Referindo-se a um grande momento da história africano-americana e da humanidade, quando escravizados resistiram e se rebelaram contra os seus exploradores, criando na diáspora um território livre ao longo de todo um século, teria, então, o Vinte de Novembro essa maior amplitude?

Afora disso, o autor ressalta que (idem):

O espírito do Vinte é negro, popular e se aninha junto à família negra: homem negro, mulher negra, criança negra. Continuidade étnico-racial com identidade cultural negra e poder político. Uma fórmula, três princípios. No espírito do Vinte. Raça, cultura, poder – em três palavras. Surgido numa época em que eram internacionais as influências da negritude antilhano-africana, das independências na África, do socialismo europeu e dos movimentos negros estadunidenses, o Vinte de Novembro, com todo o seu potencial aglutinador, era e continua sendo motivação bem nacional. Afro-brasileira. Negra.

Portanto, “Vinte de Novembro” (SILVEIRA, 1981, p.25):

Dia vinte de novembro,  
entre as palmeiras do Palmar,  
último grito de guerra no ar.

Dia vinte de novembro,  
entre as montanhas do Palmar,  
os duros músculos do herói  
gritando seu braço ágil  
na luta desigual.

Dia vinte de novembro,  
entre os riachos do Palmar,  
o sangue-humus de Zumbi  
derramando-se ao chão  
para fertilizar.

Dia vinte de novembro,  
entre mensagens do Palmar,  
tambores de orgulho e brio  
conclamando a lutar.

Ao analisar esse documento poético, entendemos que este parece ser uma espécie de introdução ou uma epígrafe ao livro-poema sobre Palmares do escritor Oliveira Silveira, há uma riqueza de registro histórico e de outra representação da história. Pois, nesse sentido, no poema em questão há um herói negro sendo historicizado pela poesia e uma efeméride, a data, sendo defendida como evento de uma epopeia negra. Nessa perspectiva, ressaltamos aqui nossa ideia da consciência negra entrando em ação, pois a partir do momento em que ocorre a defesa dessa data enquanto representativa da população negra, torna-se evidente o fato de como essa população lutou e resistiu contra sua escravização e posteriormente após a abolição, contra a sua marginalização dentro da sociedade, algo que vem ocorrendo até os dias atuais.

Hoje, o Vinte de Novembro é comemorado com eventos e publicações na área educacional, celebrados ao longo do mês de novembro, sendo até adotado como feriado em algumas cidades<sup>86</sup> importantes, com ideia até de se tornar um feriado nacional.

---

<sup>86</sup> São cerca de 1.044 cidades brasileiras espalhadas pelos estados de: Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Paraíba, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins. Ver <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2013/11/Estados-e-Munic%C3%ADpios-que-decretaram-Feriado-no-Dia-20-de-Novembro-dia-da-Consci%C3%AAncia-Negra1.pdf>, acesso em 12 jul.2015.

## CAPÍTULO III

### CULTURA HISTÓRICA E REGISTRO POÉTICO: A EPOPEIA DE PALMARES E O “20 DE NOVEMBRO”

#### 3.1. A influência da literatura na produção do conhecimento histórico: o protagonismo negro na poesia de Oliveira Silveira

São vários os autores que discorrem acerca das relações travadas entre a história e a literatura, nesse sentido, são várias as perspectivas de abordagens levantadas, uma destas, foi feita por Chartier (2000, p.197):

A relação entre literatura e história pode ser entendida de duas maneiras. A primeira enfatiza o requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos. Para semelhante perspectiva é necessário compreender que nossa relação contemporânea com as obras e os gêneros não pode ser considerada nem como invariante nem como universal. Devemos romper com a atitude espontânea que supõe que todos os textos, todas as obras, todos os gêneros, foram compostos, publicados, lidos e recebidos segundo os critérios que caracterizam nossa própria relação com o escrito. Trata-se, portanto, de identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido. Trata-se também de considerar o sentido dos textos como o resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social que buscam, ao mesmo tempo, os materiais e matrizes da criação estética e as condições de sua possível compreensão.

A partir do exposto, podemos entender, segundo a perspectiva de Chartier, que seu posicionamento no que diz respeito à relação entre a literatura e a história, está pautado na ideia de que enquanto historiador pode lançar mão dos métodos da história, no processo de escrita, mas também buscar na literatura elementos de uma historicização de sua prática enquanto historiador. Sendo nessa perspectiva que iremos seguir em nosso processo de “escrita da história”, na medida em que faremos a análise de alguns dos poemas do escritor Oliveira Silveira, em especial, no decorrer do segundo tópico deste capítulo, do *Poema Sobre Palmares*, sem abrir mão do tão cobrado “métodos da história”, aos historiadores, entendendo sua produção poética enquanto produtora do conhecimento histórico sobre a história da população negra no Brasil. A ideia em curso, portanto, é a de uma abordagem “especificamente histórica” da literatura, na qual, utilizaremos os poemas como “registros históricos” de uma história que vem sendo reconstruída pelo escritor Oliveira Silveira, a partir

de sua produção poética. Como podemos observar abaixo no poema “Pobre Menino Preto”, de Silveira (1976, p.14):

Pobre menino preto  
brincando com a turma  
se imagina mocinho  
não cola  
os mocinhos são brancos  
como os outros  
se imagina tarzã  
se pendura no galho  
não cola  
porque eles o imaginam  
chita  
macaco  
chipanzé  
orangotango  
não pode brincar de Zumbi  
ou Toussaint-Louverture  
porque são heróis de verdade  
que ninguém conhece  
nem ele mesmo nunca ouviu falar

No poema, o poeta relata a discriminação sofrida pelo menino preto que não pode se juntar aos seus amigos de turma em suas brincadeiras, que em sua maioria são brancos, sendo estes considerados os mocinhos, e aqueles os marginalizados dessa história, que devido a esse fato lamentável, não conseguem se inserir dentro dos segmentos da sociedade, algo que infelizmente, ocorre desde a infância. Ressalta ainda no final do poema o fato dessas crianças nem mesmo poderem brincar com os grandes heróis da resistência negra, pois apesar de o serem heróis de verdade dessa história de luta e resistência, nem as pessoas os conhecem, nem a sua história é contada as crianças negras, algo que ainda precisamos avançar no que diz respeito à lei 10.639/03. Este fato retrata a grande necessidade que temos de divulgação dessa brilhante história feita por heróis negros que desde sempre estiveram se contrapondo a toda exploração que sofreram, desconstruindo um pouco a história eurocêntrica tão difundida nos meios educacionais, e ajudando na construção de sua própria história de luta. Dentro dessa perspectiva, o poeta cita exemplos de grandes nomes dentro da história de luta e resistência negra ao apontar nomes como o de “Toussaint-Louverture”, grande líder da revolução negra no Haiti, e “Zumbi”, herói da resistência negra no Brasil.

Além disso, um segundo fator levantado por Chartier é o da questão de circulação das obras, assim como das condições de sua produção e consumo. E neste aspecto, percebemos que Oliveira Silveira, no processo de escrita de seus poemas, deixa transparecer que deseja atingir, em especial, um público de leitores negros, pois em algumas de suas obras esse

detalhe aparece em destaque quando ele diz: “Ofereça este folheto a uma pessoa negra”, o que demonstra sua preocupação em alcançar especialmente um público de pessoas negras. Nessa perspectiva, ressaltamos uma terceira questão apontada por Chartier, que seria a ideia de uma história não somente da escrita, mas também da leitura, do que ele chama “comunidades de leitores”. E sobre essa questão também discorre o escritor Cuti (2010, p. 28), quando nos fala sobre a ideia de intencionalidade no ato da comunicação dizendo que: “Quando alguém se põe a escrever, não é verdade que escreve para si mesmo. Já no ato da escrita, um leitor ideal vai se formando na mente do escritor, alguém que ele gostaria, intimamente, que lesse o seu texto”. Outro ponto importante a se destacar é que a grande maioria das obras de Oliveira Silveira foi custeada pelo próprio autor, ou seja, uma espécie de produção independente.

Outra autora que discorre acerca do debate sobre as possíveis relações entre a história e a literatura é Sandra Pesavento, que em seu texto “O mundo como texto: leituras da História e da Literatura” faz a análise sobre as aproximações e distanciamentos entre as duas. Nesse sentido, no que diz respeito às relações que se estabelecem entre a história e literatura, a autora nos diz que no século XIX “a História se valia da literatura como um recurso ilustrativo de uma afirmação sobre o passado, para confirmação de um fato ou ideia” (PESAVENTO, 2003, p. 32). Já na segunda metade do século XX “a literatura se definia como engajada e militante, portadora de um compromisso definido como o social, cabendo também à História um perfil crítico e *politicamente correto*” (PESAVENTO, 2003, p. 32), em sua missão de denúncias das injustiças sociais. Sendo assim que percebemos os escritos poéticos de Oliveira Silveira, pois em muitos de seus poemas o autor retrata as injustiças sociais e violência sofridas pela população negra, como exemplo desse fato podemos citar o poema “Banzo em *Flashback*”, (SILVEIRA, 1981, p.24):

Amargo tempo de raízes  
arrancadas,  
dorido tempo de placenta  
violada,  
estranho tempo de bebês  
mimados:  
    navio nosso berço  
    e o mar nos embalava.

Caribe canaviais;  
Mississipi algodoais  
    tempo branco de algodão  
    tempo escuro de mão

Amargo açúcar dos engenhos,  
turvo ouro das minas



extraído por mãos turvas  
 – é por isso Ouro Preto –  
 sangria das charqueadas,  
 cicuta dos cafezais:  
     nossas mãos e braços máquina  
     e as costas, carretão  
     ou rochedo de músculo e carne  
     onde estalam as vagas do látigo.

Banzo em *flashback*...  
 Volto atrás e descubro:  
 Dessalines  
 Louverture e Haiti,  
 Palmares e Zumbi,  
 heroísmo de lá  
 e daqui,  
 séculos de quilombos,  
 bravas rebeliões,  
 negro-fera, sem jaula,  
 solto na rua, livre pelo mato,  
 astucioso e feroz!

Banzo em *flashback*...  
 nuvem que dissipa,  
 abro os olhos,  
 luta me esperando,  
 volto a mim.

No poema, o autor demonstra todo sofrimento provocado nos negros trazidos da África na condição de escravos para trabalharem em diferentes atividades e localidades espalhadas pelo mundo, ao citar os canaviais do Caribe, os algodoais de Mississipi, o açúcar dos engenhos, que entendemos aqui a exploração ocorrida no Brasil Colonial, as minas de Ouro Preto, a “sangria das charqueadas”, e a exploração nos cafezais, enfim, Oliveira Silveira trás em seus versos uma síntese do mundo do trabalho na diáspora, incluindo o Brasil e suas variadas regiões, a exemplo do Rio Grande do Sul. E no final do poema, o poeta ressalta em seus versos toda luta e resistência dos negros, fazendo referência a grandes nomes e exemplos dessa luta.

Ainda no que diz respeito às possíveis relações entre a história e a literatura no decorrer do século XX, para Pesavento (2003, p.32), “ambas se colocavam a serviço de uma causa, que definia assim o seu valor e positividade”. E hoje, essa relação está pautada:

Hoje, são outras as questões que articulam o debate, que aproximam e entrecruzam as narrativas histórica e literária, entendendo-as como discursos que respondem às indagações dos homens sobre o mundo, em todas as épocas. Narrativas que respondem às perguntas, expectativas, desejos e temores sobre a realidade, a História e a Literatura oferecem *o mundo como texto*.

Nesse caso, entendemos que o escritor Oliveira Silveira, faz a construção do seu discurso enquanto respostas as suas indagações, ao seu “horizonte de expectativa” sobre a época em que vive e constrói sua narrativa histórica sobre a história do negro. Segundo Pesavento (2003, p.32), essa ideia acima elencada constitui a corrente historiográfica da chamada História Cultural, e hoje, a história e literatura estão mais próximas do que nunca, pois “[...] História e Literatura são formas distintas, porém próximas, de dizer a realidade e de lhe atribuir/desvelar sentidos”. Nessa perspectiva, a autora ressalta que:

[...] à concepção de que a História, tal como a Literatura, é uma narrativa que constrói um enredo e desvenda uma trama. A História é uma urdidura discursiva de ações encadeadas que, por meio da linguagem e de artifícios retóricos, constrói significados no tempo.

Portanto, a partir dessa ideia, a história como construção de uma narrativa sobre o passado está ligada ao conceito de representação, e tanto a história, quanto a literatura “teriam o seu lugar, como formas ou modalidades discursivas que tem sempre como referência o real, mesmo que seja para negá-lo, ultrapassá-lo ou transfigurá-lo” Soma-se a isso a seguinte questão levantada por Pesavento (2003, p.33):

Ainda como desdobramento desta compreensão da História que a aproxima da Literatura, temos o entendimento de que ambas as narrativas realizam a **configuração de um tempo**. Seja este o que se passou, no caso da História, ou que poderia ter se passado, mas que realmente se passa, para a voz narrativa da Literatura, este tempo se constrói como uma nova temporalidade, nem presente nem passado, mas que ocupa o lugar do passado e, no caso da História, a ele se substitui. É este **presente da escrita** que inventa um passado ou constrói um futuro, para melhor explicar-se. Nesta medida, o momento da feitura do texto torna-se essencial para o entendimento das ações narradas, sejam elas acontecidas ou não.

No tocante a essa “configuração de um tempo”, a autora se refere às ideias desenvolvidas por Paul Ricoeur, em sua obra *Tempo e narrativa* (1994). Ao se referir aos distanciamentos existentes entre a literatura e a História, uma primeira questão levantada relaciona-se ao fato de que há uma distinção no que diz respeito aos compromissos de cada narrativa com a realidade, posto que a história, nesse sentido, estaria preocupada com uma busca incessante pela verdade dos fatos. No entanto, mesmo que já por volta do século XIX, essa perspectiva de abordagem da história já comece a receber críticas, é com a chamada “crise dos paradigmas”, na década de 1970, que essas críticas já anteriormente feitas por parte de alguns, passam a ganhar força, ocorrendo a partir daí uma maior aproximação entre história e literatura.

Conforme Pesavento, que segue em uma linha de pensamento semelhante à de Paul Veyne e Michel de Certeau, uma diferença entre a literatura e a história está pautada na ideia

de que a história recria seu mundo através do texto a partir de algo que realmente aconteceu, uma espécie de “romance verdadeiro”, “fabricação do passado”, “narrativa do que aconteceu” (VEYNE, CERTEAU, PESAVENTO, p. 35). Nesse sentido, para Pesavento (2003, p.35):

Para tanto, as estratégias ficcionais do historiador estariam presentes na escolha, seleção e rejeição de materiais, organização de um enredo, escolha e uso de palavras e metáforas, desvendamento de sentidos implícitos. Mas, sem sombra de dúvida, o exercício ficcional de escrita da História encontra limites, se formos considerá-lo com relação àquele que preside a escrita da Literatura. Estes limites se dão, por um lado, pela exigência deste acontecido, ou de que os personagens e fatos sejam reais.

E dentro dessas aproximações entre a história e literatura, ressaltamos o poema “Nomes em Carvão”, (SILVEIRA, 1970, p.40) já mencionado em parte anterior no trabalho:

Senghor, Césaire, Langston Hughes  
 – poetas da palavra de ébano –  
 e Martin Luther King, Louis Armstrong  
 – o prêto do trompete som de prata.

E aqui nosso Cruz e Souza  
 poeta da pela pixe  
 cujas palavras plasticamente são pretas por dentro  
 porém plásticamente são de prata.

E aqui Solano Trindade  
 e outros – pretos, mulatos –  
 mas tudo sem falar em quem  
 abdicou de sua côr  
 com um banho de prata.

Aí estão gravados nomes de grandes poetas negros, inclusive alguns dos que foram os criadores do movimento da *Negritude* na França, a exemplo de “Senghor” e “Césaire”, nomes de pessoas que foram grandes líderes negros na luta contra a discriminação racial, caso de “Martin Luther King”, de grandes poetas negros brasileiros “Cruz e Souza”, “Solano Trindade”, sendo este um dos protagonistas de criação do Teatro Experimental do negro no Brasil, além disso, percebemos o uso que o autor faz das figuras de linguagem quando fala do “poeta da pele pixe”, ao invés de descrevê-lo tão somente enquanto um poeta negro. Sendo assim, Oliveira Silveira se utiliza da linguagem estética da literatura na construção de seus versos, porém, retratando personagens históricos reais, portanto, entendemos que o poema acima citado trata-se de uma espécie de “narrativa do que aconteceu”.

Seguindo nessa mesma linha de pensamento, entendemos que o escritor Oliveira Silveira, mesmo não possuindo uma formação acadêmica em História, na medida em que escreve seus poemas, em especial, *Poema Sobre Palmares*, ele faz suas escolhas, seleciona

suas fontes e organiza seu enredo ou narrativa discorrendo sobre um fato que realmente aconteceu, com personagens que realmente existiram. O exemplo maior desse fato se dá com toda construção que veio sendo feita pelo Grupo Palmares na década de 1970 quando elege o protagonista de Palmares, Zumbi, para homenageá-lo. Ou seja, o escritor se apropria do discurso histórico para reescrever essa história, por isso seu poema pode ser utilizado enquanto um “documento de cultura histórica”.

Ainda segundo Pesavento (2003, p.36), outra restrição referente às relações entre história e literatura estaria no fato de que, para história:

Estes limites à ficção se estabelecem pelos rigores de um método, que obriga o historiador a recolher do passado os seus traços, tornados fontes pela iluminação de uma pergunta. Sem as fontes, marcas de historicidade deixadas pelo passado no presente, não há História possível. Tais fontes, cruzadas, compostas, contrapostas, devem fornecer redes de significados de molde a recuperar tramas, com potencial explicativo e revelar de sentidos. A exibição de tais marcas de historicidade permite uma hipotética verificação ou controle dos resultados da narrativa, recuperando a realidade do passado.

Portanto, segundo essa perspectiva, a autora nos diz que essa “limitação” se dar a partir da ideia de que a história busca uma versão verossímil dos fatos, já a literatura, segue na perspectiva de Ricoeur, na medida em que tenta alcançar uma versão aproximativa, sem essa pretensão de veracidade. Mesmo diante desse fato, reiteramos nosso posicionamento de que através de seus versos, Oliveira Silveira constrói sua narrativa acerca de um passado, portanto, seus poemas configuram-se enquanto registros históricos sobre determinada época ou acontecimento, como podemos observar no poema “Décima do Negro Peão<sup>87</sup>” que devido sua extensão, segue abaixo, em partes:

[...] Na cara e nos meus pelegos  
o vento do pampa bravo  
parecia ao me ver negro  
querer que inda fosse escravo.

Mas dei de rédea o matungo  
prá tal estância da Tala  
E o galpão tinha no fundo  
um certo ar de senzala. [...]

Inicialmente, o poeta relata em seus versos traços ligados ao trabalho do peão-negro na região Sul, com certo ar de ironia ao retratar o trabalho escravo. Ainda nessa perspectiva, ele

---

<sup>87</sup> *Décima do Negro Peão* (1974), poema denominado afro-gaúcho, foi criado pelo autor em 1970 e trabalhado até 1974. Este é um dos livros do autor que aparece com a seguinte observação na contracapa: “Ofereça este folheto a uma pessoa negra”.

aponta toda exploração sofrida pelo peão no trabalho da estância, e nessa lógica, destaca essa opressão do trabalho sem distinção de cor:

[...] É triste a vida de estância  
para o peão assalariado  
o soldo é mui desbotado  
e pra todos a mesma dor:  
sem diferença de cor  
igualmente escravizados.

Pobre preto, branco pobre,  
diferença da ilusão !  
Na vida braba de peão  
é o mesmo trabalhador:  
são diferentes na cor  
mas iguais na exploração. [...]

Em seguida, o poeta retrata um velho ditado gaúcho, com referência aos tempos amargos da escravidão. Neste sentido, esses traços de lembranças de séculos de exploração, assim como da resistência negra, se configuram como forma de conscientização dessa população marginalizada, buscando sua identificação ao se deparar com versos que denunciam todo sofrimento e resistência dos negros:

[...] - Dia menos, dia mais,  
preto é sota-capataz.  
Era a voz do domador  
que num canto cochichou.  
Disse: - Negro em posição  
é encrenca no galpão.

Velho ditado gaúcho  
que o tempo de longe trouxe  
amargo por não ser doce  
amargo só de amargura  
ressaibo da escravatura  
por mais branda que ela fosse. [...]

Dentro desse contexto, o poeta narra em seus versos a visita de um platino e de um negro velho vivido (filho de escravo fugido), onde ele relembra a época do cativo. Ao dialogar com o platino, aponta o racismo de um espanhol da fronteira, com o índio e com o negro, falando até de preconceito. Citando *Martín Fierro* (1872) obra literária de grande popularidade na Argentina, escrita por José Hernández, que retrata a vida de um gaúcho na região dos pampas, narrando o caráter independente e heroico dos habitantes dessa região:

Um platino certo dia  
em que era do sul o vento

chegou a trotezito lento  
 e pediu pousada na estância.  
 Trazia voz de distâncias  
 e uma guitarra nos tentos

[...]

Entre outras coisas lhe disse  
 num espanhol de fronteira:  
 - *El relato de Martín Fierro*  
*es cosa de buen artista*  
*no tan buena por racista*  
 Contra *El índio y contra El negro.*

[...]

Também passou pela estância  
 Um negro velho vivido  
 (filho de escravo fugido  
 Após longo cativo  
 Desde o navio negreiro  
 Até o dia da partida).

[...]

Além disso, percebemos no decorrer de seu poema, referências ao trabalho do negro cativo, assim como se menciona também sua resistência e busca pela liberdade. Motivos esses, que nos fazem perceber a importância dessa análise, na medida em que buscamos a divulgação da exploração e discriminação racial na literatura afro-brasileira. E isto, o poeta Oliveira Silveira faz com grande propriedade:

- Negro, me abre um buraco  
 comprido como um moirão.-  
 O negro pegou a pá  
 - Sim, sinhô, sim, meu patrão.

- Negro, aí vou te enterrar  
 pra não deitar falação.  
 O negro sampou a pá  
 na moringa do patrão.

Algumas onças de ouro  
 e o resto o patrão que guarde.  
 Bastou a fronteira no couro  
 do pingo-flor Liberdade.

[...]

Ressaltamos ainda em seus versos, palavras ligadas à resistência negra e elementos arraigados em seu sofrimento:

Não nasci no cativoiro  
 fui sempre um crioulo altivo  
 mas seu olhar candongueiro  
 me fez escravo cativo.

Não adiantava mandinga  
 nem benzedura bem feita:  
 amarras de suas candongas  
 virando banzo em meu peito.

Já no fim, o autor narra um repente entre ele e um branco domador. Neste sentido, ele destaca em sua fala uma formulação de resposta dada como forma de resistência do negro. Relatando em seguida, versos que retratam a força do negro escravo guerreiro (SILVEIRA, 1974, pp. 3-9):

[...] BRANCO:

Se houver por aqui quem cante  
 que se apresente o cantor  
 seja branco seja preto  
 pode ser de toda cor  
 prefiro que seja preto  
 pra surrar de tirador.

NEGRO:

Pra surrar de tirador  
 prefere que seja negro  
 é preto o teu tirador  
 é branca a lã do borrego  
 prefiro contrário branco  
 para surrar de pelego.

[...]

Senti o ímpeto paisano  
 do negro escravo guerreiro  
 peleando com os castelhanos  
 ao lado dos brasileiros. [...]

A partir desses versos, ratificamos a ideia da grande presença do negro na região sul do Brasil, algo já discutido no capítulo II a partir da análise que fizemos da cartilha denominada *O Negro no Rio Grande do Sul*, organizada por Oliveira Silveira, na qual ele destaca essa presença do negro na região, ressaltando o fato dessa ocorrência desde a época da escravidão, quando ocuparam os mais variados trabalhos e desenvolveram também sua resistência, sempre em busca de sua liberdade. Fato este, que se configura também como contraponto a ideia de que a população sulina seja composta apenas pelos brancos e

descendentes de europeus, algo que talvez ainda permeie na “cabeça” de muitas pessoas ainda desinformadas sobre a presença da população negra nessa região.

Dando continuidade aos estudos que permeiam as relações entre a história e literatura, outra questão levantada por Pesavento (2003, p.36), na mesma linha de Chartier, é a do “mundo do leitor”, sobre o qual ela diz:

O texto, bem o sabemos, tem também uma vida própria, independente dos desejos do escritor, seja ele de História ou Literatura. No mundo do leitor, este texto adquire novos sentidos, imprevistos na sua feitura, para além da própria linguagem metafórica da literatura que aponta para dizer outras coisas para além do que é dito. Neste potencial metafórico e alegórico ampliado, mesmo o texto de História, que se encontra aprisionado ao fato acontecido, alça vôo para novos mundos, é capaz de induzir imediatas reinterpretações e realizar viagens intertextuais. A leitura, como disse Chartier, é *rebelde e vagabunda*, e se reatualiza sempre em sentidos, ao longo do tempo e das gerações.

Sendo nesse sentido que elencamos o “horizonte de expectativas” do escritor ao construir seu texto, procurando atingir determinado público, caso do poeta Oliveira Silveira, mesmo que cada leitor tenha a liberdade de criar a sua interpretação acerca dos fatos. Algo que inclusive ocorre na construção de nosso texto, ao fazermos nossa leitura sobre a sua produção poética, mesmo que estejamos utilizando-a enquanto “documento de cultura histórica” como já mencionado anteriormente. Nessa perspectiva, uma possível diferenciação feita por Pesavento (2003, p. 38-39) entre os leitores de história e os de literatura está no fato de que:

Leitores de História, em princípio, busca saber como foi, ou mais ainda, a verdade do que foi. Mesmo porque, consagradamente, pesa sobre o historiador o papel de desempenhar a fala autorizada sobre o passado. Mas, mesmo detendo esta autoridade da fala, o historiador se vale dos recursos da linguagem, do esforço retórico do convencimento, das evidências de pesquisa. Estas evidências são a exibição de referências bibliográficas, citações, indicações de fontes e notas de rodapé para mesmo provocar o leitor, como já foi antes assinalado: se não acreditar ou não estiver convencido, refaça meu caminho e comprove por si mesmo... Na prática, sabe-se que o público não enfrentará o desafio, se contentando com a evidência da pesquisa e da erudição, o relato do caminho percorrido, resguardadas pela autoridade da fala. Já o escritor da literatura não necessita de tais recursos ou artifícios, tudo investindo na qualidade da escrita do texto e na coerência de sentido da sua narrativa. Tem, talvez mais do que o próprio historiador, esta consciência de que há um público leitor e que é preciso cativá-lo.

Nesse caso, corroboramos com a ideia da autora de que na construção do nosso trabalho, utilizamos da produção poética de Oliveira Silveira como fonte na construção de nossa narrativa histórica, pois conforme afirma Pesavento (2003, p.59):



[...] a Literatura é fonte para a História dependendo dos problemas ou questões formuladas. Se o historiador estiver preocupado com datas, fatos, nomes de um acontecido, ou se buscar a confirmação dos acontecimentos do passado, a literatura não será a melhor fonte a ser usada... Mas, se o historiador estiver interessado em resgatar as sensibilidades de uma época, os valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um momento dado no passado, ou em ver como os homens representavam a si próprios e ao mundo, a Literatura se toma uma fonte muito especial para o seu trabalho.

A partir do exposto, elencamos o poema “Minha Doce Vingança”, no qual o poeta em seus versos faz menção ao fato de que sua vingança está atrelada a sua negritude e as suas palavras, diferentemente das emboscadas empreendidas e da violência utilizada contra o negro cativo quando fugiam das propriedades de “seus senhores” (SILVEIRA, 1981, p. 20):

Minha doce vingança

não é ficar em moitas ou esquinas  
na noite irmã de cor,  
de tocaia:  
já nossas táticas e emboscadas  
bastante abocanharam.

Minha doce vingança  
não é esperar em lâmina  
– as nossas lanças já tanto rasgaram.

Minha doce vingança  
é minha negritude  
e são estas palavras  
ponteagudas.

No poema, o poeta faz uso de suas palavras destacando toda a luta de resistência e em busca da negritude, no qual ele mesmo se vê representado. Nessa perspectiva, ressaltamos os escritos dos afro-brasileiros como forma de marcar seu espaço dentro da sociedade, a partir disso, ocorre uma inversão nos papéis, pois, por muito tempo os negros foram explorados pelos colonizadores brancos que se diziam civilizados. No entanto, os negros demonstram sua vingança de uma forma bem mais civilizada, através de seus escritos africanistas, em contraposição às atrocidades cometidas durante séculos de exploração.

Seguindo nessa perspectiva, é que utilizaremos também do *Poema Sobre Palmares*, procurando entender a forma como o escritor reescreveu essa história, resignificando seus personagens e os fatos através da literatura. A partir da ideia defendida por Pesavento (2003, p.40) que:

Seja a Literatura de cunho realista, dispondo-se a dizer sobre o real por forma da observação direta, fruto da vivência do escritor no seu tempo, seja por transfiguração fantasmática e onírica ou de criação de um futuro aparentemente inusitado, seja pela

recuperação idealizada de um passado, distante ou próximo, a Literatura é sempre um registro - privilegiado - do seu tempo. [...] No momento atual, historiadores da cultura e críticos literários trabalham sobre o mesmo registro para, cada qual no seu campo, construírem representações sobre o mundo.

Seria, portanto, uma leitura que fazemos a partir da obra literária para resgatar as representações do passado, ao nos debruçarmos sobre a literatura para escrever a história de uma determinada época, procurando entender a forma como Oliveira Silveira representa a si próprio e a história da população negra enquanto escritor e protagonista desta história. Nesse sentido, para Valdeci Rezende Borges<sup>88</sup> (2010, p.98-99) a literatura:

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. [...] Sendo a literatura uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo, possuindo regras próprias de produção e guardando modos peculiares de aproximação com o real, de criar um mundo possível por meio da narrativa, ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo. Ela é uma reflexão sobre o que existe e projeção do que poderá vir a existir; registra e interpreta o presente, reconstrói o passado e inventa o futuro por meio de uma narrativa pautada no critério de ser verossímil, da estética clássica, ou nas notações da realidade para produzir uma ilusão de real. Como tal é uma prova, um registro, uma leitura das dimensões da experiência social e da invenção desse social, sendo fonte histórica das práticas sociais, de modo geral, e das práticas e fazeres literários em si mesmos, de forma particular.

Nesse sentido, concordamos com essa perspectiva do autor quando diz que “a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica”, sendo dessa maneira que percebemos os escritos poéticos de Oliveira Silveira, na medida em que na construção de seus poemas ele representa seus sentimentos, pensamentos, suas expectativas e esperança em uma determinada época na qual está inserido, fazendo sua representação acerca do passado correlacionado com a sociedade na qual está inserido e seu tempo histórico. Corroboramos também com o autor acima citado quando ele fala sobre a literatura enquanto um modo de construção de uma narrativa que pode dialogar com a realidade, pautada em critérios verossímil assim como a história o faz ou procura fazer no

---

<sup>88</sup> Possui graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia (1987), mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992) e doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Tem experiência na área de História e Letras, com ênfase em História do Brasil Império e República, e Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: linguagens, representações, imaginário social, memória, história e literatura, identidade, cultura, Machado de Assis e José de Alencar. Ver <http://lattes.cnpq.br/0857773389440773>, acesso em 12/07/15.

decorrer da construção do conhecimento histórico. Nesse ponto, destacamos o poema “Resgate (Década 60)” (SILVEIRA, 1981, p. 11):

Tua dívida foi-se armazenando  
Sob tua pele branca  
Agora vim cobrá-la  
a peso de ouro  
e com juros de mora  
- quero teu couro!

\*

Vamos fazer uma orquestra:  
sirenes de patrulhas e ambulâncias,  
apitos e buzinas  
são os novos pistões,  
vocês tocam;  
o fuzil é meu banjo,  
bombas a bateria  
e este motim meu jazz,  
nós tocamos.

Uma orquestra integrada!

\*

Vocês se melindram,  
se queixam  
que fazemos barulho,  
que não éramos assim,  
que estamos diferentes,  
e nós dizemos é  
estamos bem mudados  
realmente.

\*

Tanto tempo obediência,  
paciência tanto tempo,  
tanto tempo sendo Pai Tomás,  
vontade de não ser.

O grande brado de Nat Turner  
e outros irmãos, quatro séculos  
reprimido, finalmente  
explodiu.

Nesse poema, há o relato de toda a luta dos negros que após séculos de exploração, se dedicam na busca de seus direitos raciais, lutando por uma sociedade racialmente igualitária, e denunciando as práticas discriminatórias ainda existentes. Além disso, ressaltamos o fato do escritor se representar nessa busca pela igualdade racial quando ele diz “Tua dívida foi-se armazenando sob tua pele branca. Agora vim cobrá-la [...]”, nesse verso enxergamos “as expectativas, as esperanças, os sonhos, os sentimentos” do autor que se reconhece enquanto

protagonista da história do negro que foi durante séculos explorados e agora cobram essa dívida, além de se ver representado nessa forma de reprodução social e histórica.

Outra questão que consideramos importante no que diz respeito à história e literatura, e que Borges (2010, p.99-100) destaca em seu texto, é o fato de que:

O discurso literário manifesto em texto, expresso em prosa ou verso, envolve modalidades de narrativa com características próprias, inclusive, na sua forma de lidar, captar e tratar as questões propostas por uma sociedade e por um tempo, como o conto, a crônica, a novela, o romance, a tragédia, a comédia ou o poema. Essas narrativas, por sua vez, apresentam-se sob forma de vários gêneros, como o lírico, o épico e o drama, que são ainda marcados por correntes estéticas, que determinam tanto as relações da literatura com a realidade, quanto ao seu estatuto e função, como as escolas literárias. Nesse campo, não podemos perder de vista ainda os modos por meio dos quais o discurso literário se manifesta, como os tropos: a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia.

Pois, percebemos que o escritor Oliveira Silveira utiliza bastante das figuras de linguagem na construção de seus poemas, em especial, da ironia. Além disso, entendemos que toda história de Palmares que narra em seu livro-poema *Poema Sobre Palmares* se configura enquanto um épico no que diz respeito ao gênero empregado e se constitui enquanto um registro histórico acerca de um passado que realmente ocorreu.

Nesse aspecto, destacamos um trecho do poema (SILVEIRA, 1987, p. 5):

[...]

Para Palmares veio negro  
que não gemia nos açoites  
E pelo mato escuro veio negro  
que se escondeu na própria noite.  
Pela selva fechada veio negro  
para quem o Palmar foi clareira  
No rastro uns dos outros vieram negros,  
cães acuados farejando o cheiro.  
E negro roubado a esmo  
do cativo para a liberdade,  
do senhor para si mesmo.

Calunga ficou no litoral  
mas o supremo Nzambi,  
o amuado Calundu  
e o espírito bantu dos ancestrais,  
deuses jejes,  
divindades da costa da Guiné,  
todos chegam logo  
pra acompanhar seu povo, e houve fé.

Nesse trecho, o autor retrata em seus versos os negros cativos, que na noite vinham fugidos para o quilombo, na luta pela sua liberdade, sendo muitas vezes procurados nas matas pelos cães farejadores e os capitães-do-mato. Neste sentido, traziam consigo para o quilombo suas divindades e ancestrais, figuras da religião de matriz africana retratadas nos versos pelo poeta, onde ele cita o nome de Nzambi (considerado pelos africanos como Deus supremo e criador nos candomblés). Ainda nessa perspectiva de análise, um de seus poemas que retrata as religiões de matriz africana é “Oferenda” (SILVEIRA, 1981, p.17), que segue abaixo:

Dona Moça ialorixá  
veja aí quem vem ao tranco.  
Vá tinindo seu adjá,  
dona Moça mãe-de-santo:  
    é cavalo de Oxalá  
    porque está todo de branco.

Branca angolista de Angola  
- seu sangue ao cérebro aqueça.  
Adaga para degola,  
vermelho encharcando as mechas:  
    bori para Oxalá Velho  
    que é dono dessa cabeça.

O poema traz vários elementos ligados à cultura e à religião de matriz africana, que resistiu durante séculos até os dias atuais como elemento formador e constituinte da cultura de nossa população de afrodescendentes. Nesse contexto, encerramos aqui essa primeira parte do capítulo que trouxe a tona algumas das discussões postas nos debates entre as relações da história com a literatura, procurando demonstrar a partir da produção poética de Oliveira Silveira, exemplos dos possíveis usos da literatura enquanto fonte para a produção do conhecimento histórico. Nesse sentido, nossa hipótese é a de que a poesia é um tipo específico de literatura, mas que pode muito bem conter um indício, um registro histórico, um discurso de cultura histórica. Seguindo nessa perspectiva, adiante daremos continuidade as nossas análises, sendo agora mais especificamente voltada para a obra *Poema Sobre Palmares*.

### **3.2. Mudança de foco: “Poema Sobre Palmares”**

Iniciamos nossos estudos aqui destacando primeiramente das ideias desenvolvidas e concebidas pelo historiador francês Fernand Braudel (1902-1985), um dos principais representantes da chamada “Escola dos Annales”, no que diz respeito às diferentes temporalidades históricas (a curta duração, a média duração e a longa duração). Segundo

Braudel (1990, p.10-11), em seu texto “História e Ciências Sociais. A longa duração”, a “curta duração” está ligada:

[...] a expressão <<dos acontecimentos>>: o tempo breve, à medida dos indivíduos, da vida quotidiana, das nossas ilusões, das nossas rápidas tomadas de consciência; o tempo, por excelência, do cronista, do jornalista. Ora bem, tenhamos em conta que a crónica ou o jornal oferecem, junto com os grandes acontecimentos chamados históricos, os medíocres acidentes da vida ordinária: um incêndio, uma catástrofe ferroviária, o preço do trigo, um crime, uma representação teatral, uma inundação. É pois, evidente que existe um tempo breve de todas as formas da vida: tanto económico, social, literário, institucional, religioso e inclusivamente geográfico (um vendaval, uma tempestade), como político.

Seguindo nessa perspectiva, entendemos que a “curta duração” está ligada aos acontecimentos imediatos, como bem exemplificados acima quando o autor destaca “um incêndio, uma catástrofe ferroviária, o preço do trigo, um crime, uma representação teatral, uma inundação”, nesse sentido, entendemos também que “um golpe de Estado” ou “a assinatura de um novo tratado económico” se configure nas temporalidades históricas também enquanto uma curta duração. Já a “média duração”, diz Braudel (1990, p.12):

Surge uma nova espécie de narração histórica – pode dizer-se o <<recitativo>> da conjuntura, do ciclo e até do <<interciclo>> – que oferece à nossa escolha uma dezena de anos, um quarto de século e, em última instância, o meio século do ciclo clássico de Kondratieff. Por exemplo, se não se tem em conta breves e superficiais acidentes, há um movimento geral de subida de preços na Europa de 1771 a 1817; em contrapartida, os preços baixam de 1817 a 1852: este duplo e lento movimento de subida e de retrocesso, representa um interciclo completo para a Europa e quase para o mundo inteiro.

Seguindo nessa perspectiva, assim como o autor Antônio Rojas (2013) nos diz, apreendemos que a curta duração abarca “[...] o tempo de vida entre o nascimento e a substituição de uma geração literária, política ou cultural, ou a duração própria na memória dos protagonistas de uma experiência traumática, como a da segunda guerra mundial”.

Nesse sentido, o que nos interessa mais aqui é a definição relativa à longa duração, pois entendemos que na medida em que o escritor Oliveira Silveira faz um resgate de mais de trezentos anos de história em seu livro-poema denominado “*Poema Sobre Palmares*”, quando inicia seu poema relatando a história do quilombo de Palmares, que dura cerca de um século, mas precisamente todo decorrer do século XVII, e o escritor destrincha toda sua história, indo além quando nos traz em seus versos outros movimentos populares, situados já nos séculos posteriores, como exemplo a FNB (Frente Negra Brasileira), que foi uma organização criada já no século XX, portanto situada na história contemporânea. Faz também menção a vários

escritores e importantes personagens da história da população negra no Brasil no decorrer desses séculos acima mencionados, como exemplo, citamos: Ganga Zumba, Zumbi, Luiza Mahin, Luís Gama, Rebouças, José do Patrocínio, Cruz e Sousa, João Cândido, Solano Trindade e Abdias Nascimento. Portanto, a partir desse ponto de vista, entendemos que a obra *Poema Sobre Palmares* (1987) se encaixa perfeitamente no conceito da “longa duração”, nesse sentido, Braudel (1990, p.16-17) define:

[...] Consideremos, muito perto de nós, no marco da Europa, um sistema económico que se inscreve em algumas linhas e regras gerais bastante claras: mantêm-se em vigor aproximadamente desde o século XVI até ao século XVIII – digamos, para maior segurança, que até à década de 1750. Durante séculos, a actividade económica de populações demograficamente débeis como o mostram os grandes refluxos de 1350-1450 e, sem dúvida, de 1630-1730. Durante séculos, a circulação assiste ao triunfo da água e da navegação, dado que qualquer trajecto continental constitui um obstáculo, uma inferioridade. Os grandes centros europeus, salvo excepções que confirmam a regra (feiras de Champagne, já em decadência no início do período, ou feiras de Leipzig no século XVIII), situam-se ao longo de franjas litorais. Outras características deste sistema: a primazia dos mercadores e comerciantes; o papel eminente desempenhado pelos metais preciosos, ouro, prata e mesmo cobre, cujos choques incessantes só serão amortecidos ao desenvolver-se decisivamente o crédito, nos fins do século XVI; os repetidos refluxos das crises agrícolas estacionárias; a fragilidade, pode dizer-se, da própria base da vida económica; por último, a função desproporcionada, à primeira vista, de um ou dois grandes gráficos exteriores: o comércio do Levante do século XII ao século XVI, o comércio colonial no século XVIII.

Defini assim – ou melhor, evoquei por minha vez depois de muitos outros – os traços fundamentais, para a Europa Ocidental, do capitalismo comercial, etapa de longa duração.

Sendo assim, seguiremos adiante com a nossa análise acerca do *Poema Sobre Palmares*. Este livro-poema, que é a mais longa obra poética de Oliveira Silveira, foi desenvolvido entre os anos de 1972 e 1987. Nele, o poeta narra toda a história do Quilombo dos Palmares, que foi o maior símbolo de resistência dos negros africanos trazidos para o Brasil Colonial na condição de escravos. Localizava-se na Serra da Barriga, região pertencente atualmente ao estado de Alagoas. Essa região situava-se numa área de difícil acesso e coberta por palmeiras, daí a referência do nome do Quilombo. Sua história de luta e resistência perdurou por mais de um século, e configura-se até os dias atuais como grande símbolo da luta negra no Brasil Colônia, com relação a esses fatos elencados nos diz Edison Carneiro (2011, p.19)<sup>89</sup>, um dos pioneiros a escrever sobre a história de Palmares<sup>90</sup>:

<sup>89</sup> A primeira edição é de 1947.

<sup>90</sup> Há uma extensa historiografia sobre Palmares e Zumbi, nessa perspectiva, destacamos: Décio Freitas (1973), Clóvis Moura (1959), Joel Rufino dos Santos (1985), Flávio Santos (2005), dentre outros. No entanto, optamos aqui pelo diálogo com Edison Carneiro, pois entendemos que sua obra foi de extrema importância para o escritor Oliveira Silveira, quando ele passa a pesquisar sobre a história de Palmares já no início de 1970 e propõe o deslocamento das comemorações do “Treze de Maio” para o “Vinte de Novembro”. Além disso, percebemos que a mesma obra, serviu de grande referência quando o poeta passa a escrever seu *Poema Sobre Palmares*, já que é

Negros fugidos ao cativeiro procuravam a liberdade nas florestas dos Palmares – um “cordão de mata brava” que se estendia das vizinhanças do Cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, até a zona ao norte do curso inferior do São Francisco, em Alagoas. O nome de Palmares provinha da extraordinária abundância da palmeira pindoba (*Palma Attalea Pindoba*), cujas plumas dominavam as árvores mais altas, como as sapucaias e as imbiribas, e da presença, em menor quantidade, das palmeiras Ouricuri, catolé e tiara, esta última “uma pequena planta espinhosa, quase trepadeira”. A região era montanhosa e difícil – cômoros, colinas, montes, montanhas, rochedos a pique estendiam-se a perder de vista... Vinha desde o planalto de Garanhuns, no sertão de Pernambuco, atravessando várias ramificações dos sistemas orográficos central e oriental, até as Serras dos Dois Irmãos e do Bananal, no município de Viçosa (Alagoas), compreendendo, entre outras, as Serras do Cafuxi, da Juçara, da Pesqueira, do Comonati e do Barriga – o “oiteiro do Barriga”, onde se travou a maior parte dos combates pela destruição final dos Palmares.

Palmares teve como principais líderes Ganga Zumba e posteriormente seu sobrinho Zumbi, sendo este, o líder que se consagrou com maior projeção da história de Palmares. Em Palmares os negros sobreviveram através da caça, da pesca, coleta, agricultura, entre outras práticas, inclusive realizando trocas de seus produtos advindos da agricultura que praticavam na região por produtos manufaturados com a população vizinha, o que Carneiro (2011, p.3) chama de “simples escambo”:

Os quilombolas concertaram, desde cedo, certa modalidade de comércio – o simples escambo – com os moradores mais vizinhos. Trocavam produtos da terra, objetos de cerâmica, peixes e animais de caça por produtos manufaturados, armas de fogo, roupas, ferramentas industriais e agrícolas.

Pouco se sabe sobre sua organização política, alguns estudiosos apontam para existência de um verdadeiro Estado aos moldes dos reinos africanos, caso do autor Clóvis Moura (1959). Outros, porém, acreditam numa descentralização do poder entre diferentes grupos, discussão pertinente na obra de Flávio Gomes (2005).

Oliveira Silveira retrata em seus versos toda essa história de luta e resistência negra contra séculos de exploração. Inicialmente, o poeta destaca em seus versos a forma como se davam as fugas dos negros cativos para o Quilombo, apontando as marcas da exploração que os escravos traziam preso ao corpo como podemos observar no trecho abaixo (SILVEIRA, 1987, p.1):

Nos pés tenho ainda correntes

---

perceptível as semelhanças entre as informações sobre a história de palmares presentes na obra e os fatos históricos referente a palmares narrados nos versos de Oliveira Silveira.



nas mãos ainda levo algemas  
 e no pescoço gargalheira,  
 na alma um pouco de banzo  
 mas antes que ele me tome,  
 quebro tudo, me sumo na noite  
 da cor de minha pele,  
 me embrenho no mato  
 dos pelos do corpo,  
 do sangue,  
 vôo nas asas negras  
 da alma,  
 regrido na floresta  
 dos séculos,  
 encontro meus irmãos,  
 é Palmar,  
 estou salvo !  
 [...]

Nesse sentido, conforme o autor Edison Carneiro (2011, p.3), Palmares representou para os negros cativos que ali chegavam a sua tão procurada liberdade, que para isso não mediam esforços, inclusive pondo em risco essa liberdade na busca de convencer outros escravizados a fugirem para o quilombo:

A floresta acolhedora dos Palmares serviu de refúgio a milhares de negros que escapavam dos canaviais, dos engenhos de açúcar, dos currais de gado, das senzalas das vilas do litoral, em busca da liberdade e da segurança, subtraindo-se aos rigores da escravidão e às sombrias perspectivas da guerra contra os holandeses. Os negros fugiam na calada da noite, embrenhando-se no mato, mas, com o tempo, desciam novamente para as “cabeceiras” dos povoados, a fim de induzir outros escravos a acompanhá-los e raptar negras e moleques para os Palmares. Em breve, o movimento de fuga era geral.

Além disso, segundo Carneiro, o “rigor do cativo” se configura enquanto um dos principais motivos das fugas para os quilombos, afinal de contas, após os “horrores da travessia” marítima, e das humilhações sofridas no decorrer das transações de venda desse escravo, ele ainda teria de enfrentar os castigos sádicos de seus senhores, que eram terríveis aos olhos de qualquer ser humano. Por isso essa incessante busca do negro cativo em prol de sua liberdade, já não “bastava” terem os negros sido sequestrados de suas terras na África para serem escravizados em outras regiões, ainda teriam que enfrentar de toda desumanidade empregada pelos colonizadores, que por ironia se diziam ser os portadores da “civilização”.

A partir do trecho exposto acima percebemos que havia uma preocupação dos negros que chegavam ao quilombo em trazer novos companheiros em busca da liberdade, pois como nos diz Oliveira Silveira “regrido na floresta dos séculos, encontro meus irmãos, é Palmar, estou salvo!”, ressaltamos também o fato de que a população do quilombo de Palmares não se constituiu apenas pelos negros ou escravizados, mas também, indígenas, mestiços e até

mesmo alguns brancos conviveram ali de uma forma harmoniosa. Segundo Carneiro, os escravos que conseguiam chegar aos Palmares “eram considerados livres, mas os escravos raptados ou trazidos à força das vilas vizinhas continuavam escravos” (p. 31). O interessante, nesse sentido, é o fato de que para que esses escravos raptados pudessem se tornar livres também, bastava levar algum negro cativo para os mocambos de Palmares. Ainda conforme discussão pertinente na obra de Edison Carneiro, o autor ressalta (CARNEIRO, 2011, p.3) o fato de que os negros fugidos vinham tanto dos campos quanto da cidade, quando ele diz:

Os que vinham da lavoura plantavam canaviais, roças de milho, pacovais. Os que vinham das cidades, e conheciam ofícios mecânicos, se instalavam com tendas de ferreiro. Outros empenhavam-se na caça, na pesca, na criação de galinhas, na fabricação de cestos, chapéus, abanos, potes e vasilhas.

Ainda no início do poema, Oliveira Silveira faz referência ao nome de sua maior liderança, ressaltando o fato de que mesmo que sua história ainda não esteja presente de forma recorrente nos livros de história advindos da chamada “historiografia oficial”, esta brilhante história está salvaguardada na memória dos seus bravos guerreiros:

Zumbi – nome gravado  
 [...]
 nos contrafortes da história,  
 [...]
 na alma forte dos negros !

Palmar !  
 [...]
 guarnecendo a memória dos teus  
 bravos !

Palmar !  
 arranquem todas as palmeiras  
 e mais se encravará  
 a raiz dessa memória,  
 quebrem os contrafortes  
 e não se abalará  
 tua glória,  
 queimem a história toda  
 e verão que és eterno !  
 [...]

Nos versos a seguir, o poeta critica a historiografia tradicionalista e tida como “oficial” sobre a história do negro (SILVEIRA, 1987, p.2-3):

Senhor historiador oficial,  
 deixe o sobrado, a casa-grande,  
 recue na linha do tempo,

mergulhe no espaço geográfico,  
 peça licença, limpe os pés,  
 se deixe abocanhar por um quilombo,  
 mastigar pelas choças,  
 meta-se no bucho do Palmar,  
 [...]
 Depois comece a contar.

Trata-se de uma veemente crítica a historiografia oficial que se preocupou muito em relatar a história da escravidão colonial, deixando de lado as lutas de resistência dos negros escravizados. Percebemos ainda que o autor de forma indireta procura atingir a ideia que se desenvolveu no Brasil referente à “democracia racial”, quando ele cita os nomes das obras do escritor Gilberto Freyre “deixe o sobrado, a casa-grande”, obras estas que se configuram como marco nas discussões que permeiam a chamada “democracia racial” brasileira.

Em seguida, o autor relata a forma de como ocorria à caçada ao negro africano, nas mais diversas regiões do continente africano até sua vinda para a colônia, fazendo referências ao seu trabalho nas fazendas dos senhores, as formas de castigos e fugas até o quilombo, na busca de sua liberdade (SILVEIRA, 1987, p.3):

Quilombo !  
 costa africana  
 caçada humana  
 angola e congo  
 - quilombo !

tumba tumbeiro  
 navio negreiro  
 cansa e tombo  
 - quilombo !

venda no porto  
 marca no corpo  
 carga no lombo  
 - quilombo !

roda moenda  
 lavra fazenda  
 cava no fundo  
 - quilombo !

tuzina e tunda  
 relho na bunda  
 ferros e tronco  
 - quilombo !

fuga do açoite  
 negro na noite  
 caminho longo  
 - quilombo !

Mais uma vez, o autor retrata em seus versos os negros cativos, que na noite vinham fugidos para o quilombo, na luta em busca de sua liberdade, sendo muitas vezes procurados nas matas pelos cães farejadores e os capitães-do-mato. Neste sentido, traziam consigo para o quilombo suas divindades e ancestrais, figuras da religião de matriz africana retratadas nos versos pelo poeta, onde ele cita o nome de Nzambi (considerado pelos africanos como Deus supremo e criador nos candomblés). Mesmo que como pudemos observar na obra de Carneiro, havia em Palmares no que diz respeito às crenças, uma espécie de religião “mais ou menos semelhante à católica”, inclusive o autor aponta a existência de capelas com imagens católicas que foram posteriormente encontradas pelos portugueses. Nos versos abaixo, Oliveira Silveira (1987, p.5) aponta os deuses africanos:

Para Palmares veio negro  
que não gemia nos açoites  
E pelo mato escuro veio negro  
que se escondeu na própria noite.  
Pela selva fechada veio negro  
para quem o Palmar foi clareira  
No rastro uns dos outros vieram negros,  
cães acuados farejando o cheiro.  
E negro roubado a esmo  
do cativo para a liberdade,  
do senhor para si mesmo.

Calunga ficou no litoral  
mas o supremo Nzambi,  
o amuado Calundu  
e o espírito bantu dos ancestrais,  
deuses jejes,  
divindades da costa da Guiné,  
todos chega ram logo  
pra acompanhar seu povo, e houve fé.

Ainda neste sentido, o poeta relata que a mata se abriu para criação dessa república de libertação e resistência dos negros, de onde essa população antes explorada pelos seus senhores, a partir de então viviam em harmonia com seus companheiros de luta, tirando seu sustento do que a mata oferecia de melhor. (SILVEIRA, 1987, pp. 6-7).

A mata virgem se abriu colo,  
se abriu ventre,  
se abriu mãe.

A mata estendeu as mãos  
cheias de jaca laranja limão  
lima-de-umbigo laranja-cravo fruta-pão  
coco-da-praia abacate mamão  
melancia pitanga jóá

banana goiaba araçá  
abacaxi jenipapo cajá

A mata estendeu os braços  
com feixes de galhos e troncos,  
pau-d'arco pau-santo tatajuba  
pininga sapucarama maçaranduba  
sucupira Sapucaí paraíba  
[...]

A mata se alvorotou  
em bichos:  
anta paca e guará  
tatu-peba tatu-bola preá  
[..]

A mata indígena se abria  
cordial,  
com alegre sorriso gentil  
verde  
e doces palavras tupis  
ou gês

Negro comeu  
na mesa farta do chão,  
na mesa rica das águas,  
na mesa cheia do céu.  
[...]

E quando ficava triste  
triste triste  
aí tinha liamba pra fumar  
e sonhar  
sem banzar.

Nesse contexto, nos utilizamos das palavras do autor Edison Carneiro para ressaltarmos dessa imensa diversidade natural existente na região de Palmares, da qual os negros que ali viviam retiravam o seu sustento, conforme podemos observar abaixo: (CARNEIRO, 2011, p.20-22).

A floresta estava povoada de árvores frutíferas – e ali se encontravam jaca, laranja, manga, lima-da-pérsia, lima-de-umbigo, laranja-cravo, fruta-pão, cocos-da-praia, abacate, pitanga, limão, melancia, mamão... [...] Outras árvores, excelentes para usos industriais, cresciam à sombra das palmeiras. Por toda parte, na floresta, elevavam-se sucupiras, sapucaias, paus-d'arco, vinhático, putumuju, pau-santo, tatajuba... [...] Em meio a essa mata movimentava-se uma variada população animal, desde a suçuarana até a onça-pintada; jaguatiricas (gatos-do-mato), tanto os vermelhos como os maracajás; antas; guarás, guaxinins... [...] Peixes de rio, traíras, carás, jundiás, caborges, carapós, piabas, muçus...  
[...] Passarinhos de várias cores e tamanhos enchiam com o seu canto a solidão dessas matas – sabiás, bicudos, canários, curiós, brejais... Aves da maior porte, aquáticas como o socó-boi, o carão, a jaçanã... [...] Nas matas os negros encontravam todos os elementos necessários à sua vida.  
[...] E, nos momentos de tristeza, de banzo, de saudade da África, os negros tinham ali à mão a liamba, de cuja inflorescência retiravam a *maconha*, que pintavam por

um cachimbo de barro montado sobre um longo canudo de taquari atravessando uma cabaça de água onde o fumo esfriava. [...] Era o *fumo de Angola*, a planta que dava sonhos maravilhosos.

Era uma terra realmente muito boa, fértil e com uma imensa variedade, onde os negros, antes, cativos, e agora, libertos souberam aproveitar bem de toda essa diversidade que a região lhes proporcionava, obtendo inclusive mais do que o suficiente para o seu sustento, a prova disso foi a existência já apontada aqui de uma espécie de trocas comerciais com os povos vizinhos.

Na República do Quilombo dos Palmares, as crianças negras tinham sua liberdade e verdadeira infância, assim como os negros livres podiam praticar suas danças e cantos (SILVEIRA, 1987, p.8).

Muleque pescava e caçava  
nos matos e riachos de Palmares.  
Muleque brincava livre  
na liberdade alerta de Palmares.  
Mulecada brincava e era gente !

[...]  
Palmares se fez graça e colorido  
para ver florir essa infância.  
[...]

E se dançava porque os livres  
têm direito a dançar.  
E se cantava porque os livres  
têm prazer em cantar.

**Folga, negro,  
branco não vem cá,  
se vié  
pau há de levá.**

Logo em seguida, o poeta retrata em seus versos a vinda dos brancos mandados pelo governo colonial com a intenção de destruir essa luta de resistência dos negros. Com a expulsão dos holandeses em 1654, a carência de mão-de-obra nos engenhos de açúcar do nordeste brasileiro, os elevados preços dos escravos africanos, e a prosperidade do quilombo dos Palmares começam a chamar a atenção das autoridades reais, que sentem a necessidade de tomar providências para demonstrar seu poderio nessa região. E para esta tarefa, foram organizadas expedições, sendo necessárias cerca de trinta e cinco expedições, contando com expedições holandesas ainda no início do século XVII, entre os anos de 1602 e 1608. Pois mesmo que essas expedições tenham sido lideradas pelos melhores chefes militares, com

experiência nas guerras de extermínio, estes, tiveram grandes dificuldades em superar as táticas dos quilombolas, informações que constam no livro de Flávio Gomes (2005) e Edison Carneiro (2011). A seguir, brilhante narrativa de Oliveira Silveira acerca das inúmeras expedições enviadas a Palmares: (SILVEIRA, 1987, pp. 9-10).

E aí vêm toneladas  
de flamengos  
sentir o peso do braço negro.  
– Olá sinhô – de Holanda,  
toma que negro manda!  
– Olá sinhô de Olinda,  
toma que negro brinda!  
– Olá sinhô Nassau,  
toma, de negro mau!

E aí vem mercenários  
– a troco sesmarias de Palmares.  
Com eles vêm, se-vendidos,  
negros comprados, terço de henriquinos.

Alerta quilombos  
de Acotirene, de Dambrabanga,  
de Osenga e da real  
Aqaltune,  
de Andalaquituche,  
[...]  
O do Zumbi, o Amaro, o das Caatingas  
e a capital Macaco lá de onde  
[...]  
Ganga Zumba rei real  
dos negros sem lei nem rei  
de Portugal.

E com eles e conosco,  
irmanados na injúria,  
alguns índios e brancos fulminados  
[...]

Aí vem os mercenários  
vendidos e comprados.  
No quilombo paliçada,  
o peito negro amurada.

A partir de informações que constam na obra de Carneiro, construímos a tabela que segue abaixo com referências dos anos de algumas dessas expedições e também o chefe militar responsável, vejamos:

**Tabela 4:** Informações sobre algumas das expedições enviadas a Palmares

<b>Informações sobre algumas das expedições enviadas a Palmares</b>
---

<b>1602-1608</b>	Bartolomeu Bezerra
<b>Expedições Holandesas</b>	
<b>1644</b>	Rodolfo Baro
<b>1645</b>	João Blaer
<b>Expedições Luso-brasileiras</b>	
<b>1677</b>	Zenóbio Accioly de Vasconcelos
<b>1672</b>	Antônio Jácome Bezerra
<b>1673</b>	Cristóvão Lins
<b>1675</b>	Manuel Lopes
<b>1676</b>	Fernão Carrilho
<b>1677</b>	Fernão Carrilho
<b>1679</b>	Gonçalo Moreira
<b>1680</b>	André Dias
<b>1682</b>	Manuel Lopes
<b>1683</b>	Fernão Carrilho
<b>1684</b>	João de Freitas da Cunha
<b>1686</b>	Fernão Carrilho
<b>1692</b>	Domingos Jorge Velho
<b>1694</b>	Domingos Jorge Velho

**Fonte:** Tabela elaborada pela autora a partir de informações presentes em: (CARNEIRO, 2011, p. 16).

Pela tabela acima percebemos que já no início do século XVII, ou seja, que desde o princípio de Palmares a Coroa Portuguesa se preocupou em enviar expedições para destruir o quilombo, somando-se a essas as duas expedições holandesas, fatos estes que só confirmam o imenso incomodo e preocupação da elite política com esse movimento de resistência empreendido pela população negra, pois como Oliveira Silveira nos diz em seus versos: “Séculos antes do Brasil ser livre, Palmares foi livre. Séculos antes do país considerar-se livre, Palmares foi país e estado livre”. (SILVEIRA, 1987, p. 12).

Oliveira Silveira retrata ainda em seus versos a chegada de Zumbi ao posto de Rei dessa nação quilombola. Pois, por volta do ano de 1677 é oferecido um tratado de paz ao líder Ganga Zumba, este tratado oferecia apenas liberdade aos nascidos no quilombo, assim como uma porção de terras inférteis em determinada região, dessa forma, grande parte dos



quilombolas rejeitou esse acordo, acarretando em uma disputa interna onde Ganga Zumba foi envenenado, subindo ao poder seu irmão Ganga Zona, que era aliado dos portugueses. Com essas dissidências internas, surge a figura de Zumbi, considerado pela história líder de maior projeção dessa população. O poeta relata ainda o fato de que várias sesmarias foram doadas aos que participaram dessas expedições repressoras, principalmente aos oficiais que comandaram estas, como segue abaixo (SILVEIRA, 1987, pp- 10-11):

Então Zumbi chegou  
- é o general das armas.  
Então Zumbi subiu  
e viu a paz traiçoeira.  
Então Zumbi cresceu,  
se agigantou,  
enorme,  
ficou rei.

Era hora da paz de negaça,  
rasteira, armando o bote.  
Tava na hora, sim, de dizer não!

Palmares,  
coração latejante  
no perfil estufado do Brasil!  
Coração de tambor  
ressoando no peito da história.

E aí vem os mercenários  
- a troco, sesmarias de Palmares.  
Vêm em nome do império  
e da fé cristã caolha  
[...]

Guerreiros de Zumbi  
não se vendiam nem compravam.  
combatiam  
pela liberdade que se davam.

Percebemos pelos versos acima a forma heroica e guerreira como o poeta nos apresenta a figura de Zumbi dos Palmares, e nesse sentido, a partir da conexão que fazemos entre poesia (literatura) e historiografia (ciência), nos aponta Edison Carneiro (2011, p.42) importantes informações sobre Zumbi:

O negro Zumbi, que chefiou o quilombo na fase mais decisiva da luta, era chefe do mocambo situado a 16 léguas de Porto Calvo, sobrinho do rei Ganga-Zumba e do presidente do Conselho Ganga-Zona e irmão de Andalaquituche, chefe do mocambo localizado a 25 léguas a noroeste de Alagoas. Quando o sargento-mor Manuel Lopes *entrou* os Palmares, em 1675, Zumbi era o “general das armas” dos quilombolas e foi ferido, a bala, na perna, num combate a 25 léguas para além do Macaco. Um documento da época informava que o chefe negro “ficou vivo, porém aleijado de uma perna”. [...] É provável que esse nome de Zumbi fosse um título ou um apelido,

talvez mesmo simplificação de um nome maior, com a significação de “deus da guerra” que lhe empresta um documento da época. Os adversários o temiam e respeitavam.

Ou seja, mesmo diante de algumas incertezas sobre Zumbi, o certo é que foi sem sombra de dúvidas um grande guerreiro e líder, certamente, o maior de Palmares. Outra informação pertinente a Zumbi, levantada por Edison Carneiro, é o fato de que há possibilidades de Zumbi ter sido casado com uma branca filha de um senhor de engenho de Porto Calvo, que supostamente teria sido raptada por Zumbi quando sua família “se extraviou nas matas alagoanas e caiu nas mãos dos palmarinos...” (CARNEIRO, 2011, p.42).

Em seguida, no poema, Oliveira Silveira ressalta mais uma vez das inúmeras expedições que vieram na tentativa de destruir o Quilombo dos Palmares, e que mesmo diante de seu poderio de armas se desfizeram diante dos guerreiros negros, considerados por eles como sendo inferiores (SILVEIRA, 1987, p. 11):

[...]  
 Expedições expedições  
 despedidas,  
 comandantes mais famosos  
 desafamados,  
 tropas e tropas  
 estouradas  
 por esses negros inferiores,  
 coisas,  
 bestas...

Emboscada  
 de boca escancarada  
 armadilha  
 arreganhando dentes de serrilha.  
 facão, lanças e flechas mastigando  
 e fosso deglutindo.

Mas aí vêm os mercenários  
 - a troco, sesmarias de Palmares.  
 aí vem os mercenários:  
 canhão, armas-de-fogo,  
 queimando casario e canavial,  
 destrói destrói

[...]  
 Corpos despenham-se no precipício,  
 cabeças precipitam-se dos ombros.  
 É noite, não é dia  
 nem hora de Zumbi.

Dando continuidade, o poeta relata toda bravura guerreira de Zumbi, que mesmo após a destruição de Palmares resistiu até o último momento, sendo delatado por um de seus companheiros quilombolas que após tortura revelou o “esconderijo” do líder Zumbi em troca

de sua libertação. Após ter sido capturado em seu mocambo localizado na serra Dois Irmãos pela tropa comandada por André Furtado de Mendonça, Zumbi foi encurralado e morto em uma emboscada, possivelmente a 20 de novembro de 1695 (SILVEIRA, 1987, pp. 12-13):

[...]

A bravura guerreira de Zumbi  
resistindo até o último alento  
de luta, até o último lume  
de vida, até a última chance  
de exemplo.

Séculos antes do Brasil ser livre  
Palmares foi livre.  
Séculos antes do país  
considerar-se livre  
Palmares foi país e estado  
livre.

[...]

Palmares, um século inteiro.  
Libertação primeira do Brasil !

Sobre este fato, o aprisionamento, a resistência e bravura, e posterior morte de Zumbi, também relata Carneiro (2011, p.125):

Os moradores do Rio São Francisco (Penedo) conseguiram prender um dos auxiliares imediatos do Zumbi – “um mulato de seu maior valimento”, como dizia o governador Caetano de Melo e Castro. O prisioneiro estava a caminho do Recife, sob escolta, quando o grupo deu com uma tropa, “que acertou ser de paulistas”, comandada pelo capitão André Furtado Mendonça. Provavelmente os paulistas torturaram o mulato, pois este, “temendo... que fosse punido por seus graves crimes”, prometeu que, se lhe garantissem a vida em nome do governador, se obrigava a entregar o “traidor” Zumbi. A oferta foi aceita – e o mulato cumpriu a palavra, guiando a tropa ao mocambo do chefe negro. O chefe dos Palmares já se tinha desembaraçado da família e se encontrava apenas com 20 negros. Destes, distribuiu 14 pelos postos de emboscada e, com os seis que lhe restavam, correu a esconder-se num sumidouro “que artificialmente havia fabricado”. A passagem, porém, estava tomada pelos paulistas. O Zumbi “pelejou valorosa ou desesperadamente, matando um homem, ferindo alguns, e não querendo render-se, nem os companheiros, foi preciso mata-los...”.

Portanto, a exposição dos fatos acima ratifica toda luta de resistência empreendida pelo líder Zumbi até os momentos finais de sua vida. Após esse episódio em que Zumbi foi morto, posteriormente, sua cabeça foi exposta em praça pública no Recife, como forma de lição e de atemorizar os negros que o consideravam enquanto o chefe “imortal”. Além disso, a morte de Zumbi passou a ser o acontecimento mais importante da carreira militar do capitão André Furtado de Mendonça, que passou a ser reconhecido por esse “grande” feito.

Mas como nos diz Oliveira Silveira em seus versos, outros quilombos ressurgem nesta história de luta da população negra, na qual o poeta destaca grandes nomes dessa luta, como Kamuanga que assume a liderança de Palmares após a morte de Zumbi e tenta reorganizar os “palmaristas”, assim como cita exemplos de escritores negros que se consagraram na história do negro no Brasil “Luís Gama”, “Cruz e Sousa”, que serviram de inspiração para escritores negros contemporâneos como Oliveira Silveira. O poeta aponta ainda nomes de lideranças e militantes negros contemporâneos, a exemplo de Solano Trindade e Abdias do Nascimento. Assinala movimentos negros que surgiram, a exemplo da Frente Negra e Imprensa Negra.

Além disso, demonstra sua indignação com a história dos negros trazida nos livros didáticos, ressaltando o fato de que essa luta continua, pois após a destruição de Palmares, grupos de remanescentes deste quilombo migraram para outras regiões e capitânicas, criando novos mocambos. No Brasil, inúmeros mocambos surgiram em várias regiões (Norte, Sul, Centro-oeste, Nordeste e Sudeste) até as últimas décadas da escravidão, sendo grande também o número de remanescentes de quilombos nos dias atuais (SILVEIRA, 1987, pp. 13-14):

O sangue húmus derramado  
de Zumbi e dos seus,  
de Zumbi e dos meus  
apressou-se a sumir chão a dentro  
para nutrir as veias desta terra,  
o corpo destes outros séculos  
e ressurgiu adiante, cerne  
do tronco de mais quilombos,

[..]

um tal negro Kamuanga nesta mesma  
região dos Palmares,  
o quilombo do Cumbe – Paraíba,  
Manuel Congo em Alagoas,  
fibra malê, briô nagô,  
Luiza Mahin, a preta Zeferina,  
Afro-Bahia de arma na mão,  
– vejam só como a gente era mãe-preta! –  
os Papa-méis, os Alfaiates,  
Cabanos, Cabanagem, Balaiada,  
quilombos do Pará

[...]

– vejam só como a gente era pai-joão! –  
quilombo em toda parte,  
de norte a (Rio Grande) sul,  
em toda parte renascendo  
a semente do brio  
em campos e cidades,  
em Luís Gama, Rebouças, Patrocínio,  
Cruz e Sousa emparedado,

Frente Negra, imprensa negra,  
João Cândido, Solano e Abdias,

[...]

Falsificaram os livros de história,  
trocaram os heróis,  
botaram máscara de carnaval  
nos fatos,  
botaram fogo nos documentos  
do tráfico e do crime  
e então ficamos sendo os que não vieram,  
ficamos sendo os que não são,  
ficamos sendo estas ruínas  
em auto-reconstrução.

Mas a luta prossegue, estrada longa  
abrindo seu próprio sulco  
e picadas,  
rio longo cavando seu leito,  
buscando uma foz.

A luta continua e é por isso  
que este poema é um quilombo.

[...]

Nesse aspecto, encerramos aqui nossa análise que procurou se utilizar da obra *Poema Sobre Palmares* (1987) enquanto uma importante fonte de cultura histórica no processo de reescrita da história e em função da produção do conhecimento histórico, em especial, da história do negro no Brasil. Entendendo o poema enquanto a narração de um “épico” ou de um “grande” acontecimento histórico que narra toda a história do maior símbolo de resistência da população negra escravizada no Brasil Colonial a partir de um “outro olhar”, o olhar de um escritor negro que prosseguiu com a luta contra a marginalização do negro na sociedade, iniciada por Zumbi a cerca de quatro séculos. E como o poeta nos diz: “A luta continua e é por isso que este poema é um quilombo”. Pois, nessa perspectiva, a história de Palmares não havia sido contada para a população negra, o que existia era uma versão “falsificada ou eurocêntrica”, e nesse sentido, era preciso uma outra história. Sendo assim, enxergamos também nessa outra versão a cerca da história de Palmares, uma questão política na qual esse discurso poético argumenta a favor da consciência negra e da identidade negra no Brasil, a partir de uma dimensão poética da cultura histórica do autor Oliveira Silveira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso propósito foi o de estudar o intelectual negro Oliveira Silveira a partir de suas inserções nos saberes históricos sobre a África, visando contribuir para as pesquisas sobre os movimentos sociais afro-brasileiros assim como aprofundar estudos sobre a matriz cultural africana no Brasil contemporâneo. Por isso, procuramos sistematizar as representações africanistas construídas pelo intelectual afro-brasileiro, a partir das fontes arroladas, entre 1962 e 1988, feita a ressalva de que alguns escritos usados são da década de 1990, 2005 e 2007.

Avaliamos, no período estudado, a constituição de uma identidade do negro brasileiro que se posiciona contra a ideologia da democracia racial e cria uma nova pauta de reivindicações políticas do grupo étnico-racial no âmbito da negritude brasileira. Essa identidade se constituirá a partir da busca de uma autenticidade histórico-cultural do negro brasileiro que busca fundamento em sua raiz africana, bem como nos aspectos específicos da experiência histórica do negro no Brasil. Buscando a compreensão do contexto histórico nacional e internacional, entre 1970 (década da nascente data 20 de novembro como data evocativa da consciência negra) e 1988 (cem anos da “Abolição” no Brasil e criminalização do racismo na Constituição brasileira), procuramos entender o processo e a formação dessa identidade afro-brasileira e suas articulações com o contexto de crítica ao mito da democracia racial.

Nessa época, passamos por um momento de ascensão dos movimentos políticos identitários, que buscam com sua luta o reconhecimento de suas emancipações, com grande repercussão política gerando uma internacionalização da luta negra. Dessa forma, ampliamos as bases documentais e historiográficas sobre o africanismo no Brasil e os saberes históricos oriundos da matriz cultural africana na segunda metade do século 20.

A partir deste trabalho, demonstramos exemplos do pensamento dos intelectuais negros a partir de suas inserções nos saberes históricos sobre a África, visando contribuir para as pesquisas sobre os movimentos sociais afro-brasileiros assim como aprofundar estudos sobre a matriz cultural africana no Brasil contemporâneo. Dentro desse contexto, que relata poemas ligados à resistência dos negros escravizados durante séculos, assim como identifica vários elementos ligados à religião de matriz cultural africana.

No capítulo I, por exemplo, denominado *Movimento Negro em movimento*, fizemos apontamentos elencando as iniciais formas de protesto utilizadas pela população negra em sua

luta pela liberdade e contra sua marginalização dentro da sociedade brasileira, citando os quilombos, as práticas religiosas, mesmo que estas estivessem impetradas por um determinado “hibridismo católico”, já que os negros eram proibidos de cultuar suas divindades, teve o samba, o carnaval, a macumba e as importantes organizações negras que surgiram no decorrer da década de 1970, com o ápice em 1978, data de criação do MNU (Movimento Negro Unificado), que representa um símbolo de todas essas lutas contra a discriminação racial que vinham sendo travadas pela população negra na segunda metade do século XX. Dentro desse contexto é que o poeta Oliveira Silveira inicia sua atuação enquanto negro na busca do reconhecimento dos protagonistas negros pela história, que tiveram seu protagonismo e atuação camuflados pela historiografia oficial como se não tivessem existido, ou então, diminuindo sua participação na história. Por esse motivo é que o escritor inicia toda sua atuação com a criação do grupo Palmares em 1971, na busca do “Vinte de Novembro”, data da morte de Zumbi, como data africanista para todos os negros brasileiros, quebrando com a ideia desenvolvida e difundida pela história eurocêntrica do mito de liberdade concedida pela princesa Isabel no Treze de Maio.

Já no capítulo II, *A consciência negra entra em ação*, traçamos um pequeno histórico a cerca dos escritos políticos de Oliveira Silveira. Em seguida fizemos uma pequena trajetória do contexto em que se deu a criação do grupo Palmares e demonstrando, por fim, toda a luta empreendida pelo referido grupo em busca do reconhecimento do “Vinte de Novembro” como Dia Nacional da Consciência Negra, o que acaba ocorrendo em 1978, através de reconhecimento no Manifesto Nacional publicado pelo MNU (Movimento Negro Unificado), o que se configura também enquanto marco da luta negra no Brasil.

E por fim, no capítulo III, *Cultura Histórica e Registro Poético*: a epopeia de Palmares e o “20 de Novembro”, demonstrando o protagonismo negro de Oliveira Silveira a partir de sua produção poética, onde ele escreve poeticamente o seu protagonismo histórico, sendo este, importante para a narrativa negra. Quando através de seus versos o poeta reconta toda história de Palmares, que se inicia em meados do século XVII e vai até a contemporaneidade, o que classificamos enquanto uma “longa duração” a partir da perspectiva de Fernand Braudel sobre as temporalidades históricas, pois nesse poema-livro ou epopeia sobre Palmares, o escritor traz à tona ainda, exemplos de como essa história de luta e resistência perdurou nos anos posteriores com as rebeliões populares que foram forjadas ou tiveram a participação da população negra, as organizações negras que surgiram como a Imprensa Negra já situada no século XX, dando ênfase aos heróis negros que tanto lutaram contra a exploração dessa população e, no entanto, tiveram sua atuação camuflada ou até mesmo apagada da

historiografia oficial. Nesse poema, o escritor destaca ainda nomes de militantes negros da geração atual que tiveram também uma constante atuação contra a desigualdade racial e são tão pouco lembrados em nossa história, a exemplo do também poeta Solano Trindade (1908-1974).

Portanto, a partir de seus escritos políticos enquanto militante negro, assim como de sua produção poética pudemos demonstrar exemplos de como a história da população negra vêm sendo recontada, ou reconstruída sob outra perspectiva, qual seja, uma perspectiva onde o personagem negro aparece enquanto protagonista de sua história e não mais enquanto objeto de estudo de uma historiografia eurocêntrica e embranquecida.

Sendo a partir desta tomada de consciência que Oliveira Silveira começa toda a sua trajetória enquanto militante negro na luta por uma real igualdade racial em nosso país em contraposição a ideia de que vivemos em uma “democracia racial”, onde o poeta faz uma volta ao passado mergulhando na história de Palmares e revivendo toda trajetória de luta e resistência da população negra escravizada que durante séculos lutou contra esta exploração, e como ele bem disse ao final de seu poema sobre Palmares, essa luta continua.

Encerramos nossa análise destacando o fato de que ainda há uma carência em nosso meio acadêmico de trabalhos sobre este importante escritor e poeta negro que tanto lutou contra a discriminação racial no Brasil e foi o grande idealizador do “Vinte de Novembro” como a data negra brasileira. Tendo sido este trabalho apenas uma possibilidade de uso e análise da sua importante produção poética, podendo surgir em nosso meio, futuras pesquisas acadêmicas que se utilizem de seus escritos poéticos a partir de outra perspectiva que não a nossa aqui abordada.



## FONTES

SILVEIRA, Oliveira. **Germinou:** poemas. Porto: UFRGS, 1962.

\_\_\_\_\_. **Poemas Regionais.** Porto Alegre: Edição do autor, 1968.

\_\_\_\_\_. **Décima do Peão Negro.** Porto Alegre: Edição do Autor, 1974.

\_\_\_\_\_. **Praça da Palavra,** Poemas. Porto Alegre: Edição do Autor, 1976.

\_\_\_\_\_. **Roteiro dos Tantãs.** Porto Alegre: Edição do Autor, 1981.

\_\_\_\_\_. **Poema Sobre Palmares.** Porto Alegre: Edição do Autor, 1987.

\_\_\_\_\_. **Anotações à Margem.** Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, 1994.

\_\_\_\_\_. **Poemas: antologia.** Porto Alegre: Edição dos vinte, 2009.

\_\_\_\_\_. Vinte de Novembro: história e conteúdo. In: SILVA, Petronilha B. G.; SILVÉRIO, Valter Roberto. (Orgs.) **Educação e Ações Afirmativas:** entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica. Brasília-DF: MEC/INEP, 2003, p. 21-42.

\_\_\_\_\_. **O Negro no Rio Grande do Sul.** Fundação Cultural Palmares. Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. Depoimentos. In: ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. (Orgs.). **Histórias do movimento negro no Brasil:** depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC – FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. Entrevista aos pesquisadores Elio Chaves Flores, Alessandro Amorim, Arnaldo Sucuma e Kywza Fidelis. **II Encontro Nacional de Estudos Culturais, Afro-Brasileiros.** João Pessoa, LABORHIS (Laboratório de História), Abril de 2007.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: QUEVEDO E DUTRA. (Orgs.). *Na Trilhas da Negritude:* consciência e afirmação. – Porto Alegre: Martins Livreiro, 2007, pp. 5-7.

\_\_\_\_\_. Introdução. In: DANTAS; Elisalva Madruga [et all] (Orgs.). **Textos Poéticos Africanos de Língua Portuguesa e Afro-Brasileiros.** João Pessoa: Idéia. 2007, p. 13-15.

QUILOMBHOJE. **Trinta Anos de Cadernos Negros.** São Paulo: FNC/MC, 2008.

JORNAL TIÇÃO. Porto Alegre, ano I, outubro de 1980.

JORNAL *O EXEMPLO* (n<sup>o</sup> 1, Porto Alegre, 11.12.1892) – edição facsimilada; organização, edição e comentários em rodapé: Oliveira Silveira; Porto Alegre – RS – Brasil, 1992.

REVISTA TIÇÃO. Porto Alegre, n<sup>o</sup> 1, ano I, março de 1978.

\_\_\_\_\_. Porto Alegre, n<sup>o</sup> 2, ano II, agosto de 1979.

BRASIL. Decreto-lei n. 1390, de 3 de julho de 1951. Dispõe sobre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou de côr. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L1390.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L1390.htm)>. Acesso em: 21 jan. 2015.

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n<sup>o</sup> 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 21 jan. 2015.

BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n<sup>o</sup> 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n<sup>o</sup> 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm)>. Acesso em: 21 jan. 2015.

## REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Carlos Antonio Rojas. **Fernand Braudel e as ciências humanas** [livro eletrônico]. Tradução Jurandir Malerba. Londrina: Eduel, 2013.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. (Orgs.). **Histórias do Movimento Negro no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV/Pallas, 2007.

AMORIM, Alessandro Moura de. **MNU Representa Zumbi (1970-2005): cultura histórica, movimento negro e ensino de história**. 2011. 204f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ANDRÉ, Maria da Consolação. **O ser negro: a construção da subjetividade em afro-brasileiros**. Brasília: LGE Editora, 2008.

BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos. (Orgs.). **Brasil: um país de negros?**. Rio de Janeiro; Salvador: Pallas; CEAO, 2007.

BRAUDEL, Fernand. “**História e Ciências Sociais. A longa duração**”. In: Escritos sobre a História. 1<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**. ano 1, junho, n.3., 2010. p.94-109.

BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAMPOS, Deivison Moacir Cezar de. **O Grupo Palmares (1971-1978): um movimento negro de subversão e resistência pela construção de um novo espaço social e simbólico**. 2006. 196f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006

CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos Palmares**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011 [1958].

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2. ed. Tradução Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CHAVES, Rita; SECCO, Carmen; MACÊDO, Tânia. (Orgs.). **Brasil / África: como se o mar fosse mentira**. São Paulo; Luanda: Editora UNESP; Chá de Caxinde, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. Debate: Literatura e História. **Topoi**. jan./dez. nº1., 2000, p.179-216.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DAMASCENO, Benedita Gouveia. **Poesia negra no modernismo brasileiro**. – 2. Ed. Campinas, SP: Pontes Editores – 2003.

FLORES, Elio Chaves. Jacobinismo Negro: lutas políticas e práticas emancipatórias. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. (Orgs.). **As Esquerdas no Brasil**. Vol. 1 (A formação das tradições). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 493-537.

\_\_\_\_\_. Dos Feitos e dos Ditos: História e Cultura Histórica. **Saeculum – Revista de História**. jan./jun. n.16., 2007, p. 83-102.

FREITAS, Décio. **Palmares – A Guerra dos Escravos**. Porto Alegre: Movimento, 1973.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. Rio de Janeiro: Editora 34: UCAM, 2001.

GOMES, Flávio dos Santos. **Palmares: escravidão e liberdade no Atlântico Sul**. Editora Contexto, 2005.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. **Classes, Raças e Democracia**. São Paulo: Editora 34, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014 [1992].

JAMES, Cyril Lionel Robert. **Os Jacobinos Negros: Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. Tradução Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Boitempo, 2000.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos modernos. Tradução Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

MOURA, Clóvis. **Brasil**: raízes do protesto negro. São Paulo: Global Ed., 1983.

\_\_\_\_\_. **As injustiças de Clio**: o negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO. **1978-1988**. 10 anos de luta contra o racismo. São Paulo: Confraria do Livro, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004 [1999].

PEREIRA, Amílcar Araujo. **O mundo negro**: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**. jul./dez. v.7, n.14, 2003, p.31-45.

PONTES, Roberto. **Poesia Insubmissa Afrobrasílusa**. Fortaleza: Editora UFC, 1999.

FUSMANN, K.; GRUTTER, H. T.; RUSEN, J.. *Que es la cultura historica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. [Unpublished Spanish version of the German original text] Historische Faszination. Geschichtskultur heute. Keulen, Weimar and Wenen*: Bohlau, p.3-26, 2009 [1994]. Disponível em: [[http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura\\_historica.pdf](http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf)]. Acesso em 25 jul. 2013.

ROCHA, Solange Pereira da. **Gente negra na Paraíba oitocentista**: população, família e parentesco espiritual. 2007. 350f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

RÜSEN, Jorn. **A Razão Histórica**. Teoria da História. Brasília: Editora UNB, 2001.

SANTOS, Luiz Carlos dos. (Org.). **Antologia da poesia negra brasileira**: o negro em versos. São Paulo: Moderna, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. **A vida de Zumbi dos Palmares**. Editora FAE, 1995.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. História e Literatura: uma relação possível. **Revista Científica**. jan./dez., v.2, 2007, p.1-11.

SARTRE, Jean Paul. **Reflexões Sobre o Racismo**. São Paulo: Difel, 1972 [1968].

WHITE, Hayden. Enredo e verdade na escrita da história. In: MALERBA, Jurandir (Org.). **A História Escrita**: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006, p.191-210.

\_\_\_\_\_. **Trópicos do Discurso**: Ensaios sobre a Crítica da Cultura. Tradução Alípio Correia de Franca Neto. 2.ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.